STEPHEN
KING
O HOMEM DO COLORADO

Stephen King

O HOMEM DO COLORADO

THE COLORADO KID

Tradução livre de Boni

Formatação ePub por LeYtor

1

Depois de decidir que não conseguiria nada de interessante dos dois velhos que compunham a equipe do *The Semanal Islander,* o jornalista do *Boston Globe* deu uma olhada no relógio, comentou que ele só poderia alcançar a balsa de uma e meia, para voltar para o continente, se corresse, agradeceu-lhes por tomar seu tempo, deixou um pouco de dinheiro sobre a mesa, preso embaixo do saleiro para que a brisa marítima não o levasse, e correu pelos degraus de pedra do pátio de refeições do *The Grey Gull* para *Bay Street* e para a pequena cidade abaixo. À exceção de umas olhadelas aos seus seios, ele mal notou a moça sentada entre os dois velhos.

Assim que o jornalista do *The Globe* foiembora, Vince Teague inclinou-se sobre a mesa e retirou a grana—duas de cinqüenta, de debaixo do saleiro. Ele enfiou-as em um bolso de retalho de seu velho, mas utilizável, casaco de tweed com um olhar de inconfundível satisfação.

— O que está fazendo? — Stephanie McCann perguntou, sabendo como Vince gostava muito de chocar o que ele chamava de "seus ossos joviais" (sério, e como ambos viviam fazendo isso), mas neste caso não foi capaz de esconder o choque em sua voz.

— O que lhe parece? — Vince parecia mais satisfeito do que nunca. Com o sumiço do dinheiro, ele alisou o bolso e mordeu o último pedaço de seu rolinho de lagosta.

Então ele limpou a boca com o guardanapo de papel e habilmente pegou o babador de plástico, em forma de lagosta, do jornalista do *Globe,* quando outra fresca rajada de vento, com perfume salgado, tentou levá-lo embora. Sua mão estava quase grotescamente retorcida pela artrite, mas poderosamente rápida para isso.

— Parece que você acabou de pegar o dinheiro que o Sr. Hanratty deixou para pagar o nosso almoço. - disse Stephanie.

— Pois é, bom olho, Steff. — Vince concordou, e piscou um dos seus para o outro homem sentado à mesa.

Este era Dave Bowie, que parecia mais ou menos da idade Vince Teague, mas era, de fato, vinte e cinco anos mais jovem. Era tudo uma questão do equipamento que você ganhava na loteria, foi o que Vince alegou, você funcionava até que ele desmoronasse, remendando-o conforme necessário ao longo do caminho, e ele tinha certeza de que mesmo para gente que viveu cem anos, como ele esperava fazer, no fim das contas isso não parecia mais do que uma tarde de verão.

— Mas por quê?

— Você tem medo que eu roube o *Gull* e ponha a culpa na Helen? — questionou ele.

— Não… Quem é Helen?

— Helen Hafner, a moça que nos atendeu. — Vince apontou para o outro lado do pátio, onde uma mulher, com excesso de peso, com cerca de quarenta anos, pegava os pratos. — Porque é a política de Jack Moody—que por acaso é o dono deste ótimo restaurante, assim como seu pai antes dele, se é que você se importa.

— Eu me importo. — disse ela.

David Bowie, editor-gerente do *The Islander Weekly* pela maioria dos anos que Helen Hafner viveu, inclinou-se e pôs a mão gorducha sobre a sua, jovem e bonita.

— Eu sei que se importo. — disse ele.

— E Vince também. É por isso que ele está se enrolando todo para explicar.

— Porque é hora de aprender. — ela disse, sorrindo.

— Exatamente. — Dave disse. — E o que é bom para velhos como nós?

— Vocês só têm que se preocupar em ensinar às pessoas que querem aprender.

— Isso mesmo. — disse Dave, e recostou-se. — Isso é bom. — Ele não estava vestindo um terno ou casaco esporte, mas um suéter verde e velho. Era agosto e para Stephanie parecia muito quente no pátio do Gull, apesar da brisa do mar, mas ela sabia que ambos os homens sentiam o menor arrepio. No caso de Dave, isto a surpreendeu um pouco, ele tinha apenas sessenta e cinco anos e carregava uns quinze quilos extras, pelo menos. Mas embora Vince Teague pudesse parecer não ter mais que setenta (e põe um ágil setenta nisso, apesar de suas mãos deformadas), ele tinha completado noventa anos mais cedo naquele verão e estava tão magro como um trilho de trem. "Um barbante empalhado", era assim que a Sra. Pinder, secretária, na maior parte do tempo, do *The Islander,* o chamava. Geralmente com uma desdenhosa fungada.

— A política do *The Grey Gull* era que as garçonetes eram responsáveis pelas contas de suas mesas até o pagamento delas. — afirmou Vince. — Jack diz isso a todas as moças que chegam procurando trabalho, apenas para que elas não venham se lamentar para ele mais tarde, dizendo que não sabiam que era parte do negócio.

Stephanie observou o pátio, que ainda estava meio cheio, mesmo a uma e vinte da tarde, e depois olhou para o salão de jantar principal, que dava para *Moose Cove.* Quase todas as mesas ainda estavam tomadas, e ela sabia que a partir do Dia do Memorial até o final de Julho, haveria uma fila do lado de fora até quase três horas. Tumulto controlado, em outras palavras. Esperar que todas as garçonetes se mantivessem a par de todos os clientes quando ela estaria dando duro, carregando bandejas de lagostas e mariscos cozidos—

— Isso não parece ser… — Ela parou, se perguntando se estes dois velhotes, que provavelmente já vendiam seus jornais muito antes que tal coisa como o salário mínimo existisse, ririam dela, se ela terminasse.

— “Justo” pode ser a palavra que você está procurando. — Dave disse secamente, e pegou um rolinho. Foi o último na cesta.

“Justo” pode ser, que rima mais ou menos com “podi sê”, a expressão que parecia querer dizer ao mesmo tempo “sim” e “tanto faz”. Stephanie era de *Cincinnati,* Ohio, e quando ela chegou pela primeira vez à Ilha *Moose-Lookit* para fazer um estágio no *The Semanal Islander,* ela quase tinha se “feito tremê”… que na linguagem sudestina também rima com “podi sê”. Como ela poderia aprender alguma coisa quando ela só entendia uma palavra em sete? E se ela continuasse pedindo-lhes que repetissem o que diziam, quanto tempo levaria antes que eles decidissem que ela era uma idiota congênita (que em *Moose-Lookit* se pronunciava *idjóta,* é claro)?

Ela estava prestes a desistir, depois de quatro dias em um programa de pós-graduação da Universidade de Ohio de quatro meses, quando David conversou reservadamente com ela em uma tarde e disse: “Não desista, Steffi, as coisas vão se ajeitar ‘procê’”. E elas tinham se ajeitado. Quase durante a noite, ao que pareceu, o sotaque foi esclarecido. Era como se ela tivesse uma bolha em seu ouvido que havia de repente estourado milagrosamente. Ela achou que poderia viver aqui o resto da sua vida e nunca falar como eles, mas compreendê-los? “Podi crê” que ela poderia.

— “Justo” é a palavra. — ela concordou.

— Uma das que nunca estiveram no vocabulário de Jack Moody, exceto quando se aplica a calças. — Vince disse, e então, sem mudar o tom: — Devolva esse rolinho, David Bowie. Você está ficando gordo, eu juro, seu “baleião”.

— Da última vez que eu chequei, nós num éramos casados. — Dave disse, e deu outra mordida em seu rolinho. — Será que você não pode dizer a ela o que pensa sem ficar ralhando comigo?

— Ele não é atrevido? — Vince disse. — Ninguém nunca lhe ensinou a não falar com a boca cheia, também. Ele passou um braço sobre as costas de sua cadeira, e a brisa do mar soprou seu cabelo branco, brilhante e fino para sua testa. — Steffi, Helen tem três filhos entre doze e seis anos e um marido que fugiu e a deixou. Ela não quer sair da ilha, e ela pode seguir em frente, apenas servindo no *The Grey Gull,* porque os verões são tão gordos quanto os invernos são magros. Compreendeu?

— Sim, absolutamente. — disse Stephanie, enquanto a senhora em questão se aproximou. Stephanie notou que ela estava usando meias pesadas, que não escondiam totalmente as veias varicosas, e que havia círculos escuros sob seus olhos.

— Vince, Dave. — disse ela, e contentou-se em apenas assentir para a moça bonita,

cujo nome ela não sabia. — Então o seu amigo saiu em disparada. Para a balsa?

— Sim. — disse Dave. — Descobriu que tinha que voltar para o centro de Boston.

— Ei, vocês, acabaram aqui?

— Ah, deixe mais um pouco. — disse Vince. — Mas nos traga a conta quando quiser, Helen. As crianças estão bem?

Helen Hafner fez uma careta.

— Jude caiu da casa na árvore e quebrou o braço na semana passada. Mas que pimentinha! Quase me mata do coração!

Os dois velhos olharam um para o outro… então riram. Eles pararam rapidamente, parecendo envergonhados, Vince ofereceu sua simpatia, mas não adiantou para Helen.

— Os homens podem rir. — ela contou a Stephanie, com um sorriso cansado, sardônico. — Eles todos caíram de suas casas na árvore e quebraram os braços quando eram meninos, e eles todos se lembram que não eram nem um pouco durões. O que eles não se lembram é da mamãe se levantando no meio da noite para lhes darem suas aspirinas. Vou trazer-lhes a conta. — Ela arrastou-se num par de tênis com traseiras desgastadas.

— Ela tem uma boa alma. — disse Dave, tendo a graça de parecer um pouco envergonhado.

— Sim, ela tem. — disse Vince. — E se nós recebemos o lado áspero de sua língua, provavelmente o merecemos. Enquanto isso, aqui está o acordo sobre este almoço, Steffi. Eu num sei quanto custam três rolinhos de lagosta, um jantar de lagosta fumegante, e quatro chás gelados em Boston, mas o jornalista deve ter se esquecido que aqui em cima nós vivemos no que um economista chamaria de "a fonte do suprimento", e por isso ele deixou cem dólares sobre a mesa. Se Helen nos trouxer uma conta que der mais do que cinqüenta e cinco pratas, eu vou sorrir e beijar um porco. Está me acompanhando?

— Sim, claro. - disse Stephanie.

— Agora, o modo como isto funciona para aquele cara do *The Globe* é que ele rabisca "Almoço, *Grey Gull,* Ilha *Moose-Lookit* e Séries de Mistérios Inexplicados" em seu pequeno e caro livro do *Boston Globe* enquanto ele está voltando para o continente na balsa, e se ele for honesto, ele escreverá que gastou cem dólares, mas se ele tem um fio de desonestidade em sua alma, ele escreverá cento e vinte e levará sua garota ao cinema com o que sobrou. Entendeu?

— Sim. — disse Stephanie, e lhe deu um olhar reprovação enquanto bebia o resto de seu chá gelado. — Eu acho que você é muito cínico.

— Não, se eu fosse muito cínico, eu teria dito cento e trinta com certeza.

Isso fez com que Dave soltasse um riso abafado.

— De qualquer modo, ele deixou cem pratas, e isso é, pelo menos, trinta e cinco dólares em demasia, mesmo com vinte por cento de gorjetas adicionados. Então eu peguei o dinheiro dele. Quando Helen trouxer a conta, vou assiná-la, porque o *The Islander* tem crédito aqui.

— E você vai dar a ela mais do que vinte por cento de gorjeta, eu espero. -disse Stephanie. — Dada a sua situação em casa.

— É exatamente aí onde você está errada. — afirmou Vince.

— Estou, por quê?

Ele olhou para ela pacientemente.

— Por que você acha? Porque eu sou um babaca? Um pão duro?

— Não. Eu não acredito nisto mais do que acredito que homens negros são preguiçosos ou que os franceses pensam em sexo o dia todo.

— Então coloque o seu cérebro para trabalhar. Deus deu-lhe um ótimo. — Stephanie tentou, e os dois homens a observaram, interessados.

— Ela veria isso como caridade. — Stephanie disse finalmente. Vince e Dave trocaram um olhar divertido.

— O que foi? — Stephanie perguntou.

— Está um pouco próxima dos homens negros preguiçosos e dos franceses tarados, num acha, querida? — Dave perguntou, deliberadamente ampliando seu sotaque sudestino até um quase sotaque burlesco. — Só que agora é a mulher ianque orgulhosa que não vai aceitar caridade. Sentindo que estava desviando cada vez mais no emaranhado sociológico, Stephanie disse:

— Você quer dizer que ela pegaria. Para seus filhos, não para si mesma.

— O homem que pagou nosso almoço era de fora. — disse Vince. — Pelo que Helen Hafner sabe, o pessoal de fora vive deixando seu dinheiro cair de suas… suas carteiras.

Divertida com o seu repentino desvio para a delicadeza, Stephanie olhou ao redor, primeiro para o pátio onde estavam sentados, em seguida, através do vidro na área de estar coberta. E ela viu uma coisa interessante. Muitos—talvez a maioria— dos clientes aqui fora na brisa eram locais, assim como a maioria das garçonetes servindo-os. Dentro, estavam os

veranistas, os chamados “forasteiros”, e as garçonetes servindo-os eram mais jovens. Mais bonitas, também, e também de fora. O verão ajuda. E de repente ela entendeu. Ela errara em colocar seu chapéu de socióloga. Era muito mais simples do que isso.

— As garçonetes do *The Grey Gull* dividem as gorjetas, não é? — perguntou ela. — É isso.

Vince apontou um dedo para ela como se fosse uma arma e disse: “Bingo”.

— Então o que você faz?

— O que eu faço. — disse ele. — É dar gorjeta de quinze por cento quando eu assinar a conta e colocar quarenta dólares do dinheiro daquele cara do *Globe* no bolso de Helen. Ela fica com tudo isso, o jornal não se machuca, e o que Tio Sam não sabe, não o incomoda.

— É a maneira como a América faz negócios. — Dave disse solenemente.

— E você sabe do que eu gosto? — Vince Teague disse, virando o rosto para o sol acima. Quando ele fechou os olhos ante seu brilho, o que pareciam ser mil rugas se tornaram visíveis em sua pele. Elas não lhe denunciavam a idade, mas o faziam parecer ter oitenta.

— Não, o quê? — Stephanie perguntou, divertida.

— Eu gosto da maneira como o dinheiro vai e volta, como a roupa em uma secadora. Eu gosto de assistir. E neste momento em que a máquina finalmente pára de girar, o dinheiro acaba aqui em cima, em *Moosie,* onde as pessoas realmente precisam dele. Além disso, apenas para tornar isso perfeito, aquele cara da cidade pagou nosso almoço, e saiu sem nada.

— Correu sem nada, na verdade. — disse Dave. — Teve que chegar ao barco, saca. Me fez pensar naquele poema de Edna St. Vincent Millay. “Nós estávamos muito cansados, nós estávamos muito felizes, fomos para lá e para cá por toda a noite na balsa.” Não é exatamente isso, mas está perto.

— Ele não estava muito alegre, mas ele vai estar legal e cansado quando chegar à sua próxima parada. — Vince afirmou. — Eu acho que ele mencionou Madawaska. Talvez ele encontre alguns mistérios inexplicáveis por lá. Por que alguém iria querer viver num lugar assim, por exemplo. Dave, me ajude.

Stephanie acreditava que havia uma espécie de telepatia entre os dois velhos, brusca, mas real. Ela viu vários exemplos disso desde que chegou à Ilha *Moose-Lookit* há quase três meses, e ela via outro exemplo agora. A garçonete estava retornando, com a conta na mão. Dave estava de costas para ela, mas Vince a viu chegar, e o homem mais jovem sabia exatamente o que o editor do *The Islander* queria. Dave enfiou a mão no bolso, tirou a carteira, tirou duas notas, dobrou-os entre os dedos, e passou-as sobre a mesa. Helen chegou um momento depois. Vince pegou a conta dela com uma das mãos nodosas. Com a outra ele deslizou as notas dentro do bolso da saia de seu uniforme.

— Obrigado, querida. — disse ele.

— Têm certeza que não vão querer sobremesa? — Perguntou ela. — Tem bolo de chocolate e cereja do Mac. Não está no cardápio, mas ainda temos alguns.

— Eu vou passar. Steffi?

Ela balançou a cabeça. O mesmo fez—com algum pesar—Dave Bowie.

Helen concedeu (se essa era a palavra) a Vincent Teague um olhar severo de julgamento. — Seria bom engordar, Vince.

— Jack Espadilha e sua esposa, esses são eu e Dave. — disse Vince brilhantemente.

— Ah, é. — Helen olhou para Stephanie, e um de seus olhos cansados fechou-se em um breve piscar de olhos, com um bom humor surpreendente. — Mas que dupla você escolheu, senhorita. — disse ela.

— Eles são legais. — disse Stephanie.

— Claro, e após isto, você provavelmente vai direto para o *The New York Times*. - disse Helen. Pegou os pratos, e acrescentou: — Eu vou voltar para o que resta da batalha. — e partiu.

— Quando ela descobrir que tem quarenta dólares no bolso… — Stephanie disse — Será que ela saberá quem os colocou lá? — Ela olhou novamente para o pátio, onde talvez duas dezenas de clientes estivessem bebendo café, chá gelado, cervejas vespertinas, ou comendo o bolo de chocolate de cereja que não estava no cardápio. Nem todos pareciam capazes de escorregar quarenta dólares em dinheiro no bolso de uma garçonete, mas alguns deles sim.

— Provavelmente ela vai. — Vince disse. — Mas me diga uma coisa, Steffi.

— Eu digo, se eu puder.

— Se ela não soubesse, isso seria dinheiro ilegal?

— Eu não sei do que…

— Eu acho que sabe sim. — disse ele. — Vamos lá, vamos voltar para o jornal. As notícias não esperam.

2

Aqui estava a coisa que Stephanie mais amava sobre o *The Weekly Islander,* a coisa que ainda possuía seu charme depois de três meses gastos basicamente em escrever anúncios: em uma tarde clara você poderia andar seis passos da sua mesa e ter uma vista deslumbrante da costa do Maine. Tudo o que se tinha a fazer era entrar no deque sombreado com vista para o mar e percorrer o comprimento do edifício em forma de celeiro que era o jornal. Era verdade que o ar cheirava a peixe e algas, mas tudo em *Moose-Lookit* cheirava daquela maneira. Você se acostumava a ele, Stephanie descobrira, e então uma coisa linda aconteceu —depois que seu nariz dispensava aquele cheiro, ele ia e farejava-o outra vez, e na segunda vez, você se apaixonava por ele.

Nas tardes claras (como esta perto do final de agosto), cada casa, doca e barco de pesca, ali do lado de *Tinnock*, perto do mar, se destacava de forma brilhante, ela conseguia ler o *Sunoco* do lado de uma bomba de diesel e *The Lee Lee Bett* no casco de algum sustentáculo de barco de arinca, encalhado por causa da temporada para ser pintado. Ela podia ver um menino de calções e uma blusa rasgada dos Patriots Jersey pescando no cascalho onde o lixo se espalhava abaixo do Bar do Preston, e milhares de centelhas do brilho do sol em lampejos prateados em centenas de telhados na vila. E, entre a *Tinnock Village* (que era, na verdade, uma cidade de bom tamanho) e a Ilha *Moose- Lookit,* o sol brilhou sobre a água mais azul que ela já havia visto. Em dias como este, ela se perguntava como ela voltaria para o Centro-Oeste, ou mesmo se poderia. E nos dias em que o nevoeiro surgia e todo o mundo da ilha parecia ter sido obliterado, e o triste choro do galo ia e vinha, como a voz de alguma besta antiga… ora, ela se perguntava a mesma coisa.

“Você vai querer ser cuidadosa, Steffi”, Dave lhe dissera um dia, quando ele veio até ela, que estava sentada lá fora no deque, com seu bloco amarelo no colo e rabiscos de uma coluna inacabada da *Arts N Things.* “A vida em uma ilha tem um modo de penetrar em seu sangue, e uma vez ela chega lá, é como a malária. Não sai facilmente”.

Agora, depois de acender a luz (o sol tinha começado a ir para o outro lado da sala e há muito tempo começara a escurecer), ela se sentou em sua mesa e encontrou seu bloco de confiança com uma nova coluna da *Arts ‘N Things* no topo da página. Esta era praticamente intercambiável com qualquer outra da meia dúzia que ela, até então, já havia entregado, mas ela olhou-a com carinho inegável mesmo assim. Era dela, afinal de contas; era seu trabalho escrever e ser paga para isso, e ela não tinha dúvidas de que todas as pessoas próximas à área de circulação do *The Islanders*—que era muito grande— a haviam lido.

Vince sentou-se atrás de sua própria mesa com um pequeno, mas audível, grunhido. Foi seguido por um som estalado quando ele se torceu primeiro para a esquerda e depois para a direita. Ele chamou isso de “ajeitar a espinha.” Dave disse que ele um dia iria paralisar-se do pescoço para baixo, enquanto “ajeitava sua espinha”, mas Vince parecia singularmente

despreocupado com a possibilidade. Agora, ele ligou o computador, enquanto seu editor-chefe sentava-se no canto de sua mesa, pegou um palito de dente, e começou a usá-lo para remexer na sua placa superior.

— O que vai ser? — Dave perguntou enquanto Vince esperava o seu computador iniciar. — Fogo? Dilúvio? Terremoto? Ou a revolta das multidões?

— Eu pensei em começar com Ellen Dunwoodie arrancando o hidrante da *Beach Lane* quando o freio de seu carro se soltou. Então, uma vez que esteja devidamente aquecido, eu pensei em passar a reescrever o meu editorial da biblioteca. — disse Vince, e estalou os nós dos dedos. Dave olhou para Stephanie, da elevação no canto da mesa de Vince.

— Primeiro as costas, em seguida, os nós dos dedos. — disse ele. — Se ele pudesse aprender a tocar "Dry Bones" em suas costelas, poderíamos levá-lo ao *American Idol*.

— Sempre um crítico. — disse Vince amigavelmente, aguardando a sua máquina iniciar. — Sabe, Steff, há algo de perverso nisso. Aqui estou eu, noventa anos de idade e pronto para a mesa de autópsia, usando um computador Macintosh novinho, e aí está você sentada, vinte e dois anos e linda, fresca como um pêssego novo, mas ainda assim rabiscando num bloco amarelo como uma solteirona em um romance vitoriano.

— Eu não acredito que blocos amarelos tenham sido inventados na época vitoriana. — disse Stephanie. Ela vasculhou os papéis sobre sua mesa. Quando ela havia chegado à Ilha *Moose Lookit* e ao *The Weekly Islander* em junho, eles haviam lhe dado a menor mesa do local—pouco maior do que uma mesa de escola, na verdade—afastada no canto. Em meados de julho, ela tinha sido promovida a uma maior no meio da sala. Isso a agradou, mas o aumento do espaço também ofereceu uma área maior para que as coisas se perdessem. Ela caçou por aí até que encontrou uma circular rosa brilhante.

— Algum de vocês sabe que organização é essa que lucra com o festival anual de fim de verão das fazendas Gernerd de Dança Rústica e Piquenique, este ano apresentando *Little Jonna Jaye e os Straw Hill Boys*?

— Essa organização seria Sam Gernerd, sua mulher, seus cinco filhos, e seus diversos credores. — Vince disse, e sua máquina apitou. — Eu tenho que lhe dizer, Steff, você fez um trabalho e tanto com essa sua pequena coluna.

— Sim, você fez. — Dave concordou. — Nós temos recebido dúzias de cartas, eu acho, e só uma delas foi ruim, foi a da Sra. Edina Steen, a Rainha Sudestina da Gramática, ela é completamente louca.

— Mais maluca que um chapeleiro. — Vince concordou.

Stephanie sorriu, imaginando o quão era raro uma vez que você se graduava na infância, este sentimento de felicidade perfeito e descomplicado.

— Obrigada. — disse ela. — Obrigada a ambos.

E em seguida:

— Posso te perguntar uma coisa? Diretamente?

Vince girou em torno de sua cadeira e olhou para ela.

— Qualquer coisa sob o sol, se isso vai me manter longe da Sra. Dunwoodie e o hidrante. — disse ele.

— E eu de ficar longe de fazer faturas. — disse Dave. — Embora eu não possa ir para casa até que elas estejam terminadas.

— Não deixe essa papelada virar seu chefe! — Vince disse. — Quantas vezes eu já te disse?

— Fácil para você dizer. — Dave rebateu. — Você não olha o talão de cheques do *The Islander* há dez anos, nem mesmo o carrega.

Stephanie estava determinada em não deixá-los se desviarem—ou a desviarem—nesta velha discussão.

— Parem com isso, vocês dois.

Eles olharam para ela, surpresos em silêncio.

— Dave, você bem disse ao Sr. Hanratty do *The Globe* que você e Vince têm trabalhado juntos no *The Islander* por quarenta anos.

— Sim.

— E você começou em 1948, Vince.

— É verdade. — disse ele. — Era chamado de *The Semanal Shopper and Trading Post* até ao Verão de 1948, apenas uma papelada gratuita nos vários mercados da ilha e nas lojas maiores no continente. Eu era um jovem cabeça-dura e de sorte terrível. Foi quando que eles tiveram os grandes incêndios em *Tinnock* e

Hancock. Aqueles incêndios… eles não fizeram a fama do jornal, eu não diria isso—embora houvessem outros que se favoreceram na época—mas foi um bom começo, com certeza. Não foi até 1956 que eu tive tantos anúncios como no verão de 1948.

— Então vocês estão no ofício por mais de cinqüenta anos, e por todo esse tempo vocês nunca cruzaram com um mistério real e inexplicável? Isso pode ser verdade?

Dave Bowie parecia chocado.

— Nós nunca dissemos isso!

— Caramba, você estava lá! — Vince declarou, igualmente escandalizado.

Por um momento, eles conseguiram manter suas expressões, mas somente

quando Stephanie McCann continuou a olhar de um para o outro, empertigada, como uma professora de um filme de faroeste de John Ford, eles não puderam continuar. Primeiro a boca de Vince Teague começou a tremer em um canto, e depois o olho de Dave Bowie começou a se contrair. Eles poderiam ter disfarçado bem, mas então cometeram o erro de se entreolharem e um momento depois eles estavam rindo como a dupla de crianças mais velha do mundo.

3

— Foi você quem contou a ele sobre a Linda Lisa. — Dave disse a Vince quando ele se endireitou. A *Linda Lisa Cabot* era um barco de pesca que tinha afundado na vizinhança costeira da Ilha *Smack* na década de vinte, com um tripulante morto esparramado na proa e os outros cinco homens desaparecidos. — Quantas vezes você acha que Hanratty ouviu essa história, a torto e a direito nesta parte da costa?

— Oh, não sei, em quantos lugares você julga que ele parou antes de chegar aqui, meu caro? — Vince rebateu, e um instante depois os dois homens estavam de novo, desabando em risos, Vince batendo em seu joelho ossudo, enquanto Dave batia em uma de suas gordas coxas.

Stephanie os observava, franzindo a testa, não irritada, não divertida (bem… um pouco), apenas tentando compreender a origem dos seus uivos de bom humor. Ela própria tinha pensado que a história da *Linda Lisa Cabot* era boa o suficiente para pelo menos um, em uma série de oito artigos sobre, adivinhem, Inexplicáveis Mistérios da Nova Inglaterra, mas ela não era nem estúpida, nem insensível, ela estava perfeitamente consciente de que o Sr. Hanratty tinha pensado que essa história não era boa o suficiente. E sim, ela sabia pela sua expressão que ele a tinha ouvido antes, em suas caminhadas de idas e vindas pela costa entre *Boston* e *Moose-Lookit,* e provavelmente mais de uma vez.

Vince e Dave assentiram quando ela demonstrou esta idéia.

— Podi crê. — disse Dave. — Hanratty pode ser de fora, mas isso não faz dele um preguiçoso ou um estúpido. O mistério da Linda Lisa—cuja solução certamente teve a ver com contrabandistas de armas e bebidas vindos do Canadá, embora ninguém nunca vá saber com certeza—tem sido revirado por anos. Ele foi escrito em meia dúzia de livros, sem mencionar revistas da *Downeast* e *Yankee*. - E, diga, Vince, também não foi pelo *The Globe*?

Vince balançou a cabeça.

—Talvez. Sete, talvez nove anos atrás. Suplemento dominical. Embora pudesse ter sido o *Providence Journal.* Tenho certeza que foi o *Portland Sunday Telegram* que fez o artigo sobre os Mórmons, que apareceram em *Freeport* e tentaram afundar uma mina no deserto do *Maine*...

— E as Luzes Costeiras de 1951 têm grande atenção nos jornais em quase todos os Dias das Bruxas. — Dave acrescentou alegremente. — Sem contar os sites sobre OVNIs.

— E uma mulher escreveu um livro no ano passado sobre o envenenamento naquele piquenique da igreja em *Tashmore.* — Vince terminou. Este foi o último “mistério inexplicável” que eles tinham relatado ao repórter do *The Globe* durante o almoço. Isso foi pouco antes de Hanratty decidir que poderia chegar a tempo na balsa de uma e meia, e de

certo modo Stephanie pensou que agora não poderia culpá-lo.

— Então você o estava provocando. — disse ela. — O irritando com histórias antigas.

— Não, querida! — Vince disse, desta vez parecendo chocado de verdade (bem, talvez, Stephanie pensou).

— Cada um deles é mistério sem solução da costa da Nova Inglaterra—nossa parte nisso, ao menos.

— Nós não poderíamos ter certeza de que ele conhecia todas essas histórias, até dar fora. — disse Dave, racional. — Não que isso nos tenha surpreendido.

— Não. — Vince concordou. Seus olhos brilhavam. — Era um cão velho, eu teria que concordar. Mas ele nos pagou um almoço agradável, não é? E nós vimos o dinheiro ir e vir, e terminar bem onde deveria… em parte no bolso de Helen Hafner.

— E essas histórias são realmente as únicas que vocês conhecem? Histórias que foram mastigadas e cuspidas em livros e grandes jornais?

Vince olhou para Dave, seu comparsa de longa data.

— Eu disse isso?

— Não. — disse Dave. — E eu não acredito que eu também tenha.

— Bem, e que outros mistérios inexplicáveis vocês conhecem? E por que não disseram a ele?

Os dois homens mais velhos se entreolharam, e mais uma vez Stephanie McCann sentiu a telepatia trabalhando. Vince deu um ligeiro aceno na direção da porta. Dave levantou-se, atravessou metade do quarto brilhantemente iluminado (na metade escura estava a antiga e grande prensa de impressão que não funcionava há sete anos), e virou o cartaz pendurado na porta de "aberto" para "fechado". Então ele voltou.

— Fechado? No meio do dia? — Stephanie perguntou, com o mais leve toque de inquietação em sua mente, se não em sua voz.

— Se alguém vier com novidades, eles vão bater. — disse Vince, bastante racional. — Se a notícia for grande, eles arrombarão.

— E houver um incêndio no centro, nós vamos ouvir o apito. — Dave falou. — Venha para fora no deque, Steffi. O sol de agosto não é para se perder, isso não dura muito tempo.

Ela olhou para Dave, em seguida para Vince Teague, que era mentalmente rápido aos noventa como tinha sido aos quarenta e cinco. Ela estava convencida disso.

— É hora de aprender? — perguntou ela.

— Isso mesmo. — disse Vince, e embora ele ainda estivesse sorrindo, ela sentiu que ele estava falando sério. — E o que é bom para uns velhos como nós?

— Vocês só têm que se preocupar em ensinar às pessoas que querem aprender.

— Pois é. 'Cê quer aprender, Steffi?

— Sim. — Ela falou sem hesitar, apesar da estranha inquietação interior.

— Então, saia daí e sente-se. — disse ele. — Venha e sente um pouco.

Assim ela o fez.

4

O sol estava quente, o ar estava fresco, a brisa era tenra com sal e rica com o som de sinos, buzinas e das ondas. Esses foram os sons que ela tinha chegado a amar em apenas um espaço de semanas. Os dois homens estavam sentados, um a cada lado dela, e embora ela não soubesse disso, ambos tinham mais ou menos o mesmo pensamento: a idade estraga a beleza. E não havia nada de errado com o pensamento, porque ambos compreendiam que suas intenções eram perfeitamente sólidas. Eles entenderam o quão boa ela poderia ser no trabalho, e quanto ela queria aprender; toda essa linda cobiça faz você querer ensinar.

— Então. — disse Vince quando se ajeitaram. — Pense sobre essas histórias que nós contamos a Hanratty na hora do almoço, Steffi—A Lisa Cabot, as Luzes Costeiras, os Mórmons Errantes, os Envenenamentos da Igreja Tashmore que nunca foram resolvidos—e me diga o que elas têm em comum.

— Elas nunca foram desvendadas.

— Tente melhorar, querida. — disse Dave. — Você está me decepcionando.

Ela olhou para ele e viu que ele não estava brincando. Bem, isso é bastante

óbvio, considerando a razão de Hanratty ter pagado o almoço para eles, para começar: a série em oito edições do *The Globe* (talvez até dez edições, Hanratty tinha dito, se ele pudesse ter encontrado histórias suficientemente peculiares), que a redação esperava publicar entre setembro e o Dia das Bruxas.

— Todas elas foram exploradas ao máximo?

— Melhorou um pouco. — disse Vince. — Mas ainda não está fazendo nenhuma grande descoberta. Pergunte isso a si mesma, minha jovem: por que foram exploradas ao máximo? Por que algum jornal da Nova Inglaterra sempre publica algo sobre as Luzes Costeiras ao menos uma vez por ano, junto com um monte de fotos borradas tiradas há mais de meio século atrás? Por que algumas revistas regionais como a *Yankee* ou a *Coast* sempre entrevistam Clayton Riggs ou Ella Ferguson pelo menos uma vez por ano, como se subitamente eles fossem saltar possuídos por Satã, em calças de seda, e dizer algo totalmente novo?

— Eu não sei quem são essas pessoas. — disse Stephanie.

Vince bateu a mão na parte de trás da cabeça.

— Pois é, meu engano. Eu continuo esquecendo que você é de fora.

— Devo tomar isso como um elogio?

— Poderia; provavelmente deveria. Clayton Riggs e Ella Ferguson eram os únicos que bebiam café gelado naquele dia no Lago *Tashmore* e não morreram por isso. Ferguson ficou bem, mas Riggs está paralisado em todo o lado esquerdo de seu corpo.

— Isso é terrível. E eles continuam a entrevistá-los?

— Sim. Quinze anos se passaram, e eu acho que qualquer um com meio cérebro sabe que ninguém nunca vai ser preso por esse crime—oito pessoas envenenadas pelos lados do lago, e seis delas mortas—mas ainda assim Ferguson e Riggs aparecem na imprensa, parecendo cada vez mais bambos: "O que aconteceu naquele dia?" e "Horror em Lakeside" e… você me entendeu. É apenas outra história que o pessoal gosta de ouvir como "Chapeuzinho Vermelho" ou "O Lobo e os Três Carneirinhos". A pergunta é… por quê?

Mas Stephanie tinha saltado adiante.

— Existe algo, não é? — ela disse. — Alguma história que vocês não contaram para ele. O que é?

Mais uma vez aquele olhar passou entre eles, e desta vez nem de longe ela poderia ler o pensamento que o acompanhou. Eles estavam sentados em cadeiras idênticas, Stephanie com as mãos sobre os braços da dela. Dave se inclinou e afagou uma delas.

— Não nos importamos em te contar, não é, Vince?

— Não, acho que não. — Vince disse, e mais uma vez aquelas rugas apareceram enquanto ele sorria para o sol.

— Mas se você quiser andar na balsa, você terá que trazer o chá para os caipiras. Você já ouviu essa?

— Em algum lugar. — Ela pensou em um dos antigos álbuns de recordações de sua mãe, no sótão.

— OK. — Dave disse. — Então responda a pergunta. Hanratty não queria essas histórias porque elas já estavam esfrangalhadas. Por que elas ficaram assim?

Ela pensou sobre isso, e mais uma vez a deixaram raciocinar. Mais uma vez tiveram prazer em vê-la fazer isso.

— Bem. — disse Stephanie, enfim. — Eu suponho que as pessoas gostam de histórias que são boas para assustar numa noite de inverno, especialmente se as luzes estão acesas e o fogo está agradável e acolhedor. Histórias sobre, vocês sabem, o desconhecido.

— Quantas coisas desconhecidas há por história, querida? — Vince Teague perguntou. Sua voz estava suave, mas seus olhos estavam atentos.

Ela abriu a boca para dizer “quantas houver”, de qualquer forma, pensando no piquenique envenenado da igreja, e em seguida, fechou-a novamente. Seis pessoas morreram naquele dia, às margens do Lago *Tashmore,* mas uma grande dose de veneno tinha matado a todos eles, e ela imaginou que tinha sido apenas uma mão a administrá-lo. Ela não sabia quantas Luzes Costeiras tinha havido, mas não tinha dúvida de que o pessoal pensava nelas como um único fenômeno. Então…

— Um. — ela disse, sentindo-se como um concorrente na fase final de um programa de auditório de perguntas e respostas. — Uma coisa desconhecida por história?

Vince apontou o dedo para ela, sorrindo de forma mais ampla do que nunca, e Stephanie relaxou. Esta não era uma escola de verdade, e estes dois homens não deixariam de gostar dela se ela errasse uma resposta, mas ela queria agradá-los de um modo que ela só tinha feito antes com seus professores de colégio e faculdade. Os que eram determinados nos seus compromissos.

— A outra coisa é que o pessoal tem que acreditar em seus corações que há alguma coisa lá fora, e eles tiveram uma ótima idéia do que poderia ser. — disse Dave. — Aqui está a Linda Lisa, arrebentou-se sobre as rochas ao sul de *Dingle Nook* em *Smack Island* em 1926.

— 27. — Afirmou Vince.

— Tudo bem, 1927, sabichão, e Teodore Riponeaux ainda está a bordo, mas morto como um peixe pescado, os outros cinco sumiram, e ainda que não haja nenhum sinal de sangue ou de luta, o pessoal diz que deve ter sido obra de piratas, então agora há histórias sobre como eles tinham um mapa do tesouro e encontraram ouro enterrado, que o pessoal que o guardava roubou tudo e sabe-se lá mais o quê.

— Ou eles lutaram entre si. — afirmou Vince. — Essa sempre foi a favorita da Linda Lisa. A questão é que existem histórias que algumas pessoas gostam de contar e outras que as pessoas gostam de ouvir, mas Hanratty foi sábio o suficiente para saber que seu editor não se apaixonaria por essa história requentada.

— Em outros dez anos, talvez. — disse Dave.

— Porque mais cedo ou mais tarde, o velho é novo outra vez. Você pode não acreditar nisso, Steffi, mas é realmente verdade.

— Eu acredito. — disse ela, e pensou: Chá para os caipiras, foi Al Stewart, ou Cat Stevens quem disse isso.

— Então temos as Luzes Costeiras. — disse Vince. — E posso lhe dizer exatamente o que sempre a fez ser a favorita. Há uma foto delas, provavelmente não é nada—luzes refletidas de *Ellsworth* sobre nuvens baixas que pendiam juntas de maneira exata o suficiente para criarem círculos que pareciam discos voadores—e abaixo delas você pode ver toda a equipe da liga juvenil dos *Hancock Lumber* olhando para cima, todos em seus uniformes.

— E um menino apontando pra cima com a luva. — disse Dave. — É o toque final. E todas as pessoas olham pra isso e dizem: Ora, devem ser extraterrestres, dando uma passada para assistir um pouco do grande passatempo americano. Mas ainda é apenas uma coisa desconhecida, desta vez com fotos interessantes para se meditar mais, então as pessoas continuam a retornar a essa história, de novo e de novo.

— Mas não o *Boston Globe.* — disse Vince. — Embora eu sinta que essa poderia despertar algum interesse.

Os dois homens riram confortavelmente, como velhos amigos fazem.

— Então. — disse Vince. — Podemos conhecer um mistério inexplicável ou

dois.

— Eu não garantiria isso. — disse Dave. — Conhecemos pelo menos uma com certeza, querida, mas não há quaisquer evidências nela-

— Bem… o pedaço de bife. — disse Vince, mas ele parecia incerto.

— Oh, sim, mas mesmo isso é um mistério, você não acha? — Dave perguntou.

— É. — Vince concordou, e agora ele não soou muito confortável. Tampouco parecia.

— Vocês estão me confundindo. — disse Stephanie.

— Pois é, a história do Homem do Colorado é um conto confuso, pode crer. — disse Vince. — E é por isso que não serviria para o *Boston Globe,* ‘cê sabe. Demasiadas incógnitas pra se começar, e poucas especulações. — Ele se inclinou para frente, capturando-a com seu olhar azul-claro ianque. — Você quer ser uma jornalista, não é?

— Você sabe que sim. - Stephanie disse, surpresa.

—-Bem, então eu vou lhe contar um segredo que quase todos os novatos nesta área sabem: na vida real, o número de histórias reais—aquelas com começo, meio e fim—são magras e vazias. Mas se você puder dar aos seus leitores apenas uma coisa desconhecida (duas no máximo) e, em seguida, inserir o que Dave Bowie aqui chama de evidências, o seu leitor vai contar a si mesmo uma história. Incrível, não é?

— Tome, por exemplo, o Envenenamento no Piquenique da Igreja. Ninguém sabe quem matou essas pessoas. O que se é sabido é que Rhoda Parks, a secretária da Igreja Metodista *Tashmore,* e William Blakee, um pastor da Igreja Metodista, tiveram um breve caso, seis meses antes do envenenamento. Blakee era casado, e ele acabou com o casamento. Está me acompanhando?

— Sim. — disse Stephanie.

— O que também se sabe é que Rhoda Parks estava desanimada por causa da separação, pelo menos por algum tempo. Sua irmã disse o mesmo. A terceira coisa que se sabe? Tanto Rhoda Parks quanto William Blakee beberam aquele café gelado envenenado no piquenique e morreram. Então, qual é a conjectura? Rápido como a sua vida, Steffi.

— Rhoda deve ter envenenado o café para matar seu amante por sacaneá-la e depois o bebeu para cometer suicídio. Os outros quatro—mais os que só ficaram doentes—tornaram-se o que você chamaria de dano colateral.

Vince estalou os dedos.

— Pois é, essa é a história que as pessoas dizem a si mesmas. Os jornais e revistas nunca vieram a público e publicaram isso, porque eles não precisam. Eles sabem que a gente pode ligar os pontos. O que há de estranho nisso? Rápido como sua vida novamente.

Mas desta vez a sua vida parecia ter sido confiscada, porque Stephanie não soube a resposta. Ela estava prestes a protestar que não conhecia bem o caso o suficiente para dizer, quando Dave se levantou, se aproximou do parapeito da varanda, olhou para a praia em direção a *Tinnock*, e comentou suavemente.

— Seis meses parece muito tempo para se esperar, não é?

— Nunca ninguém lhe disse que a vingança é um prato que se come frio? — disse Stephanie.

— Sim. — Dave disse, ainda perfeitamente suave. — Mas quando você mata seis pessoas, isso é mais do que apenas vingança. Não digo que não poderia ter sido assim, mas que poderia ter sido de outro modo. Assim como as Luzes Costeiras podem ter sido os reflexos sobre as nuvens… ou algo secreto que a Força Aérea estava testando que foi enviado da base aérea em Bangor… ou quem sabe, talvez fossem alguns homenzinhos verdes que pararam um pouco para ver se as crianças do *Hancock Lumber* poderiam virar o jogo contra os do *Tinnock Auto Body*.

— Quase tudo o que acontece são as pessoas inventando uma história e se apegando a ela. — afirmou Vince. — Isso é fácil o suficiente de se fazer enquanto houver apenas um fator desconhecido: um envenenador, um conjunto de luzes misteriosas, um barco encalhado com a maioria de sua tripulação desaparecida. Mas com o Homem do Colorado não havia nada senão fatores desconhecidos e, portanto, não havia nenhuma história. — fez uma pausa. — Era como um trem surgindo de uma lareira ou um bando de cabeças de cavalos aparecendo no meio da estrada de manhã. Nada tão exagerado, mas tão estranho quanto. E coisas assim… — ele balançou a cabeça. — Steffi, as pessoas não gostam de coisas assim. Elas não querem coisas assim. Uma onda é uma coisa bonita de olhar, quando se rompe na praia, mas ver muitas só faz você ficar enjoado.

Stephanie olhou para a praia espumante—havia várias ondas lá, mas nada tão grande, não hoje— e considerou isso em silêncio.

— Há algo mais. — Dave disse, depois de um pouco.

— O quê? — perguntou ela.

— A história é nossa. — disse ele, e com uma força surpreendente. Ela pensou que fosse quase raiva. — Um cara do *The Globe,* um cara de fora—ele estragaria tudo. Ele não iria entender.

— E você entende? — perguntou ela.

— Não. — disse ele, sentando-se novamente. — E nem tenho que entender, querida. Sobre o tema do Homem do Colorado sou um pouco como a Virgem Maria, depois que ela deu à luz a Jesus. A Bíblia diz algo como: "Mas Maria ficou em silêncio, meditando estas coisas em seu coração". — Às vezes, a existência dos mistérios é o melhor.

— Mas você vai me contar?

— Ora, sim, senhora. — ele olhou para ela como se estivesse surpreendido; e também —um pouco—como se houvesse acabado de acordar de um cochilo. — Porque você é uma de nós. Ela não é, Vince?

— Pois é. — afirmou Vince. — Você passou no teste por volta de meados do

verão.

— Eu? — Mais uma vez ela sentiu-se absurdamente feliz. — Como? Que

teste?

Vince balançou a cabeça.

— Não posso dizer, querida. Só sei que em algum momento começou a parecer que você tinha o que é necessário. — olhou para Dave, que assentiu. Então, ele olhou para Stephanie. — Tudo bem. — disse ele. — A história que não contamos na hora do almoço. O nosso próprio mistério inexplicável. A história do Homem do Colorado.

5

Mas na verdade foi Dave quem começou.

— Vinte e cinco anos atrás. — disse ele. — Nos anos 80, havia duas crianças que tomaram a balsa das seis e meia para a escola em vez da de sete e meia. Eles estavam no time de corrida do Colégio *Bayview Consolidated,* e eles também eram namorados. Quando o inverno acabou—e ele nunca dura tanto tempo aqui no litoral como no interior—eles correram através da ilha, descendo na *Hammoch Beach* até a rua principal, então seguiriam da *Bay Street* direto para as docas. Entendeu, Steffi?

Ela entendeu. Ela viu o romance da coisa também. O que ela não viu foi o que aconteceu ao "menino e a namorada" quando chegaram pelos lados de *Tinnock* da praia. Ela sabia que, mais ou menos, dúzias de estudantes, em *Moose-Lookit,* quase sempre tomavam a balsa das sete e meia, dando o barqueiro—Herbie Gosslin ou Marcy Lagasse—o passe para que eles pudessem ser carimbados com clarões rápidos, da velha máquina de laser, sobre os códigos de barra. Em seguida, nos lados de *Tinnock,* um ônibus escolar estaria esperando para levá-los por cinco quilômetros até o CBC. Ela perguntou se os corredores aguardariam o ônibus e Dave sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Não, preferiram correr por essas bandas também. — disse. — Não seguravam as mãos, mas poderia muito bem ter acontecido, sempre lado a lado, Johnny Gravlin e Nancy Arnault. Mesmo tendo poucos anos eles eram inseparáveis.

Stephanie sentou-se reta na cadeira. O John Gravlin que ela conhecia era o prefeito da ilha *Moose-Lookit*, um homem gregário com uma boa palavra para todos e um olho no Senado em Augusta. Seu cabelo foi ficando escasso, a barriga expandindo-se. Ela tentou imaginá-lo correndo—três quilômetros e meio por dia ao lado da praia, mais três pelo lado do continente — e não conseguiu.

— Não estamos progredindo com a coisa, não é, querida? — Vince perguntou.

— Não. — ela admitiu.

— Bem, isso é porque você vê Johnny Gravlin, o jogador de futebol, o exeqüível piadista das sextas à noite, e um amante nos sábado como Prefeito John Gravlin, que por acaso é o único político-sapo em uma pequena ilha. Ele sobe e desce a *Bay Street* apertando mãos e sorrindo com aquele dente de ouro brilhando no lado na boca, tem uma palavra boa para todo mundo que conhece, jamais esquece um nome ou qual é o homem que dirige uma caminhonete Ford, e qual outro ainda está trabalhando na *International Harvester* de seu pai. Ele é uma caricatura que veio de um filme dos anos quarenta sobre políticos importantes de uma pequena cidade, mas ele é tão caipira que nem sabe. Ele ainda tem um salto para dar—pula, sapo, pula — e uma vez que ele consiga pisar em sua Vitória Régia em Augusta, ou ele será sábio o

suficiente para parar ou ele vai tentar dar outro salto e acabar esmagado.

— Isso é tão cínico. — disse Stephanie, não sem a admiração da juventude.

Vince encolheu os ombros ossudos.

— Ei, eu mesmo sou um estereótipo, querida, só que o meu filme é aquele sobre o cara do jornal com coletes sobre a camisa e com rugas na testa que grita "Parem as máquinas!" no último rolo do filme. Meu ponto é, que, Johnny era uma criatura diferente naqueles dias— magro como uma caneta de pena e rápido como um coelho. Você o teria chamado de um deus, quase, se não fosse por aqueles dentes tristemente tortos, que hoje já estão consertados.

— E ela… naquele pequeno shorts vermelho que usava… ela era realmente uma deusa. — fez uma pausa. — Como tantas meninas de dezessete certamente são.

— Não seja pervertido. — Dave disse.

Vince parecia surpreso.

— Não sou. - disse ele. — Nem um pouco. Eu sou um santo.

— Se você diz. — Dave disse. — E eu vou admitir que ela era muito bonita. E alguns centímetros mais alta que Johnny, o que pode ter sido a razão de sua separação, na primavera do ano da formatura. Mas de volta a 1980, eles estavam quentes e com os hormônios em fúria, e todo dia eles corriam para a balsa nestas bandas e então subiam até a *Bayview Hill* para o colégio em *Tinnock*. Houve apostas sobre quando Nancy engravidaria dele, mas isso nunca aconteceu; ou ele terrivelmente educado, ou ela era terrivelmente cuidadosa. — fez uma pausa. -Diabos, talvez fossem um pouco mais sofisticados do que a maioria das crianças da ilha naquela época.

— Eu acho que talvez tenha sido a corrida. — disse Vince criteriosamente.

— Voltemos ao assunto, por favor, vocês dois. — disse Stephanie, e os homens riram.

— Ao assunto. — Dave disse. — Veio uma manhã, na primavera de 1980— abril, teria sido o mês—quando avistaram um homem sentado na *Hammock Beach*. Você sabe, logo na periferia da vila.

Stephanie sabia-o bem. *Hammock Beach* era um local lindo, um pouco super lotado de pessoas no verão. Ela não podia imaginar o que aconteceria após o Dia do Trabalho, embora ela tivesse uma oportunidade de ver; seu estágio passava pelo quinto dia de outubro.

— Bem, não exatamente sentado. — Dave adicionou. — Meio estatelado é como eles colocariam mais tarde. Ele estava contra um daqueles cestos lixo, você sabe, aqueles que suas bases são plantadas dentro da areia para mantê-los firmes se vier um vento forte, mas o peso do homem ficou contra ela até que o cesto ficou… — Dave pôs sua mão na vertical, em

seguida, inclinou-a.

— Até que ficou como a Torre Inclinada de Pisa. — Steffi disse.

— Você entendeu exatamente. Além disso, ele estava estranhamente vestido para uma manhã, com o termômetro lendo talvez quarenta e dois graus e a brisa fresca que saia da água fazendo parecer trinta e dois. Ele estava vestindo uma calça cinza bonita e uma camisa branca. Mocassins em seus pés. Nenhum casaco. Sem luvas.

— Os jovens nem sequer discutiram. Eles só correram para ver se ele estava bem, e logo souberam que não estava. Johnny disse mais tarde que ele sabia que o homem estava morto tão logo viu seu rosto e Nancy disse a mesma coisa, mas é claro que eles não queiram admiti-lo, você iria querer? Sem antes ter certeza?

— Não. — disse Stephanie.

— Ele estava apenas sentado lá (bem… meio estatelado) com uma mão em seu colo e a outra—a direita—caída na areia. Seu rosto estava branco como cera, exceto por pequenas manchas roxas em cada bochecha. Seus olhos estavam fechados e Nancy disse que as pálpebras estavam azuladas. Seus lábios também tinham uma coloração azul, para eles, e seu pescoço, disse ela, tinha um semblante contraído. Seu cabelo era loiro como a areia, corte curto, mas não tão curto que um pouco dele não pudesse voar pela testa quando o vento soprasse, o que acontecia praticamente a toda hora.

Nancy diz: "Senhor, você está dormindo? Se você está dormindo, é melhor você acordar."

Johnny Gravlin diz: "Ele não está dormindo, Nancy, e ele não está inconsciente, também. Ele não tem respiração.

— Ela disse mais tarde que sabia, que ela tinha percebido isso, mas não quis acreditar. Claro que não, pobre criança. Então ela diz, "Talvez ele esteja. Talvez ele esteja dormindo. Você não pode sempre dizer quando uma pessoa está respirando. Sacuda-o, Johnny, veja se ele não acorda".

— Johnny não queria, mas ele também não queria parecer covarde na frente de sua namorada, de modo que ele estendeu a mão—teve que ficar firme para fazê-lo, ele me disse anos mais tarde, depois que tomamos alguns copos no Breakers—e sacudiu o ombro do rapaz. Ele disse que teve certeza quando o tocou, porque não parecia com um ombro real, mas como uma escultura de um. Mas ele sacudiu mesmo assim e disse: "Acorde, senhor, acorde e—ele iria dizer acorde pra cuspir, mas achou que não ia soar tão bem sob tais circunstâncias (pensando um pouco como um político, mesmo naquela época, talvez) e alterou para: e cheire o café!

— Ele sacudiu duas vezes. Na primeira vez, nada aconteceu. Da segunda vez, a cabeça do cara caiu em seu ombro esquerdo—Johnny estava sacudindo o direito— e o cara deslizou

da cesta que o segurava e caiu para o lado. Sua cabeça batendo na areia. Nancy gritou e correu de volta para estrada, o mais rápido que pôde… o que foi rápido, posso dizer-lhe. Se ela houvesse parado por lá, Johnny provavelmente teria que persegui-la todo o caminho até o fim da *Bay Street,* e, eu não sei, talvez até o fim da Doca A. Mas ela parou. E ele a alcançou e pôs o braço ao seu redor e disse que nunca ficou tão feliz em sentir carne viva. Ele me disse que nunca se esqueceu como foi tocar o ombro do homem morto, e como parecia madeira sob a camisa branca.

Dave parou abruptamente, e se levantou.

— Eu quero uma Coca-Cola da geladeira. — disse ele. — Minha garganta está seca, e essa será uma longa história. Mais alguém quer uma?

Acabou que todos eles queriam, e já que Stephanie era a entretida—se essa for a palavra—ela foi buscar as bebidas. Quando ela voltou, os dois velhos estavam no parapeito da varanda, olhando para a praia e o continente do outro lado. Ela se juntou a eles lá, apoiando a bandeja de lata velha no parapeito e passou as bebidas.

— Onde eu estava? — Dave perguntou, depois que tomou um longo gole do

seu.

— Você sabe muito bem onde estava. — afirmou Vince. — Na parte em que o nosso futuro prefeito e Nancy Arnault, sabe-se lá onde está hoje—provavelmente na Califórnia, os bons sempre parecem terminar o mais longe da ilha que podem ir sem precisar de um passaporte—tinham encontrado o Homem do Colorado morto em *Hammock Beach*.

— Ah, é. Bem, John foi direito ao telefone mais próximo, o que teria sido o que tem do lado de fora da Biblioteca Pública, e chamou George Wournos, que era o chefe da polícia de *Moose-Lookit* naqueles dias. Nancy não teve nenhum problema com isso, mas ela queria Johnny ajeitasse "o homem" novamente em primeiro lugar. Foi assim que ela o chamou: "o homem." Nunca "O homem morto" ou "o corpo", sempre "o homem".

Johnny diz: "Eu não acho que a polícia vai gostar que você os mova, Nan."

Nancy diz: "Você já fez isso, só quero que você o ponha de volta como estava."

E ele diz: "Eu só fiz isso porque você me pediu."

Para o que ela responde: "Por favor, Johnny, eu não posso mais olhar para ele daquele jeito e eu não posso suportar pensar nele desse jeito." Então, ela começa a chorar, o que, claro, "fecha o negócio", e ele volta para onde o corpo está, ainda dobrado na cintura como se estivesse sentado, mas só que agora com a sua bochecha esquerda deitada na areia.

— Johnny me disse na noite no Breakers que ele nunca conseguiria ter feito o que ela queria se ela não estivesse ali olhando para ele e contando com ele para fazê-lo, e você sabe,

eu acredito nisso. Por uma mulher um homem faz muitas coisas que normalmente não faria quando se está sozinho, coisas das quais ele se afastaria, em nove a cada dez vezes, mesmo quando bêbado e com um monte de amigos dele o incitando. Johnny disse que quanto mais perto chegava do homem deitado na areia— apenas deitado lá com os joelhos para cima, como se estivesse sentado em uma cadeira invisível—mais tinha certeza de que aqueles olhos fechados iriam se abrir, e o homem iria fazer picadinho dele. Saber que o homem estava morto, não afastava este sentimento, disse Johnny, mas só o piorava. Ainda assim, no final, ele chegou lá, se enrijece, e colocou as mãos sobre aqueles ombros de madeira, e sentou o homem de volta com as costas contra a cesta de lixo inclinada. Ele disse que pensou que a cesta de lixo ia cair e fazer um estrondo e, quando acontecesse ele gritaria. Mas, a cesta não caiu e ele não gritou. Eu estou convencido em meu coração, Steffi, que nós, pobres seres humanos estamos condenados a sempre pensarmos que o pior vai acontecer, porque o pior raramente acontecesse. Então quando a coisa é ruim, está tudo bem—quase bom, na verdade—e nós encaramos a coisa muito bem.

— Você realmente acha isso?

— Ah, sim, senhora! Em todo caso, Johnny começou a se afastar, então viu um maço de cigarros que havia caído na areia. E porque o pior já havia passado e agora era apenas ruim, ele foi capaz de pegá-lo—sempre se lembrando de dizer para George Wournos o que tinha feito no caso da Polícia do Estado procurar por impressões digitais e encontrasse as suas no celofane—e colocá-lo de volta no bolso do peito da camisa branca do homem morto. Então ele voltou para Nancy, que estava de pé, abraçando-se em sua jaqueta aquecedora da CBC e dançando de pé em pé, provavelmente com frio, naqueles shorts pequenos que ela usava. Embora fosse mais do que frio que ela estivesse sentindo, é claro.

— Em todo caso, ela não ficou fria por muito tempo, porque correu para a Biblioteca Pública em seguida, e eu aposto que se alguém tivesse cronometrado-os, o relógio teria mostrado um novo tempo recorde para a corrida de meio quilômetro, ou perto disso. Nancy tinha muitas moedas na bolsa pequena que ela carregava em sua jaqueta, e foi ela quem chamou George Wournos, que já estava se vestindo para o trabalho—ele era dono do Western Auto, que é agora onde as senhoras da igreja mantêm seus bazares.

Stephanie, que tinha coberto vários para a Arts ‘N Things, assentiu.

— George perguntou se ela tinha certeza de que o homem estava morto, e Nancy disse que sim. Então ele pediu que ela colocasse Johnny na linha, e ele perguntou a Johnny a mesma coisa. Johnny também disse que sim. Ele disse que havia mexido no homem e que ele estava duro como uma tábua. Ele contou a George sobre como o homem havia caído, e os cigarros caíram do bolso, e como ele havia colocado-os de volta, pensando que George poderia ralhar com ele até o fim dos tempos, mas ele nunca fez isso. Ninguém nunca fez. Não parece muito com um show de mistério da TV, não é?

— Não está tão longe. — disse Stephanie, pensando que isso havia acabado de lembrar-lhe um episódio de “Murder, She Wrote”[1] que havia visto uma vez. Levando em

conta a conversa que tinha derivado esta história, ela não pensou que nenhuma das personagens de Angela Lansbury iria aparecer para resolver o mistério… embora alguém houvesse feito algum progresso, Stephanie pensou. O suficiente, pelo menos, para saber de onde o homem morto tinha vindo.

— George disse a Johnny que ele e Nancy deveriam correr de volta para a praia e esperar por ele. — Dave disse. — Disse para assegurarem que ninguém chegasse perto. Johnny disse que tudo bem. George, disse: "Se você perder a balsa das sete e meia, John, eu vou escrever uma desculpa para sua mãe". Johnny disse que era a última coisa no mundo com que ele estava preocupado. Então, ele e Nancy Arnault voltaram até lá para *Hammock Beach*, apenas caminhando, em vez de saírem desembestados, desta vez. Stephanie podia entender isso. De *Hammock Beach* para a borda da *Moosie Village* era uma descida. Indo de outra maneira teria sido uma caminhada mais difícil, especialmente quando o fôlego que você ainda tinha havia sido gasto principalmente com adrenalina.

— George Wournos, enquanto isso… — disse Vince — …chamou o Dr. Robinson, na *Beach Lane*. - ele fez uma pausa, sorrindo à lembrança. Ou talvez apenas para dar efeito. — Então ele me chamou.

6

— Uma vítima assassinada aparece na única praia pública e a policial local chama o editor do jornal local? — Stephanie perguntou. - Caramba, isso definitivamente não é como Murder, She Wrote.

— A vida na costa do Maine raramente é como “Murder, She Wrote”. — Dave disse em seu tom mais seco. — E naquela época éramos bem parecidos com o que somos agora, Steffi, especialmente quando os veranistas iam embora e ficavam só nós, os frangos—todos juntos. Isso não torna a coisa romântica, apenas meio que… eu num sei, chame isso de “política de brilho de sol”. Se todo mundo sabe o que há para saber, isso impede um monte de línguas de falarem um monte de inutilidades. E assassinato! Bolas! Você está um pouco à frente do que deveria, num tá?

— Deixe-a fora do anzol nesta. — afirmou Vince. — Nós mesmos colocamos a idéia em sua cabeça, falando sobre o envenenamento do café em *Tashmore.* Steffi, Chris Robinson fez o parto de dois dos meus filhos. Minha segunda esposa—Arlette, com quem eu casei seis anos depois da morte de Joanne—tinha uma boa amizade com a família Robinson, até mesmo já tinha namorado o irmão de Chris, Henry, quando estavam na escola juntos. Foi do jeito que Dave disse, mas era mais do que apenas negócios.

Ele colocou seu copo de refrigerante (que ele chamava de “narcótico”) sobre o parapeito e, em seguida, pôs as mãos abertas em cada lado de seu rosto, num gesto que ela achou tanto charmoso quanto frágil. Não esconderei nada, o gesto dizia.

— Nós somos uma espécie de clube. Sempre foi assim, e acho que sempre será, porque nós nunca cresceremos mais do que já estamos crescidos agora.

— Graças a Deus. — Dave rosnou. — Não como o maldito Walmart. Desculpe-me, Steffi.

Ela sorriu e disse que ele estava desculpado.

— Em todo caso. — Vince disse. — Eu quero que você pegue essa idéia de assassinato e a ponha lado, Steffi. Pode fazer isso?

— Sim.

— Eu acho que você vai descobrir que, no final, você não pode tirá-lo da mesa ou colocá-lo no lugar de onde veio. E é assim que é com tantas coisas sobre o Homem do Colorado, e o que o faz incompatível com o *Boston Globe.* Sem mencionar o *Yankee,* o *Downeast* e o *Coast.* Não era nem mesmo certo para o *The Weekly Islander.* Nós divulgamos, oh sim, porque somos um jornal e divulgar é o nosso trabalho—eu tenho Ellen Dunwoodie e o

hidrante para me preocupar, para não mencionar o menino Lester que vai até Boston para um transplante de rim —se ele durar o suficiente para conseguir um— e é claro que você precisa contar ao pessoal sobre o festival anual de fim de verão das fazendas Gernerd, num é?

— Não esqueça o piquenique. — Stephanie murmurou. — Toda a torta que você puder comer, e as pessoas vão querer saber isso. Os dois homens riram. Dave até bateu no peito com as mãos para mostrar que ela tinha "contado uma boa", como o povo da ilha diria.

— Pois é, querida! — Vince concordou, ainda sorrindo. — Mas, às vezes, uma coisa acontece, como duas crianças em sua corrida matinal encontrando um corpo morto na praia mais bonita da cidade, e você diz para si mesma, "Deve haver uma história nisso." Não é apenas divulgação—o quê, por que, quando, onde e como, mas uma história—e então você descobre que simplesmente é assim. Isso é só um monte de fatos estranhos sem conexão rondando um verdadeiro mistério inexplicável. E isso, meus queridos, é o que as pessoas não querem. Isso os irrita. Os deixam enjoados.

— Amém. — disse Dave. — Agora por que não conta o resto da história, enquanto ainda temos alguma luz do sol?

E Vince Teague o fez.

7

— Nós estávamos nela quase desde o início—e quando digo “nós” quero dizer Dave e eu, *The Weekly Islander*—embora eu não tenha publicado o que George Wournos me pediu para não publicar. Eu não tive nenhum problema com isso, porque não havia nada sobre esse negócio que parecia afetar o bem-estar da ilha, em qualquer maneira. Esse é o tipo de pedido de arbitragem que o pessoal dos jornais faz o tempo todo, Steffi—você mesma o fará—e com o tempo você se acostuma. Apenas certifique-se de que nunca se sinta confortável com isso.

“As crianças voltaram e fizeram guarda para o corpo, não que houvesse um muita guarda para ser feita, antes que George e o Dr. Robinson aparecessem, eles não viram nada, exceto quatro carros, todos indo para cidade, e nenhum deles desacelerou quando viu um casal de adolescentes correndo ou fazendo alongamentos no estacionamento da *Hammock Beach.”*

“Quando George e o Doutor chegaram lá, eles mandaram Johnny e Nancy irem embora, e é nessa parte que eles deixam a história. Ainda estavam curiosos, da maneira como as pessoas são, mas muito felizes em ir, eu não tenho dúvidas. George estacionou seu Ford no estacionamento, o Doutor pegou sua bolsa, e foi para onde o homem estava sentado contra a lixeira. Tinha deslizado um pouco para o lado outra vez, e a primeira coisa que o Doutor fez foi fazê-lo ficar normal e em linha reta.”

— Ele está morto, Doutor? — diz George.

— Oh, caramba, ele está morto há pelo menos quatro horas, provavelmente, seis ou mais. — diz o Doutor. (Foi bem por aí que eu cheguei e estacionei meu Chevy ao lado do Ford de George.) — Ele está duro como uma mesa. Rigor mortis[2].

— Então, você acha que ele está aqui desde… o quê? Meia-Noite? — George pergunta.

— Ele poderia estar aqui desde o último Dia do Trabalho, pelo que sei. — diz o Doutor. — Mas a única coisa em que eu estou absolutamente seguro é de que ele está morto desde as duas horas desta manhã. Devido ao rigor. Provavelmente ele está morto desde a meia-noite, mas eu não sou nenhum perito em coisas desse tipo. Se o vento estava vindo forte na direção do alto mar, isso poderia ter mudado quando o Rigor entrou em ação.

— Não houve vento na noite passada. — eu digo, me juntando a eles. — Tranqüilo como o interior de um sino de igreja.

— Bem, ora vejam, outro maldito abelhudo. — diz o Doutor Robinson. — Talvez você gostasse de pronunciar a hora da morte, Jimmy Olsen[3].

— Não. — eu digo. — Eu vou deixar isso para você.

— Eu acho que vou deixar isso para o médico examinador do condado. — diz ele. — Cathcart, lá em *Tinnock*. O Estado lhe paga um mimo a mais por ter que ficar brincando com tripas. Não é o suficiente, na minha humilde opinião, mas cada um com seu cada um. Eu sou apenas um clínico geral. Mas… então, esse cara morreu lá pelas duas, eu diria isso. Morto pela hora em que a lua desceu.

"Então, talvez por um minuto nós três apenas ficamos lá, olhando para ele como se estivéssemos de luto."

"Um minuto pode ser um terrível curto espaço de tempo em certas circunstâncias, mas pode ser uma coisa terrível em um longo momento como aquele. Eu me lembro do som do vento—ainda havia luz, mas começando a crescer no leste."

"Quando se trata disso e você está no lado continental da ilha, isso faz dele um som tão solitário."

— Eu sei. — Stephanie disse calmamente. — Soa como silvos.

Eles concordaram. Que no inverno às vezes era um som terrível, quase como o choro de uma mulher desolada, era uma coisa que ela não sabia, e não havia razão para lhe dizer.

"Finalmente—eu acho que foi só para dizer alguma coisa—George perguntou ao Doutor se ele tinha idéia da idade do sujeito."

— Eu o colocaria em torno de quarenta, tire ou ponha mais cinco anos. — diz ele. — Você acha isso, Vincent?

"E eu assinto com a cabeça. Quarenta pareceu certo, e ocorreu-me que é muito ruim para um rapaz morrer aos quarenta anos, uma verdadeira pena. É a idade mais anônima de um homem."

"Então, o Doutor não viu nada que lhe interessasse. Ele se ajoelhou (o que não foi fácil para um homem do seu tamanho) e pegou a mão direita do homem morto, aquela que jazia deitada na praia. Os dedos estavam um pouco fechados, como se tivesse morrido tentando formar um tubo com a mão, ele observou. Quando o Doutor levantou a mão, pudemos ver um pouco de grãos de areia presos no interior dos dedos e um pouco mais espanada na palma da mão."

— O que você vê? — George pergunta. — Não parece mais do que areia de praia para mim.

— E é exatamente o que é, mas por que está grudado? — Dr. Robinson rebate. — Esta cesta de lixo e todas as outras são plantadas bem acima da linha da maré alta, como qualquer um com metade de um cérebro sabe, e não choveu ontem à noite. A areia está seca como um osso. Além disso, olhem.

“Ele pegou a mão esquerda do homem morto. Todos nós observamos que ele estava usando um anel de casamento, e também que não havia areia em seus dedos ou a palma. O Doutor pôs a mão de volta no chão e pegou a outra mais uma vez. Ele dobrou um pouco para que a luz brilhasse mais no interior.”

— Não. — diz ele. — Vocês vêem?

— O que é isso? — eu pergunto. — Gordura? Um pouco de graxa?

Ele sorriu e disse: “Acho que você ganhou o urso de pelúcia, Vincent. E vê como a mão está dobrada?

— Como se estivesse brincando de fazer uma luneta com as mãos. — diz George. Até então estávamos todos os três de joelhos, como se a cesta de lixo fosse um altar e estivéssemos rezando para tentar fazer o cara volta à vida.

— Não, eu não acho que ele estava brincando disso. — diz o doutor, e percebi algo, Steffi — ele estava animado da maneira que as pessoas só ficam quando descobrem algo que não deveriam descobrir no curso ordinário das coisas. Ele olhou para o rosto do homem morto (pelo menos eu achava que era o rosto que o Doutor estava olhando, mas acabou sendo que ele observava algo um pouco mais baixo do que o rosto), então voltava para mão direita dobrada. — No fim das contas, eu acho que não. — diz ele.

— E então? - diz George. — Eu quero fazer esse comunicado à Polícia do Estado e ao Escritório Principal da Procuradoria, Chris. Eu não quero é ficar de joelhos a manhã toda enquanto você brinca de Ellery Queen[4].

— Vê a maneira que seu polegar quase toca o dedo indicador e o dedo médio?

— O doutor nos pergunta, e claro que víamos. — Se esse cara tivesse morrido olhando através de sua mão dobrada, o polegar teria ficado acima de seus outros dedos, tocando seu dedo médio e o seu terceiro dedo. Tente você mesmo, se você não acredita em mim.

— Eu tentei, e seja eu amaldiçoado se ele não estava certo.

— Isto não está como se fosse um tubo. — O Doutor diz, mais uma vez tocando a mão dura do homem morto, com seu próprio dedo. — Esta como se fosse uma pinça. Combine isso com a gordura e os grãos de areia na palma da mão e do interior dos dedos, e que você tem?

— Eu sabia, mas já que George era a lei, eu o deixei dizer. — Se ele estava comendo algo quando ele morreu. — diz ele. — Então onde diabos está a comida?

“O doutor. apontou para o pescoço do homem morto, que até Nancy Arnault havia notado, e pensei em como estava inchado, e ele diz: ‘Minha idéia é que a maior parte dela ainda está bem ali onde ele se engasgou. Dê-me minha bolsa, Vincent.”

“Eu a entreguei. Ele tentou vasculhá-la e descobriu que só poderia fazê-lo com uma mão e ainda manter toda aquela carne equilibrada sobre os joelhos: ele era um homem grande, pode crer, e ele precisava manter ao menos uma mão no chão para manter-se firme. Então, ele me devolve a bolsa e diz: “Eu tenho dois otoscópios aqui, Vincent—pode se dizer que são minhas pequenas luzes de exame. Aí está o que eu uso no cotidiano e um sobressalente que parece novo em folha. Nós vamos querer os dois.

— Espere aí. — diz George. — Eu pensei que íamos deixar tudo isso para Cathcart, no continente. Ele é o cara que o Estado contratou para trabalhos como este.

— Eu assumo a responsabilidade. — disse o Doutor Robinson. — A curiosidade matou o gato, você sabe, mas a satisfação o trouxe de volta muito feliz. Você me traz aqui no frio e úmido, sem que eu tome o meu chá da manhã ou até mesmo coma uma fatia de pão, e eu pretendo ter o mínimo de satisfação, se eu puder. Talvez eu não consiga. Mas eu tenho uma sensação… Vincent, você pega este aqui. George pegue o novo, e não o deixe cair na areia, por favor, e obrigado, esse é um item de duzentos dólares. Agora, eu não me agacho assim desde que era criança brincando de cavalinho, e se eu tiver que manter esta posição por mais tempo eu estou apto a cair em cima do nosso amigo aqui, a nãos er que vocês sejam rápidos e façam o que eu disser. Vocês já viram como as pessoas em um museu de arte colocam pequenas luzes acima dos quadros até torná-los brilhantes e bonitos?

“George nunca vira, então Doutor Robinson explicou. Quando tinha acabado (e se certificado de que George Wournos entendera), o editor do jornal da ilha ajoelhou-se ao lado do cadáver sentado, e o chefe de polícia da ilha do outro, cada um de nós com os otoscópios em mãos. Só que em vez de iluminarmos uma obra de arte, nós estávamos acendendo a garganta do homem morto para que o Doutor pudesse dar uma olhada.”

“Ele se posicionou soltando uma quantidade justa de suspiros e expirações— e teria sido engraçado se as circunstâncias não fossem tão estranhas, e se eu não tivesse o temor de que o homem pudesse ter um ataque cardíaco bem ali—em seguida, ele usou uma mão, e a escorregou para dentro da boca do cara, e abriu sua mandíbula como se fosse uma dobradiça. Que, é claro, quando você pensa nisso, é exatamente o que era.”

— Agora. — diz ele. — Aproximem-se, rapazes. Eu não acho que ele vai morder, mas se eu estiver errado, sou eu quem pagará pelo erro.

“Aproximamo-nos e iluminamos a goela do homem morto. Era só vermelho e preto por lá, exceto por sua língua, que era rosa. Eu podia ouvir o Doutor bufando e grunhindo enquanto dizia, mais para si mesmo do que para nós: ‘Um pouco mais’, e ele desceu a mão um pouco mais. Então, disse para nós: ‘suspenda-as, iluminem diretamente a goela’, e nós fizemos o melhor que pudemos. A luz mudou a direção o suficiente para fazer desaparecer o rosa da língua e iluminar aquela coisa pendurada no fundo da boca, a… como se chama mesmo-“

— Úvula. — Stephanie e Dave disseram, ao mesmo tempo.

Vince concordou.

— Isso mesmo. E, além disso, eu podia ver alguma outra coisa, ou o início de alguma coisa, que era de um cinza escuro. Foi apenas por dois ou três segundos, mas foi o suficiente para satisfazer o Doutor Robinson. Ele tirou os dedos do homem morto— o lábio inferior fez uma espécie de som de bolha estourando quando voltou contra a gengiva, mas a mandíbula abaixou como estava antes—e então ele se sentou, suando litros.

— Vocês rapazes terão que me ajudar a levantar. — diz ele quando consegue fôlego o suficiente para falar. — Ambas as minhas pernas estão adormecidas dos joelhos para baixo. Caramba, mas eu sou um tolo em pesar tanto.

— Eu vou te ajudar quando você me contar. — diz George. — Você viu alguma coisa? Porque eu não vi qualquer coisa. E você, Vincent?

— Eu achei que sim. — eu disse. A verdade é que eu tinha visto pra cacete— perdão, Steff—mas eu não queria dizer.

— Pois é, está bem lá no fundo. — O Doutor diz. Ele ainda parecia sem fôlego, mas parecia satisfeito também, como um homem que acabou com uma coceira incômoda. — Cathcarth vai tirá-lo e depois vamos ver se é um pedaço de bife ou um pedaço de carne de porco ou um pedaço de alguma coisa, mas não vejo como pode importar. Sabemos o que importa—ele veio aqui com um pedaço de carne na mão e sentou-se para comê-lo enquanto observava o luar no mar. Apoiando suas costas contra esta cesta de lixo. E engasgou, assim como o pequeno índio na canção de ninar. Na última mordida do que ele trouxe para comer? Talvez, mas não necessariamente.

— Uma vez morto, uma gaivota poderia ter descido e levado as sobras de sua mão. — George disse. — Deixou apenas a gordura.

— Correto. — O Doutor diz. — Agora vocês dois vão me ajudar, ou eu terei que rastejar de volta ao carro de George e me içar pela maçaneta?

8

— Então, o que você acha, Steffi? — Vince perguntou, tomando um refrescante gole de sua Coca-Cola. - O mistério foi resolvido? Caso encerrado?

— Nem em um milhão de anos! — ela protestou, e mal registrou o riso apreciativo deles. Seus olhos brilhavam. — A causa da morte talvez, mas… o que era, à propósito? Em sua garganta? Ou isso seria me adiantar na história?

— Querida, você não pode se adiantar em uma história que não existe. — Vince disse, e seus olhos também brilharam. - Pergunte sobre adiante, sobre antes, ou pelos lados. Eu responderei tudo. O mesmo com David, eu imagino.

Como se para provar isto, o editor-gerente do *The Weekly Islander* disse: "Foi um pedaço de bife, provavelmente filé, e muito provavelmente em um de seus melhores tipos—lombinho, lombo de vaca, ou filé mignon, foi cozinhado a fogo médio, e asfixia foi o que escreveram no certificado de óbito, embora o homem que sempre chamamos de o Homem do Colorado também tenha sofrido uma embolia cerebral massiva—um ataque, em outras palavras. Cathcart decidiu que a asfixia levou ao ataque, mas quem sabe, pode ter sido o contrário. Então você vê, até a causa da morte se torna escorregadia quando você a olha bem de perto.

— Há pelo menos uma história aqui—bem pequena—e eu vou te contar agora. — afirmou Vince. — É sobre um cara que em alguns aspectos era como você, Stephanie, embora eu goste de pensar que você caiu em melhores mãos quando chegou, quando se trata de dar um polimento final em sua educação; as mais compassivas também. Este rapaz era jovem—tinha vinte e três, eu acho—e como você, veio de longe (no sul, no caso dele, em vez do Centro-Oeste), e ele também estava fazendo trabalho de graduação, no campo da ciência forense.

— Então ele foi trabalhar com este Dr. Cathcart, e ele descobriu algo. — Vince

sorriu.

— Bastante lógico de supor, querida, mas você está errada sobre com quem ele estava trabalhando.

— Seu nome… qual era seu nome, Dave?

Dave Bowie, cuja memória para nomes era tão mortal como a mira do rifle de Annie Oakley[5], não hesitou.

— Devane. Paul Devane.

— Isso mesmo, me lembrei agora que você disse. A este jovem, Devane, foi atribuído três meses de trabalho de campo de pós-graduação com uma dupla de detetives da polícia estadual vindos do escritório da Procuradoria Geral da República. Só que no seu caso, “condenado” poderia ser a melhor palavra. Trataram-no muito mal. — os olhos de Vince escureceram. — Pessoas mais velhas que se aproveitam dos jovens, quando tudo que os jovens querem é aprender — Eu acho que pessoas assim deveriam ser chutadas de seus empregos. Demasiadas vezes, porém, ganham promoções, ao invés de cartas de demissão. Nunca me surpreendeu que Deus deu ao mundo um pouco de inclinação, ao mesmo tempo em que ele o fez girar; tanto que se passa aqui mimetiza essa inclinação.

— Este jovem, Devane, passou quatro anos em algum lugar como a Universidade de Georgetown, querendo saber o tipo de ciência que captura ladrões, e logo na época que ele estava chegando lá, a roda da fortuna o enviou para trabalhar com uma dupla de detetives que só comiam rosquinhas e o faziam de capacho, mexendo com arquivos entre Augusta e Waterville e espantando curiosos que apareciam em cenas de acidente de carro.

Oh, talvez de vez em quando ele chegasse a medir uma pegada ou tirasse fotos de marcas de pneus como recompensa. Mas raramente, eu diria. Raramente.

— Em qualquer caso, Steffi, estes dois belos exemplares de detecção—e eu peço a Deus que eles já estejam a muito tempo fora do ofício—por acaso estavam em *Tinnock Village* ao mesmo tempo em que o corpo do Homem do Colorado apareceu em *Hammock Beach*. Eles estavam investigando um incêndio em um apartamento de “origem suspeita”, como nós dizemos ao relatar essas coisas no jornal, e tinham seu estagiário de estimação, que já estava perdendo seu idealismo, com eles.

— Se ele tivesse sido mandado para uma boa dupla de detetives do escritório da P.G.R. —e eu já conheci minha quota a despeito da maldita burocracia que causa tantos problemas no sistema de execução de leis do estado—ou se seu Departamento dos Estudos Forenses o tivesse mandado para outro estado que permitisse estudantes, ele poderia ter terminado junto com um daqueles caras que você vê naquele seriado, CSI.

— Eu gosto dessa série. — disse Dave. — Muito mais realista que Murder, She Wrote. Quem está afim de Muffins? Há alguns na despensa. — E no fim todos estavam, e a história ficou suspensa até que Dave voltasse, junto com um rolo de papel-toalha. Quando cada um deles tinha um Muffin e um papel-toalha para pegar as migalhas, Vince disse Dave para assumir a história.

— Porque estou ficando enfadonho e apto a nos manter aqui até a noite. — ele justificou.

— Eu achei que você estava indo bem. — disse Dave.

Vince bateu a mão ossuda em seu peito mais ossudo ainda.

— Ligue para a emergência, Steffi, meu coração parou.

— Isso não vai ser tão engraçado quando realmente acontecer, velhote. — disse Dave.

— Olhe ele pegando essas migalhas. — afirmou Vince. — Você baba ao nascer e baba ao envelhecer, minha mãe costumava dizer. Vá lá, Dave, diga, mas faça um favor a todos e engula antes. Dave o fez, e em seguida tomou um grande gole de Coca-Cola para lavar tudo abaixo. Stephanie esperou que seu próprio sistema digestivo pudesse enfrentar tais desafios, quando ela atingisse a idade de David Bowie.

— Bem. — ele disse. — George não se incomodou em isolar a praia, porque isso só atrairia o povo, como moscas para uma torta doce, 'cê sabe, mas isso não impediu os dois bobos da Procuradoria Geral de chegar lá. Perguntei a um deles por que se incomodavam, e ele olhou para mim como se eu fosse um idiota delirante nato.

— Bem, é uma cena de crime, não é? — diz ele.

— Talvez sim e talvez não. — eu disse. — Mas, uma vez que o corpo se foi, que provas que você pensa que conseguirá que o vento já não tenha soprado pra longe? (Porque, então, aquele vento do Leste já estava terrivelmente fresco). Mas eles insistiram, e devo admitir que foi uma bela foto na primeira página do jornal, não foi, Vince?

— Pois é, fotos com fitas que dizem "cena do crime" sempre vendem mais

cópias.

Vince concordou. Metade do seu Muffin já tinha desaparecido e não havia migalhas que Stephanie pudesse ver no seu papel-toalha.

Dave disse:

— Devane estava lá quando o médico examinador, Cathcart, deu uma olhada no corpo: a mão cheia de areia, a mão sem, e depois dentro boca, mas quando o carro funerário da *Tinnock Funeral Home* que tinha vindo na balsa das nove horas, chegou, aqueles dois detetives perceberam que ele ainda estava por lá e poderia estar tendo algo perigosamente próximo de uma aprendizagem. Eles não poderiam permitir isso, assim o enviaram para pegar café e rosquinhas para eles, para Cathcart e o assistente de Cathcart, e para os dois meninos da funerária que tinham acabado de chegar.

— Devane não tinha idéia de onde ir, e até então eu estava do lado errado da fita que eles tinham amarrado, de modo que eu mesmo o levei até a padaria da Jenny. Demorou meia hora, talvez um pouco mais, a maior parte gasta passeando, e eu tenho uma boa idéia de como a terra deitou com aquele rapaz, embora eu lhe dê todos os pontos de prudência; ele nunca disse nada sobre a faculdade, simplesmente disse que estava aprendendo tanto quanto ele esperava, e vendo o tipo de missão a qual ele tinha sido enviado enquanto Cathcart fazia seus exames, eu pude ligar os pontos.

— E quando nós voltamos, o exame terminara. O corpo já havia sido lacrado em um saco. Isso não impediu que um dos detetives—um cara grande e musculoso chamado O'Shanny—de lançar à Devane o lado áspero de sua língua. "Por que você demorou tanto tempo, estamos congelando nossos traseiros" e blá-blá-blá.

— Devane agüentou bem, nunca se queixou, nunca se explicou, alguém certamente o criou bem, eu diria—então eu entrei em cena e disse que tínhamos ido o mais rápido possível. Eu disse: "Você não iria querer que nós quebrássemos leis de velocidade, iria, oficial?" Na esperança de conseguir algumas risadas e aliviar a situação, você sabe. Não funcionou, apesar de tudo. O outro detetive—seu nome era Morrison—disse, '"Quem te perguntou, Irving? Você não tem uma venda de quintal para cobrir, ou algo assim?" Seu parceiro riu dessa, pelo menos, mas o jovem que supostamente deveria estar aprendendo ciência forense, e, em vez disso, aprendia que O'Shanny gostava de café branco e Morrison preto, corou até ao colarinho.

— Agora, Steffi, um homem não chegaria à idade que eu tinha até então, sem ter que engolir alguns sapos de idiotas com alguma autoridade, mas eu me senti péssimo por Devane, que não foi constrangido apenas por sua própria conta, mas por minha também. Eu podia vê-lo procurando alguma maneira de pedir desculpas a mim, mas antes que ele pudesse encontrá-la (ou antes que eu pudesse dizer-lhe que não era necessário, pois ele não havia feito nada de errado), O'Shanny tomou a bandeja de café e entregou-a Morrison, e os dois sacos de doces de mim. Depois disso ele disse para Devane passar por baixo da fita e tirar o saco plástico com pertences pessoais do morto.

— Você assina o Relatório de Pertences. — diz a Devane, como se estivesse conversando com uma criança de cinco anos de idade — E certifique-se de que ninguém a tocará até que eu a pegue de volta com você. E mantenha o nariz fora do que tem dentro dela. Entendeu tudo?

— Sim, senhor. — diz Devane, e ele me dá um pequeno sorriso. Eu o vi pegar o saco de provas, que realmente parecia com o tipo de pasta-sanfona que você vê em alguns escritórios, com o assistente do Dr. Cathcart. Eu o vi tirar o Relatório de Pertences do envelope frontal transparente frente, e… você entende pra que serve o relatório, Steffi?

— Eu acho que sim. — disse ela. — Se houver um processo criminal, e algo que se encontra na cena do crime é utilizado como prova desse processo, o Estado pode mostrar uma cadeia de pertences não corrompidos de onde esta coisa foi encontrada, para onde finalmente foi mandada em algum tribunal, onde terminou como a "Evidência A"?

— Lindamente dito. — afirmou Vince. — Você deveria ser escritora.

— Muito divertido. — disse Stephanie.

— Sim, senhora, esse é o nosso Vincent, um regular Oscar Wilde. — Dave disse. — Pelo menos quando não está sendo o Oscar da Vila Sésamo. Enfim, eu vi o jovem Sr. Devane

assinar o seu nome no documento, e eu o vi o colocar de volta no lugar onde estava. Então eu o vi se virar para ver aqueles rapazes fortes carregando o corpo no carro funerário. Vince já tinha chegado para começar a escrever sua história, e foi aí que eu saí, também, dizendo ao povo que me fazia perguntas—muito poucos tinham aparecido até então, atraídos por aquela estúpida fita amarela como formigas por açúcar derramado—que eles poderiam ler tudo sobre isso por um quarto de dólar, que era quanto custava o *The Islander* nesses dias.

— De qualquer maneira, essa foi realmente a última vez que eu vi Paul Devane, de pé lá e vendo os dois homens carregando o corpo do homem morto no carro fúnebre. Mas, por acaso, eu sei que Devane desobedeceu a ordem de O'Shanny de não olhar no saco de evidências, porque ele ligou para mim no *The Islander* dezesseis meses depois. Na época ele já havia desistido de seu sonho da ciência forense e havia voltado para a faculdade para se tornar um advogado. Boa ou má, esta particular correção de curso não fez diferença para a dupla de Detetives do escritório da P.G.R., mas ainda assim foi Paul Devane que transformou o João-Ninguém da *Hammock Beach* no Homem do Colorado, e finalmente tornou possível para a polícia identificá-lo.

— E fizemos o furo. — afirmou Vince. — Em grande parte porque o Dave Bowie aqui comprou algumas rosquinhas para o jovem e lhe deu o que dinheiro não pode comprar: um ouvido compreensivo e um pouco de simpatia.

— Oh, você está começando a exagerar. — Dave disse, ajeitando-se em torno de seu assento. — Eu não estive com ele por mais de trinta minutos. Talvez quarenta e cinco minutos, se você quiser adicionar o tempo que ficou na fila da padaria.

— Às vezes isso é o suficiente. — disse Stephanie.

Dave disse:

— Pois é, às vezes, talvez é, e que há de tão errado nisso? Quanto tempo você acha que um homem leva para sufocar até a morte com um pedaço de carne, e depois ficar morto para todo o sempre?

Nenhum deles tinha uma resposta para isso. Na praia, o iate de algum turista apitou com uma auto-imponência nula enquanto se aproximava do cais de *Tinnock.*

9

— Deixe Paul Devane em paz, por enquanto. — Vince disse. — Dave pode te contar o resto dessa parte em alguns minutos. Eu acho que deveria lhe contar sobre o exame de tripas primeiro.

— Pois é. — disse Dave. — Não é uma história, Steff, mas se fosse uma, esta provavelmente seria a próxima parte.

Vince disse:

— Não fique com a idéia de que Cathcart fez a autópsia de imediato, porque ele não fez. Havia duas pessoas que tinham sido mortas no incêndio do apartamento que trouxe O'Shanny e Morrison ao nosso pescoço, para começar, e elas chegaram primeiro. Não só porque morreram em primeiro lugar, mas porque foram vítimas de assassinato e o João Ninguém parecia ser apenas uma vítima de acidente. Quando Cathcart foi resolver o problema do João Ninguém, os detetives já haviam voltado para Augusta; já foram tarde.

— Eu estava lá para a autópsia, quando finalmente aconteceu, porque eu era a coisa mais próxima que havia de um fotógrafo profissional na área naqueles dias, e eles queriam uma "Identificação do Adormecido" do cara. Esse é um termo europeu, e isso significa um tipo de foto apresentável o suficiente para aparecer nos jornais. Supostamente deveria fazer parecer que o cadáver estava apenas tirando uma soneca.

Stephanie pareceu tanto interessada como horrorizada.

— E funciona?

— Não. — disse Vince. — Bem… talvez para uma criança. Ou se você olhá-lo rapidamente, e com um dos olhos fechados. Isto tinha que ser feito antes da autópsia, porque Cathcart pensou que talvez, com o bloqueio da garganta e tudo mais, ele poderia ter que esticar demasiadamente a mandíbula.

— E você pensou que não ficaria tão igual a como se ele estivesse dormindo, se ele tivesse um cinto amarrado em torno de seu queixo para manter sua boca fechada? — Stephanie perguntou, sorrindo. Era horrível que tal coisa deveria ser engraçada, mas era engraçada, uma criatura terrível em sua mente insistiu em mostrar seguidamente imagens nojentas sobre isso.

— Não, provavelmente não. — Vince concordou, e ele também estava sorrindo. Dave também. Então se ela era doente, ela não era a única. Graças a Deus.

— Mas o que iria parecer? Penso eu que seria um cadáver com dor de dente.

Então todos começaram a rir. Stephanie percebeu que realmente adorava esses dois velhos urubus.

— Tem-se que rir do Ceifeiro. — Vince disse, tirando o copo de Coca-Cola do parapeito. Ele deu um gole, e depois a colocou no lugar novamente. - Em especial quando se é da minha idade. Sinto o safado atrás de cada porta, e farejo sua respiração no travesseiro ao meu lado, onde minha esposa costumava deitar sua cabeça—Deus abençoe ambas—quando eu desligava a luz.

— Tem-se que rir do Ceifeiro.

— De qualquer forma, Steffi, eu tirei minhas fotos, minhas "Identificações do Adormecido" e elas saíram como era de se esperar. A melhor delas fez o rapaz parecer como se estivesse dormindo depois de tanto encher a cara, ou que talvez estivesse em coma, e essa foi a que usamos uma semana depois. Eles também a usaram no *Bangor Daily News,* assim como nos jornais em *Ellsworth* e *Portland.* Não adiantou muito, é claro, não tanto quanto matar de medo as pessoas que o conheciam, pelo menos, e eventualmente descobrimos que havia uma razão perfeitamente boa para isso.

— Nesse ínterim, porém, Cathcart continuava com seus negócios, e com aqueles dois trogloditas voltando para Augusta, ele não teve objeções em me deixar bisbilhotando, enquanto eu não o dedurasse no jornal, claro que eu nunca o fiz.

— O trabalho continuou. Primeiro havia aquele pedaço de bife que o Dr. Robinson já havia visto na garganta do rapaz. "Aí está a sua causa de morte, Vince", disse Cathcart e a embolia cerebral (que ele descobriu muito depois que eu o deixei para pegar a balsa de volta para *Moosie*) nunca mudou sua opinião. Ele disse que se houvesse alguém lá para realizar a manobra de Heimlich[6]—ou se ele houvesse executado-a em si mesmo—ele poderia não ter acabado em cima de uma mesa de aço com as tripas pra fora.

— Em seguida, conteúdo do Estômago Número Um, e com isso quero dizer as coisas de cima, o lanchinho da meia-noite que mal teve a oportunidade de começar a ser digerido quando o nosso homem morreu e tudo se desligou. Apenas bife. Talvez seis ou sete mordidas, bem mastigadas. Cathcart achou que talvez seriam cem gramas.

— Finalmente, conteúdo do Estômago Número Dois, e aqui eu estou falando sobre o jantar do nosso homem. Este material estava muito bem—bem, eu não quero entrar em detalhes aqui; vamos apenas dizer que o processo digestivo tinha terminado o suficiente para que tudo o que Cathcart pudesse dizer com certeza, sem testes exaustivos, era que o cara tinha tido uma espécie de janta de peixe, provavelmente com uma salada e batatas fritas francesas, em torno de seis ou sete horas antes de morrer.

— Eu não sou nenhum Sherlock Holmes, doutor. — eu disse. — Mas eu posso fazer melhor do que isso.

— É sério? — diz ele, meio cético.

— Ah é. — eu disse. — Eu acho que ele jantou no *Curly* ou *Jan's Wharfside* aqui, ou no *Yanko* em *Moose-Look*.

— Por que um desses, quando se tem cerca de cinqüenta restaurantes num raio de vinte quilômetros de onde estamos que vendem refeições de peixe, mesmo em abril? — pergunta ele. — Por que não o Grey Gull?

— Por que o Grey Gull não se renderia a vender peixe e batatas fritas. — eu disse. — E foi isso que esse cara comeu.

— Agora Steffi, eu me saí bem na maior parte da autópsia, mas quando chegamos nessa parte, eu comecei a me sentir enjoado.

— Esses três lugares que eu mencionei vendem peixes e batatas fritas. — eu disse, e eu pude sentir o cheiro do vinagre, assim que você cortou sua barriga. — então eu tive que correr para seu pequeno banheiro e vomitei. — Mas eu estava certo. Eu revelei minhas fotos das "Identificações do Adormecido" naquela noite e as mostrei nos lugares em que vendiam peixe e batatas fritas no dia seguinte. Ninguém na *Yanko* o reconheceu, mas uma das garçonetes no *Jan's Wharfside* o reconheceu imediatamente.

Ela disse que serviu a ele uma cesta de peixe e batatas fritas, além de uma Coca-Cola ou uma Coca-Cola Diet, ela não conseguia se lembrar, no fim da tarde, antes dele ter sido encontrado. Ele levou-a para uma das mesas e sentou-se para comer e olhar para a água. Perguntei se ele disse alguma coisa, e ela não disse que não, apenas "por favor" e "obrigado". Perguntei a ela se havia percebido para onde ele havia ido quando terminou sua refeição—que ele comeu por cerca de trinta e cinco minutos—e ela disse que não.

Ele olhou para Stephanie.

— Meu palpite é que ele provavelmente foi para as docas da cidade, para pegar a balsa das seis horas para *Moosie*. O tempo teria batido.

— Pois é, é o que eu sempre imaginei. — disse Dave.

Stephanie endireitou-se enquanto algo ocorreu a ela.

— Era Abril. Meados de Abril na costa do Maine, mas ele não tinha casaco quando foi encontrado. Ele estava vestindo um casaco quando foi servido no Jan's?

Ambos os velhos sorriram para ela como se ela tivesse acabado de resolver alguma equação complicada. Só que, Stephanie sabia, o negócio deles—mesmo no humilde patamar do Weekly Islander—era menos sobre a resolução da coisa do que delinear o que precisava ser solucionado.

— É uma boa pergunta. — disse Vince.

— Adorável pergunta. — Dave concordou.

— Eu estava guardando essa parte. — disse Vince. — Mas já que não há história, exatamente, poupar as partes boas não importa… e se você quer respostas, minha querida, a loja está fechada. A garçonete no Jan's não lembrava ao certo, e ninguém mais se lembrava dele. Acho que temos de nos considerar sortudos, de certa forma; se ele houvesse aparecido em meados de Julho, quando esses lugares têm um milhão de pessoas, todos querendo cestas de peixes e batatas, rolinhos de lagosta, e sundaes de sorvete, ela não teria se lembrado dele no fim das contas, a menos que ele houvesse arriado as calças e mostrado a bunda para ela.

— Talvez nem mesmo assim. — disse Stephanie.

— Isso é verdade. Mas ela se lembrava dele, mas não se ele estava usando um casaco. Eu não queria pressioná-la muito, pois ela poderia se lembrar de algo apenas para me agradar… ou para me fazer cair fora dali.

Ela disse:

— Eu lembro que ele estava vestindo uma jaqueta verde clara, Sr. Teague, mas eu posso estar enganada.

— E talvez estivesse errada, mas você sabe… eu penso que ela estava certa. Que ele estava vestindo tal jaqueta.

— Então, onde ela estava? — Stephanie perguntou. — A tal jaqueta chegou a aparecer?

— Não. — Dave disse. — Talvez não houvesse jaqueta… embora o que ele estivesse fazendo por aí afora na costa, durante uma noite de Abril sem uma, certamente desafie minha imaginação.

Stephanie virou-se para Vince, de repente, com mil perguntas, todas urgentes, nenhuma totalmente articulada.

— Por que está sorrindo exatamente, querida? — Vince perguntou.

— Eu não sei. — Fez uma pausa. — Sim, eu sei. Eu tenho tantas malditas perguntas que eu não sei qual perguntar em primeiro.

Ambos os velhos se emocionaram com essa. Dave, de fato, tirou um grande lenço de seu bolso traseiro e enxugou os olhos com ele.

— Não é que uma moça formidável! — Exclamou. — Sim, senhora! Vou te dizer uma coisa, Steff: por que você não finge que está escolhendo um jogo potes da Tupperware na "Vendas Outonais das Senhoras Auxiliadoras"? Basta fechar os olhos e pegar uma da

prateleira.

— Tudo bem. — disse ela, e embora não conseguisse fazê-lo exatamente, chegou perto. — E quanto às impressões digitais do homem morto? E sua arcada dentária? Eu pensei que quando o assunto era identificação de pessoas mortas, essas coisas eram infalíveis.

— A maioria das pessoas faz isso, provavelmente, elas são. — disse Vince. — Mas você tem que lembrar isso foi em 1980, Steff. — Ele ainda estava sorrindo, mas seus olhos estavam sérios. — Antes da revolução do computador, e bem antes da Internet, essa ferramenta maravilhosa que gente jovem como você adora. Em 1980, você poderia verificar as impressões e registros dentários, daqueles que os departamentos de polícia chamavam de InDes-Indivíduos Desconhecidos—contra os da pessoa que você achava que poderia ser tal indivíduo desconhecido, mas checar a de todos os criminosos procurados em todos os departamentos de polícia, teria levado anos, e contra todos daqueles que desapareciam todos os anos nos Estados Unidos? Mesmo se você reduzir a lista para apenas homens na casa dos trinta ou quarenta anos? Não é possível, querida.

— Mas eu pensei que as Forças Armadas mantivessem registros de computador, mesmo naquela época…

— Eu acho que não. — afirmou Vince. — E se o faziam, eu não acredito que as impressões do Homem houvessem sido enviadas para eles.

— De qualquer forma, a identificação inicial não veio da arcada dentária e nem das impressões digitais. — Dave disse. Ele entrelaçou os dedos sobre seu peitoral considerável e parecia quase envaidecido à luz do sol que desaparecia, agora inclinada, mas ainda quente. — Eu acredito que isso se chama “ir direto ao assunto”.

— Então de onde ela veio?

— Isso nos leva de volta a Paul Devane. — Vince disse. — E eu gosto de voltar a Paul Devane, porque, como eu disse, há uma história aí, e as histórias são o meu negócio. Elas são minha batida, era o que teríamos dito naqueles velhos, velhos tempos. Devane uma miniatura de Horatio Alger[7], menor, mas satisfatório. Autor de “Luta e sucesso”. “Trabalho e vitória”.

— Mijo e vinagre. - Dave sugeriu.

— Se você gosta. - disse Vince empatando. — Claro, pois é, se gostar. Devane se vai com esses dois policiais babacas, O’Shanny e Morrison, assim que Cathcart lhes dá o relatório preliminar sobre as vítimas queimadas no incêndio do apartamento, porque eles não dão a mínima sobre uma vítima de asfixia acidental, que morreu na Ilha *Moose-Lookit*. Cathcart, enquanto isso, faz sua operação de tripas no João Ninguém com total consideração. No certificado de óbito está asfixia devido ao engasgo ou ao equivalente médico do mesmo. Nos jornais vai a minha foto da “Identificação do Adormecido”, que nossos antepassados Vitorianos verdadeiramente chamavam de “retrato da morte”.

E ninguém chama o escritório da Procuradoria Geral da República ou o quartel da Polícia Estadual de Augusta para dizer que aquele é seu pai ausente, tio ou irmão.

— A Casa Funerária de *Tinnock* o mantém em seu refrigerador durante seis dias—não é a lei, mas como tantas coisas em deste tipo, Steffi, você descobrirá que é um costume aceitável. Todo mundo do comércio da morte sabe, mesmo se ninguém sabe o porquê. No final desse período, ele ainda era um João Ninguém e ainda não havia sido reclamado, Abe Carvey foi em frente e o embalsamou. Ele foi colocado na cripta da própria casa funerária em *Seaview Cemetery.*

— Esta parte é bastante assustadora. — disse Stephanie. Descobriu que podia ver o homem lá dentro, por alguma razão não em um caixão (embora ele certamente devesse ter ganhado algum tipo de caixão barato), mas simplesmente colocado sobre uma laje de pedra com um lençol sobre ele. Um pacote não reclamado em uma agência de correios dos mortos.

— Pois é, um pouco. — disse Vince niveladamente. - Você quer que eu pule essa parte?

— Se parar agora, eu te mato. — ela disse.

Ele assentiu, sem sorrir, mas satisfeito com ela do mesmo jeito. Ela não entendia como sabia disso, mas ela sabia.

— Ele ficou por lá por um verão e meio. Então, quando novembro se aproximou, e o corpo ainda estava sem nome e não reclamado, eles decidiram que deveriam enterrá-lo. — No sotaque ianque de, enterrá-lo soou como "emperrá-lo". — Antes que a terra endurecesse novamente e ficasse difícil de escavar, entende.

— Entendo. — Stephanie disse calmamente. E ela entendeu. Desta vez, ela não percebeu a telepatia entre o dois velhos, mas talvez estivesse lá, porque Dave assumiu o conto (se é que podia ser chamado assim), sem mesmo pedir ao editor sênior do *The Islander.*

— Devane finalizou sua turnê com O'Shanny e Morrison até o amargo fim. — disse ele. — Ele, até mesmo, provavelmente, deu a cada um deles uma gravata ou algo assim, no fim dos três meses, ou dois, quando quer que tenha sido; como acho que já te disse, Stephanie, o rapazote não desistiu. Mas tão logo ele terminou, ele levou sua papelada para sua faculdade, qualquer que seja ela—acho que ele me disse que era *Georgetown,* mas não deve se confiar em mim nessa—e começou tudo de novo, ingressando em quaisquer matérias que ele precisava para a faculdade de Direito. E, exceto por duas coisas, é provável que seja neste ponto que o Sr. Paul Devane deixe esta história de vez—que, como diz Vince, não é uma história, exceto talvez por esta parte. A primeira coisa, é que Devane espiou no saco de provas, em algum momento, e olhou para os pertences pessoais do João Ninguém. A segunda, é que ele assumiu compromisso com uma garota, e ela o levou para casa para conhecer seus pais, como as meninas costumam fazer quando as coisas ficam sérias, e o pai desta menina tinha pelo menos um mau hábito que era mais comum então do que é agora. Ele fumava cigarros.

A mente de Stephanie, que era boa (ambos os homens sabiam disso), de uma vez só, focou o maço de cigarros que havia caído na areia da *Hammock Beach*, quando o homem morto caiu. Johnny Gravlin (agora o prefeito de *Moose-Lookit)* o pegou e o colocou de volta no bolso do homem morto. E depois outra coisa veio a ela, não num clarão brando, mas em um ofuscante. Ela estremeceu como se houvesse sido picada. Um dos seus pés bateu na lateral do seu copo e o derrubou. Coca-Cola deslizou por entre as fissuras no chão de madeira, onde caiu sobre as rochas e as ervas daninhas logo abaixo. Os velhos não perceberam. Eles conheciam perfeitamente um estado de graça quando viam um, e estavam assistindo sua estagiária com interesse e prazer.

— O selo de imposto! — ela quase gritou. — Há um selo de imposto do Estado no fundo de cada maço!

Os dois aplaudiram-na, suave, mas sinceramente.

10

Dave disse:

— Deixe-me dizer o que o jovem Sr. Devane viu quando ele deu sua espiada proibida na bolsa de evidências, Steffi—e eu não tenho dúvidas de que ele deu aquela espiada mais para desafiar aqueles dois do que por acreditar que ele realmente veria qualquer coisa de valor em tal escassa coleção de coisas. Para começar, havia a aliança de casamento do João Ninguém; ouro puro, sem gravura, nem mesmo uma data.

— Eles não a deixaram em seu… — ela viu a forma como os dois homens estavam olhando para ela, e isso a fez perceber que o que ela estava sugerindo era tolo. Se o homem fosse identificado, o anel seria devolvido. Ele poderia então ser enterrado com ele em seu dedo, se fosse isso o que sua família sobrevivente quisesse. Mas até então era a evidência, e devia ser tratada como tal.

— Não. — disse ela. — Claro que não. Idéia boba. Uma coisa, porém—deve ter havido uma Sra. Maria Ninguém em algum lugar. Ou uma Sra. Moça. Sim?

— Sim. — disse Vince Teague, um pouco grave. — E nós a encontramos. Eventualmente.

— E havia "Joãzinhos Ninguéns"? — Stephanie perguntou, pensando que o homem tinha a idade certa para ter um bando inteiro deles.

— Não vamos ficar presos a essa parte agora, se puder nos fazer este favor. -

- disse Dave.

— Oh. — disse Stephanie. — Desculpem-me.

— Não precisa se desculpar. — ele disse, sorrindo um pouco. — Só não quero me perder. É mais fácil de fazer quando não há… como você chama, Vincent?

— Quebra de linha. — disse Vince. Ele estava sorrindo também, mas seus olhos estavam um pouco distantes. Stephanie se perguntava se era o pensamento dos "Joãozinhos" que o tinham levado tão longe.

— Não, nada de quebras de linha. — disse Dave. — O conteúdo do saco era a aliança de casamento do falecido, dezessete dólares em papel-moeda—uma de dez, uma de cinco, e dois de um—mais algum troco que poderia ter somado um dólar. Além disso, Devane disse, havia uma moeda que não era americana. Ele disse que achou que a inscrição era russa.

— Russa. — ela disse admirada.

— O que é chamado de Cirílico. — Vince murmurou.

Dave prosseguiu:

— Havia um rolo de *Certs* e um pacote de chiclete *Big Red* em que faltava uma goma. Havia uma caixa de fósforos com um anúncio para colecionadores de selo na frente—estou certo de que você já viu isso, eles vendem em cada loja de conveniência— e Devane disse que podia ver uma marca de atrito no papel da caixa de fósforos, rosa e brilhante. E então havia aquele maço de cigarros, aberto e com um ou dois cigarros desaparecidos. Devane achou que só havia sumido um, e a única marca de atrito de fósforo parecia sustentar esta idéia, ele disse.

— Mas não havia carteira. — disse Stephanie.

— Não, senhora.

— E absolutamente nenhum documento de identificação.

— Não.

— Alguém teorizou que talvez alguém tivesse vindo e roubado o último pedaço do bife do Sr. Ninguém e sua carteira? — perguntou ela, e um risinho saiu antes que ela pudesse colocar a mão sobre sua boca.

— Steffi, tentamos isso e tudo mais. — afirmou Vince. — Inclusive a idéia de que talvez ele tenha sido largado na *Hammock Beach* por uma das Luzes Costeiras.

— Dezesseis meses depois de Johnny Gravlin e Nancy Arnault terem encontrado aquele cara… — Dave retomou. — Paul Devane foi convidado para passar um fim de semana na casa de sua namorada na Pensilvânia. Eu tenho a impressão de que a Ilha *Moose-Lookit*, *Hammock Beach*, e João Ninguém eram as últimas coisas que passavam por sua cabeça naquele momento. Ele disse que ele e a namorada estavam saindo para a noite, ver um filme ou algo assim. A mãe e o pai estavam na cozinha, terminando de lavar os pratos da ceia — e se livrando deles— é o que dizemos nestas partes— e embora Paul tenha se oferecido para ajudar, ele havia sido banido para a sala de estar para não escutar conversas particulares. Então ele estava sentado lá, olhando o que estava passando na TV, e ele acabou dirigindo os olhos para cadeira de balanço do Papai Urso, para a mesinha do Papai Urso, e bem ao lado do guia de TV do Papai Urso, e do cinzeiro do Papai Urso, estava o maço de cigarros do Papai Urso.

Ele fez uma pausa, dando-lhe um sorriso e um encolher de ombros.

— É engraçado como as coisas funcionam, às vezes; faz você pensar em quantas vezes elas não funcionam. Se esse pacote estivesse virado para um lado diferente—de modo que a

parte de cima estivesse de frente pra ele, ao invés da parte de baixo—João Ninguém poderia ter acabado com este nome, em vez de “O Homem do Colorado”, e, por fim, o Sr. James Cogan, de *Nederland,* uma cidade ao oeste de Boulder. Mas o fundo do maço estava virado para ele, e ele viu o selo. Era um selo, como um selo postal, e o que o fez pensar no maço de cigarros dentro do saco de provas naquele dia.

— Entende, Steffi, um dos acompanhantes de Paul Devane—não me lembro se era O’Shanny ou Morrison—era fumante, e entre as outras tarefas de Paul, ele havia comprado a este cara um belo maço de cigarros *Camel*, e enquanto este tipo também tinha um selo, pareceu-lhe que não era o mesmo que o do pacote na bolsa de provas. Parecia-lhe que o selo dos cigarros do Estado do Maine que ele havia comprado para o detetive era carimbado, como o tipo que você arranja em festas de cidades pequenas, ou… não sei…

— Em um festival anual de fim de verão das fazendas Gernerd de Dança Rústica e Piquenique? — ela perguntou sorrindo.

— Isso mesmo. — disse ele, apontando um dedo gordo para ela como uma arma. — De qualquer forma, este não era o tipo de coisa que te faria sair pulando por aí e gritando “Eureca! Eu descobri!”, mas sua mente continuava a voltar para esta idéia, várias e várias vezes naquele final de semana, porque a memória daqueles cigarros na bolsa de provas o incomodava. Por um lado, pareceu a Paul Devane que os cigarros de João Ninguém certamente deveriam ter um selo de imposto do Maine, não importando de onde ele havia vindo.

— Por quê?

— Porque só havia sumido um. Que tipo de fumante fuma só um cigarro a cada seis horas?

— Um que maneire?

— Um homem que tem um pacote completo e não tira mais de um cigarro em seis horas de luz não é um fumante moderado, é um não-fumante. — disse Vince suavemente. — Além disso, Devane viu a língua do homem. E eu também—eu estava de joelhos na frente dele, iluminado sua boca com o otoscópio do Dr. Robinson. Era rosa como pimenta doce. Não era a língua de um fumante.

— Oh, a caixa de fósforos. - Stephanie disse, pensativa. — Um risco de atrito?

Vince Teague estava sorrindo para ela. Sorrindo e assentindo.

— Um risco. — disse ele.

— Não havia isqueiro?

— Não havia isqueiro. — ambos os homens disseram ao mesmo tempo, então riram.

11

— Devane esperou até a segunda-feira… — Dave disse. — E quando o assunto dos cigarros ainda não o havia deixado em paz—não o deixava mesmo depois de quase um ano e meio, passado daquela parte de sua vida—ele me ligou e me explicou que ele tinha uma idéia de que talvez, apenas talvez, o maço de cigarros que João Ninguém estava carregando não tinha provindo do Estado do Maine. Se assim fosse, o selo na parte inferior iria mostrar de onde ela teria vindo. Ele expressou suas dúvidas sobre se João Ninguém era um fumante de fato, mas disse que o selo do imposto, poderia ser uma pista, mesmo se ele não fosse. Eu concordei com ele, mas estava curioso para saber por que ele me chamara. Ele disse que não conseguia pensar em qualquer outra pessoa que ainda poderia estar interessada depois de tanto tempo. Ele estava certo, eu ainda estava interessado—Vince, também—e acabou que ele estava certo sobre o selo, também.

— Agora, eu não sou um fumante e nunca fui, o que é provavelmente uma das razões de eu ter atingido a ótima idade de sessenta e cinco estando em tão boa forma…

Vince resmungou e acenou para ele. Dave continuou, imperturbável.

— Então eu fiz uma pequena viagem para *Bayside News* e perguntei se poderia analisar um pacote de cigarros. Meu pedido foi concedido, e notei que realmente havia um pequeno selo na parte inferior, não um tipo de selo de postagem. Então eu fiz uma ligação para o Gabinete do Procurador-Geral e falei com um colega de nome Murray em um departamento chamado Depósito e Arquivo de Material Probatório. Eu estava tão diplomático quanto poderia, Stephanie, porque naquela época os dois detetives brucutus ainda estavam na ativa —- E eles tinham esquecido uma pista potencialmente valiosa, não tinham?

Steff perguntou. — Uma que poderia ter encurtado a procura de João Ninguém para um único estado. E ela estava praticamente em baixo de seus narizes.

— Sim. — disse Vince. — E não havia maneira de poderem culpar seu estagiário, também, porque eles especificamente lhe disseram para manter o nariz fora da bolsa de provas. Além disso, no momento em que ficou claro que ele os tinha desobedecido—- Ele já estava fora de alcance. — ela completou.

— Pode apostar. — Dave concordando. — Mas eles não teriam dado nada mais do que uma grande bronca, de qualquer forma. Lembre-se, eles tinham uma verdadeira investigação de assassinato acontecendo em *Tinnock*—homicídio, duas pessoas queimadas até a morte—e João Ninguém foi apenas uma vítima de asfixia.

— Ainda assim parece… — Stephanie pareceu ter dúvidas.

— Ainda assim parece idiota, e você não precisa ser educada demais para dizer isso,

você está entre amigos. — Dave lhe disse com um sorriso. — Mas o *Islander* não tinha interesse em causar problemas para os dois detetives. Eu deixei isso bem claro para Murray, e eu também deixei claro que não era uma questão criminal; tudo o que eu estava fazendo era o meu melhor para tentar descobrir quem era o pobre rapaz, porque provavelmente em algum lugar havia pessoas sentindo sua falta e querendo saber o que lhe tinha acontecido. Murray disse que teria que falar comigo depois sobre isso, o que eu meio que esperava, mas ainda assim, passei uma tarde péssima, pensando se talvez eu devesse ter jogado minhas cartas de um jeito diferente. Eu poderia ter, você sabe; eu poderia ter feito o Dr. Robinson fazer a ligação para *Augusta,* ou mesmo convencer Cathcart a fazê-lo, mas a idéia de usar um deles como bode expiatório foi contra a minha natureza. Eu suponho que é brega, mas eu realmente acredito que, em nove a cada dez casos, a honestidade é a melhor política. Eu estava preocupado que este poderia vir a ser o décimo.

— No final, porém, saiu tudo certo. Murray me chamou logo depois de eu ter me convencido de que ele não iria, e já começava a puxar minha jaqueta para ir para casa—não é assim que coisas assim geralmente terminam?

— Uma panela nunca queima se vigiada. — afirmou Vince.

— Meu Deus, é quase como poesia, dê-me um bloco e um lápis para que eu possa anotar isso. — disse Dave, sorrindo mais amplamente do que nunca. O sorriso fez mais do que tirar anos de seu rosto, ele os expulsou, e ela podia ver o menino que ele havia sido. Então ele ficou sério, mais uma vez, e o menino desapareceu novamente.

— Em cidades grandes as evidências perdem-se todo o tempo, eu entendo, mas acho que *Augusta* não é tão grande ainda, mesmo que seja a capital do Estado. O sargento Murray não teve problemas para encontrar o saco com provas com a assinatura de Paul Devane, ele disse que o achou dez minutos depois de terminarmos de falar. O resto do tempo que passou foi gasto com sua tentativa de obter a permissão da pessoa certa para me deixar saber o que estava dentro do saco… o que ele finalmente conseguiu. Os cigarros eram *Winstons,* e o selo no fundo era do jeito que Paul Devane lembrava: retangular e pequeno com a palavra "Colorado" em pequenas e escuras letras. Murray disse que ele enviaria as informações para o escritório do Procurador-Geral, e que apreciariam saber "antes da publicação" se tivéssemos sorte em identificar o Homem do Colorado. Foi assim que ele o chamou, então acho que você poderia dizer que foi o Sargento Murray no Depósito e Arquivo de Material Probatório do Procurador-Geral, que cunhou o apelido. Ele também disse esperava que, se tivéssemos sorte em identificar o indivíduo, nós tomássemos nota em nossa história que o escritório do Procurador-Geral tinha sido útil. Você sabe, eu achei que isso foi meio que doce.

Stephanie se inclinou para frente, os olhos brilhando, totalmente absorvida.

— Então o que você fez depois? Como você procedeu?

Dave abriu a boca para responder, e Vince colocou a mão sobre o ombro robusto do

editor-chefe para pará-lo antes que ele pudesse continuar.

— Como é que você acha que procedemos, querida?

— É hora de aprender? — perguntou ela.

— Isso aí. — disse ele.

E porque ela viu pelos olhos e pelo conjunto de sua boca (mais por este último) que ele estava absolutamente sério, pensou cuidadosamente antes de responder.

— Vocês fizeram cópias da "Identificação do Adormecido".

— Pois é. Nós fizemos.

— E então… hmm… vocês as enviaram com recortes—para quantos jornais no Colorado?

Ele sorriu, acenou, deu-lhe um polegar para cima.

— Setenta e oito, Srta. McCann, e eu não sei quanto a Dave, mas eu fiquei surpreso com o quão barato tornou-se enviar tal número de duplicatas, ainda em 1981. Ora, não poderia ter chegado a uma despesa total de cem dólares, mesmo com o frete.

— E é claro que tiramos o dinheiro do jornal. — disse Dave, que também era o contador do *The Islander*.

— Cada centavo. Como tínhamos todo o direito de fazer.

— E quantos deles publicaram?

— Cada um deles! — Vince disse, e deu um tapa em sua magra coxa. — Ah, é! Até o *Denver Post* e o *Rocky Mountain News!* Porque só havia uma coisa peculiar sobre o assunto, e uma linda matéria, não percebe?

Stephanie assentiu. Simples e lindo. Ela viu.

Vince acenou de volta, absolutamente radiante.

— O homem desconhecido, talvez do Colorado, encontrado em uma praia de uma ilha do Maine, três mil e duzentos quilômetros de distância! Nenhuma menção do bife preso até a metade seu esôfago, nenhuma menção ao casaco que poderia ter sido tirado só Deus sabe onde (ou talvez ele nem existisse), nenhuma menção à moeda russa em seu bolso! Só o Homem do Colorado, seu básico Mistério Inexplicável, e assim, com certeza, eles todos publicaram, mesmo os gratuitos, que só publicam, na maioria das vezes, cupons.

— E dois dias depois que o jornal *Boulder* publicou no final de outubro de 1981… —

Dave disse. — Eu recebi um telefonema de uma mulher chamada Arla Cogan. Ela morava em *Nederland,* um pouco acima nas montanhas de *Boulder,* e seu marido tinha desaparecido em abril do ano anterior, deixando-a com um filho que tinha seis meses de idade no momento do seu desaparecimento. Ela disse que o nome deles era James, e embora não tivesse idéia do que ele poderia estar fazendo em uma ilha fora da costa do Maine, a fotografia no *The Camera* lhe pareceu o bastante com seu marido. Bastante, de fato. — fez uma pausa. — Eu acho que ela sabia que era mais do que apenas uma semelhança, porque ela chegou àquele ponto da conversa e depois começou a chorar.

12

Stephanie pediu a Dave que soletrasse o primeiro nome da Sra. Cogan. No sotaque grosso de Dave Bowie do Maine, tudo o que ela ouvia era um bando de barulhos que soavam como "di" com um "J" no meio.

Ele fez isso, então disse:

— Ela não tinha as impressões digitais dele, é claro—mas ela pôde me dar o nome do dentista que eles freqüentavam, e…

— Espere, espere, espere. — disse Stephanie, colocando a mão para cima como um guarda de trânsito. — Este homem Cogan, o que ele fazia para viver?

— Ele era um artista comercial, em uma agência de publicidade em *Denver.* — afirmou Vince. — Eu vi alguns de seus trabalhos, e eu tenho que dizer que ele era muito bom. Ele nunca seria famoso em todo o país, mas se você queria uma imagem rápida para uma propaganda que mostrava uma mulher segurando um tecido de rolo de papel higiênico como se ela tivesse acabado de pegar uma truta premiada, Cogan era seu homem. Ele se deslocava para *Denver* duas vezes por semana, às terças e quartas-feiras, para reuniões e conferências de produtos. O resto do tempo ele trabalhava em casa.

Ela voltou seu olhar para Dave.

— O dentista falou com Cathcart, o Examinador Médico. Certo?

— Você está metralhando tudo, Steff. Cathcart não possuía raios-X da arcada dentária do Homem, ele não foi treinado para isso e não viu nenhuma razão para enviar o corpo para o *County Memorial,* onde raios-X dos dentes poderiam ter sido feitos, mas registrou todas as pontes e coroas dentais. Tudo combinou. Ele então passou a coisa para frente e enviou cópias das impressões digitais do morto para a Polícia de *Nederland,* que tem um técnico do Departamento de Polícia de *Denver,* para ir à residência de Cogan e encher o escritório de James Cogan de pó para tirar impressões. A Sra. Cogan—Arla—disse ao homem das impressões digitais, que ele não ia encontrar nada, que ela tinha limpado todos os trabalhos de cabo a rabo, quando finalmente admitiu a si mesma que seu Jim não voltaria, que ele a havia abandonado, o que ela mal podia acreditar, ou que algo terrível tinha acontecido a ele, o que ela estava começando a acreditar.

— O homem da impressão digital disse que se Cogan tinha passado uma quantidade significativa de tempo na sala que tinha sido o seu escritório, ainda haveria impressões. - Dave fez uma pausa, suspirou, passou a mão pelo que restava de seu cabelo. — Ainda havia, e sabíamos, com certeza, que eram do João Ninguém, também conhecido como o Homem Colorado: James Cogan, de quarenta e dois anos, de *Nederland,* Colorado, casado com Arla

Cogan, pai de Michael Cogan, seis meses de idade na época do desaparecimento de seu pai, quase dois anos na época da identificação do corpo do mesmo.

Vince se levantou e se espreguiçou com os punhos das mãos na cintura.

— O que vocês dizem de entrarmos, pessoal? Está começando a ficar um pouquinho frio aqui, e há um pouco mais para contar.

13

Cada um tomou um lugar na sala de descanso escondida em um nicho atrás da antiga prensa que deixou de ser usada (o jornal agora era impresso em *Ellsworth,* e tem sido assim desde 2002). Enquanto Dave tomou seu lugar, Stephanie ligou a máquina de café. Se a história-que-não-era-uma-história tomasse mais outra hora (e ela teve a sensação de que iria), todos estariam felizes com uma xícara.

Quando eles foram novamente convocados, Dave farejou na direção da pequena cozinha e acenou com a cabeça em sinal de aprovação.

— Eu gosto das mulheres que decidiram que a cozinha não é um lugar de escravidão só porque trabalham para viver.

— Sinto absolutamente o mesmo sobre homens. — disse Stephanie, e quando ele riu e acenou com a cabeça (ela tinha feito mais outra boa piada, duas em uma tarde, um recorde), ela inclinou a cabeça na direção da velha e enorme prensa. -Essa coisa parece um lugar de escravidão para mim. — disse ela.

— Parece pior do que sempre foi. — disse Vince. — Mas a anterior era um horror. Ela comeria seu braço se você não tomasse cuidado, e faria um belo sanduíche dele. Agora, onde estávamos?

— Com a mulher que tinha acabado de descobrir que era viúva. — disse Stephanie. — Eu presumo que ela foi pegar o corpo?

— Sim. — disse Dave.

— E um de vocês veio buscá-la aqui no aeroporto de Bangor?

— O que você acha, querida?

Não era uma pergunta que Stephanie tivesse que ruminar por muito tempo. No final de outubro ou início de novembro de 1981, o Homem do Colorado seria negócio muito antigo para as autoridades do Estado de Maine… e como uma vítima de engasgo, ele havia sido de pouco interesse para começar. Apenas um cadáver não identificado, na verdade.

— Claro que sim. Vocês dois eram realmente os únicos amigos que ela tinha no Estado de Maine. — Esta idéia teve o estranho efeito de fazer com que ela percebesse que Arla Cogan era (e, em algum lugar, quase certamente ainda é) uma pessoa real, e não apenas uma peça de xadrez em uma novela policial de Agatha Christie ou de um episódio de *“Murder, She Wrote”.*

— Eu fui. — disse Vince, falando baixinho. Ele se sentou mais pra frente na sua cadeira, olhando para suas mãos, que foram postas abaixo dos joelhos. — Ela não era o que eu esperava, tampouco. Eu tinha uma imagem construída em minha cabeça, baseada em uma idéia errada. Eu deveria ter conhecido-a melhor. Eu estive no negócio de jornalismo há sessenta e cinco anos—tanto quanto o meu parceiro de crime tem de vida, e ele já não é mais a lâmina brilhante que ele pensa ser—e neste período de tempo, eu vi a minha quota de cadáveres. A maioria deles expulsaria as coisas poéticas e românticas—"eu vi uma dama solteira e firme"—de sua cabeça em um estalar de dedos. Corpos são coisas feias, muitos mal parecem mais humanos. Mas isso não era verdade com o Homem do Colorado.

— Ele parecia quase bom o suficiente para ser objeto de um desses poemas românticos do Sr. Poe. Fotografei-o antes da autópsia, é claro, você tem que se lembrar disso, e se você espiasse o retrato finalizado por um segundo ou dois, ele ainda pareceria morto como uma pedra (pelo menos para mim era assim), mas sim, haveria algo meio charmoso sobre ele do mesmo jeito, com seu rosto pálido e os lábios pálidos e o leve toque de lavanda em suas pálpebras.

— Brrr… — disse Stephanie, mas ela sabia o que Vince estava querendo dizer, e sim, isso lembrou um poema de Poe. Aquele sobre a Lenore perdida.

— Pois é, soa como amor verdadeiro para mim. — Dave disse, e levantou-se para pegar mais café.

14

Vince Teague despejou o que pareceu à Stephanie metade de um frasco de adoçante em seu café, em seguida, continuou. Ele fez isso com um sorriso triste.

— Tudo o que eu estou tentando dizer é que eu esperava um tipo de beleza pálida de cabelos escuros. O que eu consegui foi uma gordinha ruiva com um monte de sardas. Eu nunca duvidei de sua tristeza e preocupação por um minuto, mas eu deveria saber que ela é daquelas que comem descontroladamente quando alguns ratinhos começam a roer seus nervos. Os pais dela tinham vindo de *Omaha* ou *Des Moines* ou de algum lugar para cuidar do bebê, e eu nunca vou esquecer quão perdida e solitária ela parecia quando saiu do avião, segurando sua pequena bagagem de mão, não ao seu lado, mas sobre seu peito de pombo. Ela não era nem um pouco como eu esperava, não a Lenore perdida—

Stephanie deu um pulo e achou que, talvez agora a telepatia corresse em três

vias.

— Mas eu soube quem ela era imediatamente. Eu acenei e ela veio até mim e disse: "Sr. Teague?" E quando eu disse que sim, que era eu, ela largou a mala, me abraçou e disse: "Obrigada por ter vindo ao meu encontro. Obrigada por tudo. Eu não posso acreditar que é ele, mas quando eu olhei para a foto, eu sabia que era."

— É uma longa viagem até aqui—ninguém sabe disso melhor do que você, Steff—e tivemos muito tempo para conversar. A primeira coisa que me perguntou foi se eu tinha alguma idéia do que Jim estava fazendo na costa do *Maine*. Eu lhe disse que não. Então ela perguntou se ele tinha se registrado em um motel local na quarta-feira de noite. — ele parou e olhou para Dave. — Estou certo? Quarta-Feira à noite?

Dave assentiu.

— Teria sido uma noite de quarta-feira que ela perguntou, porque era uma manhã de quinta-feira quando Johnny e Nancy o encontram. Era 24 de Abril de 1980.

— Você apenas sabe disso. — Stephanie ficou admirada. Dave deu de ombros.

— Coisas como essa grudam em minha cabeça. — disse ele a ela. — E então eu vou me esquecer do pão que eu deveria comprar e terei que sair na chuva para comprá-lo. — Stephanie virou-se para Vince.

— Certamente ele não se registrou em um motel na noite anterior em que foi encontrado, ou vocês não teriam passado tanto tempo chamando-o de João Ninguém. Vocês poderiam tê-lo conhecido por outro nome, mas ninguém se registra em um motel com esse nome.

Ele estava assentindo muito antes de ela terminar.

— Dave e eu passamos três ou quatro semanas após o Homem do Colorado ser encontrado—durante nosso tempo livre, é claro—investigando motéis no que o Sr. Yeats teria chamado de “rotação expandida” com a Ilha *Moose-Lookit* no centro. Teria sido quase impossível durante a temporada de verão, quando há quatrocentos diferentes hotéis; pousadas; cabanas; albergues; e quartos para alugar, todos competindo desesperadamente pelo que está vindo pela balsa de *Tinnock,* mas tudo não passa de um trabalho temporário em abril, porque setenta por cento deles são fechados no dia de Ação de Graças e no Dia do Memorial. Nós mostramos a foto em todos os lugares, Steffi.

— Nenhuma sorte?

— Nem um pouco dela. — Dave confirmou.

Ela virou-se para Vince.

— O que ela disse quando você disse isso?

— Nada. Ela estava confusa. — fez uma pausa. — Chorou um pouco.

— Claro que sim, pobre coitada. — disse Dave.

— E o que você fez? — Stephanie perguntou, toda a sua atenção continuava voltada para Vince.

— Meu trabalho. — disse ele, sem hesitação.

— Porque você é aquele que sempre tem que saber das coisas — disse ela.

Suas sobrancelhas espessas, emaranhadas, subiram.

— Você acha mesmo?

— Sim. — disse ela. — Acho. — e ela olhou para Dave atrás de confirmação.

— Acho que ela te pegou, colega. — disse Dave.

— A pergunta é: esse é o seu trabalho, Steffi? — Vince perguntou com um sorriso torto. — Eu acho que é.

— Claro. — disse ela, quase descuidadamente. Ela soube disso há semanas, mas se alguém houvesse lhe perguntado antes de vir para o *The Islander,* ela teria rido da idéia de decidir com certeza, sobre o trabalho de uma vida, baseada em tal obscura colocação. A Stephanie McCann que tinha quase decidido ir para *Nova Jersey* ao invés de *Moose-Lookit* na costa do *Maine* agora parecia outra pessoa para si mesma. Uma desbravadora.

— O que ela disse? O que ela sabia?

Vince disse:

— Apenas o suficiente para fazer a história ficar ainda mais estranha.

— Conte-me.

— Tudo bem, mas esteja avisada—é aqui onde o rotineiro termina.

Stephanie não hesitou.

— Conte-me assim mesmo.

15

— Jim Cogan saiu para trabalhar na agência de publicidade *Mountain Outlook* em *Denver* na quarta-feira, 23 de Abril de 1980, assim como em qualquer outra quarta-feira. — afirmou Vince. — Isso é o que ela me disse. Ele tinha uma pasta de desenhos que ele usava enquanto estava trabalhando para *Sunset Chevrolet,* uma dos grandes fabricantes de automóveis locais, que fez uma tonelada de propaganda impressa com a *Mountain Outlook*— um cliente muito valioso. Cogan foi um dos quatro artistas convocados para a *Sunset Chevrolet* durante os últimos três anos, disse ela, e ela foi positiva se a empresa estava feliz com o trabalho de Jim, e o sentimento era mútuo—Jim gostava de trabalhar para ela. Ela disse que sua especialidade era o que ele chamava de "caramba de mulheres". Quando perguntei o que significava, ela sorriu e disse que eram desenhos com mulheres bonitas, com os olhos arregalados e bocas abertas, e, geralmente, com as palmas das mãos grudadas às suas bochechas. Os desenhos deveriam dizer "Puta merda, mas que grande compra eu fiz na *Sunset Chevrolet*!"

Stephanie riu. Ela já havia visto tais desenhos, geralmente em propagandas gratuitas na *Shop 'N Save* perto da praia, em *Tinnock.*

Vince assentiu.

— Arla também era uma artista, só que com as palavras. O que ela me apresentou foi um homem muito decente que amava a esposa, seu filho, e seu trabalho.

— Algumas vezes os olhos cegos pelo amor não vêem o que deveriam. — Stephanie lembrou.

— Jovem, mas cínica! — Dave protestou, não sem satisfação.

— Bem, pois é, mas ela está certa. — afirmou Vince. — A única coisa é, dezesseis meses é geralmente tempo o suficiente para uma pessoa assim enxergar como deveria. Se estivesse acontecendo alguma coisa—descontentamento com o trabalho ou talvez uma amante, o que seria mais provável—eu acho que ela teria encontrado sinais disso, ou pelo menos chegado bem perto, a menos que o homem fosse todo-poderoso, poderosamente cuidadoso, porque durante estes dezesseis meses, ela falou com todos que conhecia, a maioria deles duas vezes, e todos eles disseram-lhe a mesma coisa: ele gostava de seu trabalho, ele amava sua esposa, e ele absolutamente idolatrava seu filho bebê. Ela continuava a chegar até isso. "Ele nunca teria deixado Michael", disse ela. "Eu sei disso, Sr. Teague. Eu sei do fundo de minha alma.

Vince deu de ombros, como se dissesse "então me processem".

— Eu acreditei nela.

— E ele não estava cansado de seu trabalho? — Stephanie perguntou. — Não tinha nenhum desejo de mudar de ares?

— Ela não disse. Disse que ele amava sua casa nas montanhas, e que ainda havia uma placa sobre a porta da frente que dizia "Esconderijo do Hernando". E ela conversou com um dos artistas que trabalhou com ele na *Sunset Chevrolet*, um rapaz com quem Cogan tinha trabalhado por anos, Dave, você se lembra do nome?

— George Rankin ou George Franklin. — disse Dave. — Não é possível me lembrar qual dos dois assim de supetão.

— Não deixe isso te derrubar, velhaco. — afirmou Vince. — Mesmo Willie Mays dá uma mancada vez em quando, eu acho, especialmente no fim de sua carreira.

Dave estirou sua língua.

Vince assentiu como se essa infantilidade fosse exatamente o que ele esperava de seu editor, então, tomou a iniciativa de sua história mais uma vez.

— George, o artista, seja ele Rankin ou Franklin, disse a Arla que Jim tinha alcançado o topo de seu talento, e ele foi um dos afortunados que não só sabia de suas limitações, mas estava contente com elas. Ele disse que a ambição de Jim era um dia ser chefe do departamento de arte da *Mountain Outlook*. E, dado essa ambição, parar e correr para a costa da Nova Inglaterra no calor do momento parecia ser a última coisa que ele teria feito.

— Mas ela pensou que era isso o que ele tinha feito. — disse Stephanie. —

Não é?

Vince pousou seu copo de café e passou as mãos pelo seu chumaço de cabelos brancos, que já estava bem arrepiado.

— Arla Cogan é como todos nós. — disse ele. — Uma prisioneira da evidência.

— James Cogan deixou sua casa às 6h45 da manhã de quarta-feira e dirigiu até *Denver* por meio da rodovia com pedágio de Boulder. A sua única bagagem era a pasta que eu mencionei. Ele estava vestindo um terno cinza, camisa branca, gravata vermelha e um casaco cinza. Ah, e sapatos pretos em seus pés.

— Nada de casaco verde? — Stephanie perguntou.

— Nada de casaco verde. — Dave concordou. — Mas a calça cinza, camisa branca e sapatos pretos, era quase certamente o que ele estava usando quando Johnny e Nancy o encontraram, sentado, morto na praia com suas costas contra aquele cesto de lixo.

— E seu terno?

— Nunca foi encontrado. — disse Dave. — Nem a gravata—mas é claro que se um homem tira sua gravata, em nove vezes a cada dez, ela vai parar no bolso de seu terno, e eu estou disposto a apostar que, se esse terno cinza um dia aparecer, a gravata estará dentro do bolso.

— Ele estava em seu escritório por volta das 8h45. — disse Vince. -Trabalhando em um anúncio de jornal para a *King Sooper's*.

— O quê?

— É uma rede de supermercados, querida. — disse Dave.

— Por volta das 10h15… — Vince continuou. — George, o artista, seja ele Rankin ou Franklin, viu o nosso Homem se dirigindo para o elevador. Cogan disse que estava saindo para pegar o que ele chamava de "um café de verdade" no Starbucks e um sanduíche de salada de ovo para almoçar, porque ele planejava comer em seu escritório. Ele perguntou a George se ele iria querer alguma coisa.

— Isso é tudo o que Arla disse quando você estava a levando para *Tinnock*?

— Sim, senhora. Levando-a para falar com Cathcart, fazer uma identificação formal da foto—Este é meu marido, esse é James Cogan—e em seguida, assinar uma ordem de exumação. Ele estava esperando por nós.

— Tudo bem. Desculpe interromper. Vá em frente.

— Não se desculpe por fazer perguntas, Stephanie, fazer perguntas é o que repórteres fazem. Em qualquer caso, George, o Artista…

— Seja ele Rankin ou Franklin. — Dave disse, prestativo.

— Pois é, ele—ele disse a Cogan que ele dispensaria o café, mas ele saiu para o hall do elevador com Cogan para que eles pudessem falar um pouco sobre uma festa de aposentadoria que estava por vir para um sujeito chamado Haverty, um dos fundadores da agência. A festa foi marcada para meados de maio, e George, o Artista, disse a Arla que seu marido parecia animado e ansioso por isso. Eles falaram sobre idéias para um presente de aposentadoria até que o elevador chegou, e depois Cogan entrou, e disse a George, o Artista, que deveriam falar mais sobre isso no almoço e perguntar a alguém—alguma mulher com quem trabalharam—o que ela achava. George, o Artista, concordou que era uma boa idéia, Cogan deu-lhe um pequeno adeus, as portas do elevador se fecharam, e essa é a última pessoa que se lembra de ver o Homem do Colorado enquanto ele ainda estava no Colorado.

— George, o Artista. — ela estava quase admirada. — Você acha que nada disso teria acontecido se George tivesse dito: "Ah, espere um minuto, vou pegar o meu casaco e ir com você?"

— Não há como ter certeza. — afirmou Vince.

— Ele estava vestindo seu casaco? — Perguntou ela. — Cogan? Ele estava usando o casaco cinza, quando saiu?

— Arla perguntou, mas George, o Artista, não se lembrava — disse Vince. -O melhor que podia fazer era dizer que achava que não. E isso é provavelmente o certo. A Starbucks e a lanchonete estavam lado a lado, e elas estavam bem perto da esquina.

— Ela também disse que havia uma recepcionista. — disse Dave. — Mas a recepcionista não viu os homens saindo do elevador. Ela disse que deve ter se afastado de sua mesa por um minuto. — ele balançou a cabeça em desaprovação. — Nunca é assim nos romances de mistério.

Mas a mente de Stephanie tinha absorvido outra coisa, e ocorreu-lhe que ela estava catando migalhas, enquanto havia um assado inteiro em cima da mesa. Ela ergueu o dedo indicador da mão esquerda ao lado de sua bochecha esquerda.

— George o, Artista dá adeus a Cogan—ao Homem do Colorado—por volta das 10h15min da manhã. Ou talvez fosse mais perto das 10h20min no momento em que o elevador de fato vem e ele entra.

— Pois é. — afirmou Vince. Ele estava olhando para ela, com os olhos brilhando. Ambos estavam.

Agora Stephanie ergueu o dedo indicador da mão direita ao lado de sua bochecha direita.

— E a garçonete no *Jan's Wharfside* em *Tinnock* disse que ele comeu sua cesta de peixe e batatas fritas em uma mesa observando a água por volta das cinco e meia da tarde.

— Pois é. — disse Vince, novamente.

— Qual é a diferença de tempo entre o *Maine* e *Colorado?* Uma hora?

— Duas. — disse Dave.

— Duas. — disse ela, e fez uma pausa, e disse novamente. — Duas. Assim, quando George, o Artista, o viu pela última vez, quando as portas do elevador se fecharam, já era meio-dia no *Maine*.

— Assumindo que os tempos estão certos. — disse Dave concordou. — E assumir é tudo o que podemos fazer, não é?

— E funcionaria? — ela perguntou. — Ele poderia ter chegado aqui nesse espaço de tempo?

— Sim. — disse Vince.

— Não. — disse Dave.

— Talvez. — disseram eles em uníssono, e Stephanie ficou olhando de um para o outro, perplexa, sua xícara de café esquecida na mão.

16

— Isso é o que faz a história ser errada para um jornal como o *The Globe.* — disse Vince, após uma pequena pausa para sorver seu café com leite e coletar seus pensamentos. — Mesmo se quiséssemos desistir dela.

— O que não iríamos. — disse Dave (muito irritado).

— O que não iríamos. — Vince concordou. — Mas se nós desistíssemos… Steffi, quando um jornal de cidade grande como *The Globe* ou *The New York Times* faz uma reportagem ou uma série delas, eles querem ser capazes de dar respostas, ou pelo menos sugeri-las, e eu tenho problemas com isso? O inferno que tenho! Pegue qualquer jornal de cidade grande, e o que você encontra na primeira página? Perguntas disfarçadas como notícias. Onde está Osama Bin Laden? Nós não sabemos. O que o presidente está fazendo no Oriente Médio? Nós não sabemos, porque nem ele sabe. A economia vai ficar mais forte ou vai pelo cano? Especialistas divergem. Os ovos são bons ou ruins para saúde? Depende de qual estudo você lê. Você não pode sequer perguntar aos meteorologistas se um o vento nordestino vai vir do nordeste, porque eles erraram da última vez. Então, se eles fazem uma reportagem sobre a melhoria da habitação para a minoria, eles querem ser capazes de dizer se você fizer A, B, C e D, as coisas vão melhorar no ano de 2030.

— E se eles fizerem uma reportagem sobre mistérios inexplicáveis… — Dave disse. — Eles querem ser capazes de lhe dizer que as Luzes Costeiras foram os reflexos sobre as nuvens, e o envenenamento no piquenique da Igreja foi provavelmente o trabalho de uma secretária metodista abandonada. Mas ao tentar lidar com esse negócio de tempo…

— O que você acaba de fazer. — Vince acrescentou com um sorriso.

— E é claro que é ultrajante não importa o quanto você pense sobre isso. -disse Dave.

— Mas estou disposto a ser ultrajante. — afirmou Vince. - Diabos, eu vasculhei o assunto, já tinha começado a discar no telefone, e eu acho que tenho direito de ser ultrajante.

— Meu pai costumava dizer que você pode cortar giz o dia todo, mas ele nunca será um queijo. — Dave disse, mas ele também sorriu um pouco.

— Isso é verdade, mas deixe-me aguça a coisa, mesmo assim. — afirmou Vince. — Digamos que o elevador feche as portas pelas 10h20, Horário da Montanha, certo? Vamos também dizer, apenas para efeito de argumentação, que tudo foi planejado com antecedência e que havia um carro parado perto com o motor ligado.

— Tudo bem. — disse Stephanie, observando-o atentamente.

— Pura fantasia. — Dave bufou, mas ele também parecia interessado.

— É improvável, de fato. — Vince concordou. — Mas ele estava lá às dez e quinze e no *Jan's Wharfside* um pouco mais de cinco horas depois. Isso também é improvável, mas sabemos que é um fato. Agora posso continuar?

— Por favor, McDuff. — disse Dave.

— Se ele tem um carro totalmente ligado e à sua espera, talvez ele consiga chegar a Stapleton em meia hora. Agora, ele certamente não tomou um vôo comercial. Ele poderia ter pagado em dinheiro pela sua passagem e usado um pseudônimo—o que era possível naquela época—mas não havia vôos diretos de Denver para Bangor. De Denver para qualquer outro lugar no Maine, pra falar a verdade.

— Você checou.

— Sim. Em um vôo comercial, o melhor que ele poderia ter feito era chegar a Bangor às 06h45 da noite, o que seria muito tempo depois que a garçonete o viu. Na verdade, naquela época do ano, era bem depois que a última balsa saía para *Moosie*.

— A das seis era a última? — Stephanie perguntou.

— Sim, até meados de Maio. — disse Dave.

— Então ele deve ter feito um vôo fretado. — disse ela. — Um jatinho fretado? Existem empresas que voam jatos fretados para Denver? E ele poderia ter pagado um?

— Sim para tudo. — disse Vince. — Mas teria lhe custado alguns milhares de dólares, e a conta bancária da empresa teria mostrado isso.

— Não mostrou?

Vince balançou a cabeça.

— Não houve saques significativos antes do desaparecimento do cara. Assim, é o que ele deve ter feito. Eu verifiquei com várias companhias de frete, e todas elas me disseram que em um bom dia—um quando o curso do jato fluísse forte e fosse usado um Lear 35 ou um 55 que voasse bem reto—a viagem levaria apenas três horas, talvez um pouco mais.

— Denver para Bangor. — disse ela.

— Denver para Bangor, pois é—não há lugar mais perto de nossa parte do litoral, onde aqueles pequenos flamejantes possam pousar. Não há pista suficiente, entende.

Ela entendeu.

— Então, você checou com as companhias de frete em Denver?

— Eu tentei. Não tive muita sorte. Das cinco empresas que voavam jatos daqueles, apenas duas falaram comigo. Elas não tinham que falar, não é? Eu era apenas um jornalista de cidade pequena dando uma olhada em uma morte acidental, e não um policial investigando um crime. Além disso, um deles me apontou que não era só uma questão de checar com os OBF se os jatos tinham partido de Stapleton—

— Que são OBFs?

— Operadores de Base Fixa. — afirmou Vince. — Fretamento de aeronaves é apenas uma das coisas que eles fazem. Eles obtêm autorizações, mantêm pequenos terminais para os passageiros que estão em vôos privados para que eles possam ficar assim, eles vendem, fazem serviços e reparação de aeronaves. Você pode passar pela Alfândega dos EUA em lotes dos OBF, comprar um altímetro se o seu for preso, ou pegar oito horas na sala dos pilotos, se o seu tempo atual de vôo estiver estourado. Alguns OBF, como a *Air Signature,* são grandes negócios—uma cadeia de operações como *Holiday Inn* ou o *McDonald's.* Outros são simples com não muito mais que uma máquina de salgadinhos que funciona à moeda em uma sala, e uma biruta ao lado da pista.

— Você fez alguma pesquisa. — disse Stephanie, impressionada.

— Pois é, o suficiente para saber que não foram apenas os pilotos e aviões do Colorado que usaram *Stapleton* ou qualquer outro aeroporto do Colorado, naquela época ou mesmo agora. Por exemplo, um avião de um OBF da *LaGuardia,* em Nova York pode voar até Denver com os passageiros que estavam indo passar um mês no Colorado para visitar parentes. Os pilotos, então, perguntariam se há passageiros que querem voltar para Nova York, apenas para não fazerem o retorno com o avião vazio.

— Atualmente eles teriam os passageiros do retorno já prontos no computador.

— Dave afirmou. — Você entede, Steff?

Ela entendeu. Ela entendeu algo a mais.

— Assim, os registros sobre a aventura selvagem do Sr. Cogan podem estar nos arquivos da *Air Eagle,* de Nova York.

— Ou a *Air Eagle* de Montpelier, Vermont. — disse Vince.

— Ou *Just Ducky Jets* fora de Washington, D.C. — disse Dave.

— E se Cogan pagou em dinheiro. — adicionou Vince. — Provavelmente nem há registros.

— Mas certamente há toda uma série de agências—

— Sim, senhora. — disse Dave. — Mais do que você poderia imaginar, começando com a FAA e terminando com a IRS. Não seria surpresa se a maldita FFA não estivesse lá em algum lugar. Mas em negócios que envolvem dinheiro, a papelada fica fina. Lembra-se de Helen Hafner?

É claro que ela lembrava. A garçonete no *Grey Gull*. Aquela cujo filho havia recentemente caído de sua casa da árvore e quebrado seu braço. Ela fica com tudo, Vince tinha dito, sobre o dinheiro que ele colocou no bolso de Helen Hafner, "e que o Tio Sam não sabe, não o incomoda". Para o que Dave tinha acrescentado, "É a maneira que América faz negócios".

Stephanie supôs que sim, mas era uma forma extremamente inconveniente de fazer negócios em um caso como este.

— Então você não sabe. — disse ela. — Você tentou o seu melhor, mas você simplesmente não sabe.

Vince olhou primeiro com surpresa, depois divertido.

— Quanto a tentar o meu melhor, Stephanie, eu acho que uma pessoa nunca sabe isso ao certo; na verdade, acho que a maioria de nós está condenada—até mesmo amaldiçoada! — a pensar que poderíamos ter feito um pouquinho melhor, mesmo quando ganhamos aquilo que queríamos. Mas você está errada—eu sei. Ele fretou um avião para fora de Stapleton. Foi o que aconteceu.

— Mas você disse…

Ele se inclinou ainda mais para frente com as mãos cruzadas, os olhos fixos nos dela.

— Ouça com atenção e receba instrução, querida. Faz longos anos desde que li Sherlock Holmes, portanto não posso dizer exatamente, mas a certa altura o grande detetive diz ao Dr. Watson algo como: "Quando você elimina o impossível, aquilo que sobra—não importa o quão improvável—deve ser a resposta." Agora nós sabemos que o Homem do Colorado ficou em seu escritório em Denver até 10h15 ou 10h20 naquela manhã de quarta-feira. E podemos ter certeza de que ele estava no *Jan's Wharfside* às cinco e meia. Levante os dedos como você fez antes, Stephanie.

Ela fez como ele pediu, o indicador esquerdo para o Homem no Colorado, o indicador direito para James Cogan no Maine. Vince soltou suas mãos e tocou-lhe brevemente o dedo indicador direito com seu próprio dedo, velhice encontrando juventude no meio do ar.

— Mas não chame esse dedo de cinco e meia. — disse ele. — Nós não precisamos confiar na garçonete, que não estava cheia de trabalho como estaria em julho, mas que estava, sem dúvida, ocupada mesmo assim, sendo hora do jantar e tudo mais.

Stephanie assentiu. Nesta parte do mundo o jantar vinha cedo. Jantar— pronunciado

"jantá" —era o que você comia de sua bandeja à tarde, muitas vezes, dentro de seu barco de pesca de lagosta.

— Que esse dedo seja seis horas. — disse ele. — A hora da última balsa.

Ela assentiu com a cabeça novamente.

— Ele tinha que estar nela, não era?

— Ele estava a não ser que tenha nadado pela praia. — disse Dave.

— Ou fretado um barco. — disse ela.

— Nós perguntamos. — disse Dave. — Mais importante, perguntamos a Gard Edwick, que era o barqueiro na Primavera de 1980.

Será que Cogan lhe trouxe chá? De repente ela se viu imaginando. *Porque se você quer andar na balsa, você deve levar chá ao piloto. Você mesmo disse, Dave. Ou o barqueiro e o piloto são duas pessoas diferentes?*

— Steff? — Vince parecia preocupado. — Você está bem, querida?

— Eu estou bem, por quê?

— Você pareceu… eu não sei, meio estranha.

— Eu meio que estava. É uma história estranha, não é?

E então ela disse:

— Só que não é uma história de verdade, você estavam tão certos sobre isso, e se eu fiquei estranha, acho que é por isso. É como tentar andar de bicicleta através de uma corda bamba que não está lá. — Stephanie hesitou, então decidiu ir em frente e fazer de si mesma uma completa tola. — Será que o Sr. Edwick se lembra de Cogan porque Cogan trouxe-lhe alguma coisa? Porque ele trouxe chá?

Por um momento, nenhum dos homens disse nada, apenas a olharam com seus olhos tão inescrutáveis—estranhamente jovens e doces em seus rostos velhos— e pensou que poderia rir ou chorar ou fazer alguma coisa, desabar de algum modo, matar a sua ansiedade e a crescente certeza de que tinha feito a si mesma de tola.

Vince disse:

— Era uma travessia fria. Alguém, um homem, trouxe um copo de café para o quarto do piloto e entregou-o a Gard. Eles só trocaram algumas palavras. Isso foi em abril, lembre-se, e por isso já estava escurecendo. O homem disse: "travessia suave". Gard disse: "Pois é."

Então, o homem disse: “Este tempo está igual a uma longa jornada”, ou talvez, “Eu já vim aqui em uma longa jornada”. Gard disse que poderia até ter sido “Tem sido uma longa jornada para *Lidle”*. Esse nome existe; mas não há nenhum no catálogo de *Tinnock*, mas eu encontrei-o em alguns outros.

— Era Cogan vestindo o casaco verde ou uma capa?

— Steff… — Vince disse. — Gard não só não se lembra se ele estava vestindo um casaco; ele provavelmente não poderia ter jurado em um tribunal, se o homem estava a pé ou a cavalo. Primeiro que foi ficando escuro; segundo, foi um pequeno ato de bondade e poucas palavras trocadas; terceiro… bem, o velho Gard, você sabe… — ele fez um gesto como se tivesse entornando uma garrafa.

— Não falo mal dos mortos, mas o homem bebia como um peixe maldito. — disse Dave. — Ele perdeu o emprego em 1985, e a Cidade o colocou no limpa-neve, principalmente para que sua família não morresse de fome. Ele tinha cinco filhos, você sabe, e uma mulher com esclerose múltipla. Mas finalmente ele quebrou o limpa-neve, enquanto limpava a Main Street embriagado, e conseguiu a proeza de desligar toda a maldita energia por uma maldita semana em fevereiro, desculpe minhas “malditas”. Em seguida, ele perdeu o trabalho e ficou na cidade. Então, estou surpreso de ele não se lembrar mais? Não, eu não estou. Mas eu estou convencido, pelo que ele se lembra, que, pois é, o Homem do Colorado veio do continente na última balsa do dia, e, pois é, ele trouxe o chá para o piloto, ou um outro fac-símile razoável. Bom que você se lembrou disso, Steff. — e ele bateu a mão dela. Ela sorriu para ele. Pareceu um sorriso tonto.

— Como você disse… — Vince retomou. — Há duas horas de diferença. — ela moveu seu dedo esquerdo mais próximo do seu direito. — É 12h15, horário da costa leste, quando Cogan sai de seu escritório. Ele larga sua aparência zen no momento em que as portas do elevador se abrem no lobby de seu edifício. No exato segundo. Ele pula para fora, correndo a toda velocidade, onde um carro rápido— e um motorista igualmente rápido—está esperando por ele. — Meia hora depois, ele está em um OBF de *Stapleton,* e cinco minutos depois, ele está subindo as escadas de um jato particular. Ele não deixou esse arranjo ao acaso, tampouco. Não é possível ter feito. Há pessoas que fazem vôos privados em uma base bastante regular, então, elas permanecem lá por umas duas semanas. As pessoas que as levam no sentido só de ida passam essas duas semanas ocupadas com outras fretagens. Nosso garoto teria se estabelecido em um destes aviões, e quase certamente teria feito um acordo em dinheiro para voar de volta com eles. No sentido leste.

Stephanie disse:

— O que ele teria feito se as pessoas que utilizassem o avião que ele planejava tomar cancelassem o vôo na última hora?

Dave deu de ombros.

— A mesma coisa que ele teria feito se houvesse um mau tempo, eu acho. — disse ele. — Deixado para outro dia.

Vince, enquanto isso, havia mexido o dedo esquerdo de Stephanie um pouco mais para a direita.

— Agora estamos chegando perto de uma da tarde, na costa leste. — disse ele. — Mas pelo menos nosso amigo Cogan não precisa se preocupar com um monte de complicações de segurança, não em 1980 e, especialmente, não em um vôo particular. E temos de imaginar—de novo—que ele não tem que esperar na fila com um monte de outros aviões por uma pista livre, porque isso corromperia a linha do tempo, e tudo o que se segue. — ele tocou o dedo direito dela. — Esta é a balsa esperando. A última do dia.

— Então, o vôo dura três horas. Vamos dizer isso, de qualquer maneira. O meu colega aqui está na Internet, ele ama essa droga com uma paixão, e ela diz que o tempo estava bom para voar nesse dia e os mapas mostram que o curso do jato estava aproximadamente no lugar certo…

— Mas o quão foi forte, é uma informação que eu nunca fui capaz de descobrir. — disse Dave. Ele olhou para Vince. — Dada a fragilidade do seu caso, parceiro, isso provavelmente não é uma coisa muito ruim.

— Nós vamos dizer três horas. — Vince repetiu, e mexeu o dedo de Stephanie para a esquerda (o que ela estava imaginando representar o Homem do Colorado), até que estivesse a menos de cinco centímetros do seu direito (que ela imaginava representar James Cogan, o Quase-Morto). — Não pode ter sido muito mais do que isso.

— Porque os fatos não vão permitir isso. — ela murmurou, fascinada (e, na verdade, com um pouco de medo) com a idéia. Certa vez, enquanto estava no ensino médio, ela tinha lido um romance de ficção-científica chamado *Revolta na Lua,* de Robert A. Heinlein. Ela não sabia se a lua era realmente uma senhora severa[8], mas estava começando a acreditar que o Tempo era.

— Não, senhora, eles não vão. — ele concordou. — Em quatro horas, ou talvez quatro horas e cinco minutos—vamos dizer isso—Cogan aterrissa e desembarca no Aeroporto Civil de *Twin City*, era a única OBF no Aeroporto Internacional de Bangor na época.

— Algum registro de sua chegada? — perguntou ela. — Você checou? — Sabendo que ele tinha, é claro que ele tinha, também sabendo que não tinha adiantado, de uma forma ou de outra. Era esse tipo de história. O tipo que é como um espirro que ameaça, mas nunca chega.

Vince sorriu.

— Claro que sim, mas nos dias despreocupados antes da Guarda Nacional, tudo o que a *Twin City* manteve por um longo período de tempo foram seus livros de contas. Eles receberam grandes pagamentos em dinheiro naquele dia, incluindo alguns guias de

reabastecimento de bom tamanho no fim da tarde, mas mesmo aquilo poderia não significar nada. Pelo que sabemos, quem quer que tenha levado o Homem no avião, deve ter passado a noite em um hotel de Bangor e continuado na manhã seguinte.

— Ou ter passado o fim de semana lá. — disse Dave. — Então, novamente, o piloto teria que ter saído de imediato, e sem reabastecer.

— Como ele poderia fazer isso, depois de vir todo o caminho de Denver? — Stephanie perguntou.

— Poderia ter pulado até *Portland.* — Dave disse. — E enchido o tanque lá.

— Por que ele faria isso?

Dave sorriu. Isso lhe deu uma aparência surpreendentemente astuta que não era muito parecida com a sua expressão habitual de sincera honestidade e um pouco estúpida. Ocorreu a Stephanie agora que o intelecto por trás daquela gordinha face infantil era, provavelmente, esguio e rápido, como a de Vince Teague.

— Quanto ao Homem do Colorado… — Vince retomou. — Ele ainda tem quase duas horas para chegar a *Tinnock,* pedir uma cesta de peixe e batatas fritas na *Jan's Wharfside*, sentar em uma mesa, comer enquanto olha para a água, e depois pegar a última balsa para Ilha *Moose-Lookit.* - enquanto falava, ele lentamente mexia os dedos indicadores de Stephanie até que eles se tocassem.

— Cogan poderia ter pagado ao Sr. Piloto de Denver para fazê-lo dessa maneira, porque ele temia deixar uma trilha de papéis. — disse Dave. — E o Sr. Piloto de Denver, muito provavelmente, teria concordado com qualquer pedido razoável, se ele estivesse sendo pago o suficiente.

Stephanie observava, fascinada.

— Ele poderia fazer isso?

— Talvez, mas o tempo estaria quase esgotado. — Dave disse com um suspiro. — Eu nunca teria acreditado, se ele realmente não tivesse aparecido morto em *Hammock Beach.* E você, Vince?

— Não. — disse Vince, sem sequer fazer uma pausa para considerar.

Dave disse:

— Há quatro pistas dentro de vinte quilômetros em *Tinnock,* todas funcionando por temporada. Eles fazem a maioria de seus negócios levando turistas em passeios de verão, ou olhar para as folhas de outono quando as cores atingem seu pico, embora isso só dure poucas semanas. Nós verificamos a possibilidade de Cogan ter fretado um segundo avião, este aí

seria um bico do piloto, e voado de Bangor para a costa.

— Sem sorte nessa, eu imagino.

— Imaginou certo. — disse Vince e seu sorriso era sombrio, em vez de astuto. — Depois que as portas do elevador se fecharam, e Cogan saiu do escritório de Denver, todo este negócio resultou em nada além de sombras que você não consegue agarrar… e um corpo morto.

— Três das quatro pistas foram abandonadas em abril, fechadas, então um avião poderia ter voado em qualquer uma delas e ninguém saberia. Na quarta—vivia uma mulher chamada Maisie Harrington, com seu pai e aproximadamente sessenta cães vira-latas, e ela afirmou que ninguém voara em sua pista de outubro de 1979 a maio de 1980, mas ela fedia como uma destilaria, e eu tinha minhas dúvidas se ela conseguiria se lembrar do que acontecera uma semana antes, quanto mais do que havia acontecido um ano e meio antes.

— E quanto ao pai da mulher? — Perguntou ela.

— Cego como uma pedra e perneta. — disse Dave. — Diabetes.

— Ai. — disse ela.

— Pois é.

— Deixem Jack e Maisie Harrington passearem. — Vince disse impacientemente. — Nunca acreditei na teoria do Segundo Avião quando se trata de Cogan mais do que eu já acreditava na teoria Segundo Atirador quando se trata de Kennedy. Se Cogan tinha um carro esperando por ele em Denver—e eu não consigo ver razão para não haver um—então poderia haver um esperando por ele no Terminal de Aviação Geral também. E eu acredito que havia.

— Isso é tão improvável. — disse Dave. Ele falou zombando, mas tristemente.

— Talvez. — Vince respondeu, imperturbável. — Mas quando você se livrar do impossível, aquilo que sobra… é o seu cachorro, arranhando a porta para que o deixem entrar.

— Ele mesmo poderia ter dirigido. — Stephanie disse, pensativa.

— Um carro de aluguel? — Dave balançou a cabeça. — Acho que não, querida. Agências de aluguéis de crédito aceitam apenas cartões de crédito, e eles deixam rastros de papéis.

— Além disso… — disse Vince. — Cogan não conhecia o caminho em torno do leste do Maine e da costa. Pelo que descobrimos, ele nunca esteve aqui antes em toda sua vida. Você conhece os caminhos agora, Steffi: há apenas um principal que vem até aqui de Bangor para Ellsworth, mas quando você chega a Ellsworth, há três ou quatro opções diferentes, e uma estrada de terra, e mesmo com um mapa, você está apto a ficar confuso. Não, acho que

Dave está certo. Se o Homem queria ir de carro, e se ele sabia de antemão o quão pequeno era seu espaço de tempo, ele teria preferido ter um motorista parado e esperando. Alguém que cobraria dinheiro em espécie, dirigir em alta velocidade, e não se perder.

Stephanie pensou um pouco. Os dois velhos a deixaram.

— Três motoristas contratados ao todo. — disse ela finalmente. — O do meio nos controles de um jato particular.

— Talvez um co-piloto. — Dave falou calmamente. — Eles são regras, pelo

menos.

— É muito estranho. — disse ela.

Vince concordou com a cabeça e suspirou.

— Eu não discordo.

— Você nunca falou com ao menos um destes motoristas, não é?

— Não.

Ela pensou um pouco mais, desta vez com a cabeça baixa, e sua testa normalmente lisa, tornou-se sulcada em uma carranca profunda. Mais uma vez eles não a interromperam, e depois de talvez dois minutos, ela olhou para cima novamente. — Mas por quê? O que poderia ter sido tão importante para Cogan ter ido tão

longe?

Vince Teague e Dave Bowie se entreolharam, depois se voltaram para ela. Vince disse:

— Esta é uma boa pergunta.

Dave disse:

— Um diabo de boa pergunta.

Vince disse:

— A principal pergunta.

— Claro que é. — disse Dave. — Sempre foi.

Vince disse, bem baixinho:

— Nós não sabemos, Stephanie. Nós nunca soubemos.

Dave, mais baixo ainda:

— O *Boston Globe* não iria gostar disso. Não iria gostar nem um pouco.

17

— Claro que não somos o *Boston Globe.* - Vince disse. - Nem mesmo somos o *Bangor Daily News.* Mas, Stephanie, quando um homem ou uma mulher adulto sai totalmente dos trilhos, todos os jornalistas, de grandes ou pequenas cidades, procuram por certos motivos. Não importa se o resultado acaba sendo o envenenamento no piquenique da Igreja Metodista ou se é a metade masculina de um casal desaparecendo numa manhã, no meio da semana, para nunca mais ser visto vivo novamente. Agora—sem nunca se importar onde ele iria parar, ou a improbabilidade de ter chegado lá—me diga quais seriam esses motivos de sair da linha. Conte-os para mim até que eu veja ao menos quatro de seus dedos apontando para cima.

"Hora de aprender", ela pensou, e então se lembrou de algo que Vince havia lhe dito um mês antes: "para ser um sucesso em um novo negócio, não machuca ter uma mente suja, querida". Na época ela achou isso bizarro, talvez no limite da senilidade. Agora ela achava que entendia um pouco melhor.

— Sexo. — Ela disse, levantando o indicador esquerdo, seu dedo que representava o Homem do Colorado. — Ou seja, outra mulher. — ela levantou outro dedo. — Problemas financeiros, penso, ou em dívida, ou em roubo.

— Não esqueça a Receita Federal. — Dave disse. — As pessoas geralmente fogem quando percebem que foram garfadas pelo Tio Sam.

— Ela não sabe o quão aterrorizante a Receita pode ser. — afirmou Vince. — Você não pode usar isso contra ela. De qualquer forma, de acordo com sua esposa, Cogan não teve problemas com a Receita Infernal. Vá em frente, Steffi, você está indo bem.

Ela ainda não tinha dedos no ar o bastante para satisfazê-lo, mas só conseguia pensar em outra coisa.

— O desejo de começar uma vida totalmente nova? — ela perguntou hesitante, parecendo falar mais para si mesma do que para eles. — Simplesmente… não sei… cortar todos os laços e começar tudo de novo como uma pessoa diferente em um lugar diferente? — e então algo ocorreu a ela. — Loucura? — ela tinha quatro dedos para cima agora, um para o sexo, um para o dinheiro, um para a mudança, um para a loucura. Ela olhou em dúvida para os dois últimos.

— Talvez a mudança e loucura sejam os mesmos?

— Talvez eles sejam. — afirmou Vince. — E você poderia argumentar que a loucura abrange todos os tipos de vícios das quais as pessoas tentam fugir. Este tipo de fuga, às vezes, é conhecida como "cura geográfica". Estou pensando especificamente em drogas e álcool. Jogos de azar é outro vício das quais as pessoas tentam se curar com cura geográfica, mas eu

acho que você poderia arquivar este problema juntamente com o do dinheiro.

— Ele teve problemas com drogas ou álcool?

— Arla Cogan disse que não, e eu acredito que ela teria sabido. E depois de dezesseis meses para pensar a mais, e com ele morto no fim das contas, acho que ela teria me contado.

— Mas, Steffi. — disse Dave (bastante suave). — Quando você pensa melhor, a loucura está quase em algum lugar, você não acha?

Ela pensou James Cogan, o Homem do Colorado, sentado morto em *Hammock Beach*, com as costas contra uma cesta de lixo e um pedaço de carne alojada em sua garganta, os olhos fechados virados na direção de *Tinnock* e a praia além. Ela pensou em como uma das mãos estava semi-fechada, como se estivesse segurando o resto do seu lanche da meia-noite, um pedaço de bife que algumas gaivotas famintas, sem dúvida, haviam roubado, deixando apenas uma pegajosa mistura de areia e gordura na palma da mão.

— Sim. — disse ela. — Há loucura em algum lugar. Ela sabia disso? Sua esposa?

Os dois homens entreolharam-se. Vince suspirou e esfregou o lado do nariz, fino como uma lâmina.

— Ela poderia, mas até então ela tinha sua própria vida para se preocupar, Steffi. Dela e de seu filho. Quando um homem desaparece assim, a mulher deixada para trás está apta a ter uma vida dura. Ela conseguiu seu velho emprego de volta, trabalhando em um dos bancos de Boulder, mas não havia como manter a casa em *Nederland.*

— O Esconderijo de Hernando. — Stephanie murmurou, sentindo uma pontada de simpatia.

— Pois é, essa mesmo. Ela se agüentou sem ter que pedir muito aos seus parentes, ou qualquer coisa do gênero, mas ela usou a maior parte do dinheiro que tinha reservado para a faculdade de Mike no processo. Quando a vimos, me pareceu

que ela queria duas coisas, uma prática e uma que você chamaria de… espiritual?-

ele olhou desconfiado para Dave, que encolheu os ombros e balançou a cabeça como se quisesse dizer que aquela palavra funcionaria.

Vince concordou e prosseguiu.

— Ela queria saber. Estaria ele vivo ou morto? Seria ela casada ou viúva? Poderia ela se deitar para descansar ou teria que agüentar mais um pouco? Talvez essa última pareça um pouco insensível, e talvez seja, mas eu deveria pensar que depois de dezesseis meses, a esperança deve começar a fica terrivelmente pesada— pesada demais para se carregar por aí.

— Quanto à parte prática, era simples. Ela só queria que a companhia de seguros pagasse o que deviam. Eu sei que Arla Cogan não é a única pessoa na história do mundo a odiar uma companhia de seguros, mas eu teria que colocá-la no topo da lista pela pura intensidade. Ela continuava seguindo em frente, ela e Michael, vivendo em um apartamento de três—ou quatro quartos em Boulder—uma bela mudança depois da bela casa em *Nederland*— e ela tendo que deixá-lo em uma creche com babás que ela não estava sempre certa de que poderia confiar, trabalhando em um emprego da qual ela realmente não gostava, ir para a cama sozinha, depois de anos tendo alguém com quem aconchegar-se, se preocupando com as contas, sempre observando o ponteiro da gasolina, porque o preço da gasolina estava subindo, mesmo naquela época… e o tempo todo ela tinha certeza em seu coração de que ele estava morto, mas a companhia de seguros não pagaria nada por aquilo que apenas seu coração sabia, quando não havia corpo, muito menos uma causa de morte.

— Ela ficava me perguntando se os “bastardos” —essa era o jeito que ela os chamava —poderiam se safar se dissessem que havia sido suicídio. Eu lhe disse que nunca tinha ouvido falar de alguém que cometesse suicídio engasgando-se com um pedaço de carne, e, mais tarde, depois que ela tinha feito a identificação formal da foto do morto na presença de Cathcart, ele disse-lhe a mesma coisa. Isso pareceu aliviar sua mente um pouco.

— Cathcart acertou em cheio, disse que ligaria para o agente da companhia em *Brighton,* Colorado, e explicar sobre as impressões digitais e sua foto de identificação. Amarrou todos os nós soltos. Ela chorou um pouco com isso—um pouco aliviada, um pouco agradecida, um pouco cansada, eu acho.

— É claro. — murmurou Stephanie.

— Levei-a para *Moosie* na balsa e coloquei-a no Red Roof Motel. — Vince continuou. — O mesmo lugar que você ficou quando chegou aqui, não foi?

— Sim. — disse Stephanie. Ela estivera em um albergue no último mês, ou coisa assim, mas procuraria algo mais permanente, em outubro. Se, e somente se, essas duas aves velhas a mantivessem. Ela achou que iriam. Ela achou que era, em grande parte, por isso que tudo estava acontecendo.

— Nós três tínhamos um café da manhã marcado para a manhã seguinte. — Dave disse. — E como a maioria das pessoas que não tem feito nada de errado e não tivera muita experiência com jornais, ela não mostrava timidez ao conversar conosco. Não que muita coisa do que ela dissera conseguiria terminar na primeira página. — fez uma pausa. — E, é claro, muito pouco sobre isso conseguiu. Nunca foi o tipo de história que combinasse com uma matéria de jornal, uma vez que você passa pelo fato principal da questão: Homem encontrado morto em *Hammock Beach,* o Legista Diz Que Não Houve Jogo Sujo. E até lá, a notícia esfria, de fato.

— Não houve um tema principal dessa história. — disse Stephanie.

— Não, nada! — Dave exclamou, e depois riu até tossir. Quando terminou, limpou os cantos dos olhos com um lenço grande que puxou do bolso de trás das calças.

— O que ela te disse? — Stephanie perguntou.

— O que ela poderia nos dizer? — Vince respondeu. — Principalmente porque o que ela só fez foi perguntar. A única coisa que eu perguntei foi se a *Chervonetz* era para dar sorte, ou uma lembrança, ou algo parecido. — ele bufou. — Que jornalista eu era naqueles dias.

— Uma *Chevron*— o quê? — ela disse, sacudindo a cabeça.

— A moeda russa no bolso, misturada com o resto do troco dele. — afirmou Vince. — Era uma *Chervonetz*. Um pedaço de dez rublos. Perguntei-lhe se ele a mantinha para dar sorte ou algo assim. Ela não tinha idéia. Disse que o mais próximo que Jim esteve da Rússia foi quando eles alugaram um filme de James Bond chamado "Moscou contra 007" na Blockbuster.

— Ele poderia tê-la achado na praia. — disse ela, pensativa. — As pessoas encontram todo tipo de coisa na praia. — ela tinha encontrado um sapato feminino de salto alto, e um vestido longo e exótico entre o mar e a costa, enquanto caminhava um dia em *Little Hay Beach,* cerca de dois quilômetros de *Hammock.*

— Talvez tenha. — Vince concordou. Ele olhou para ela, seus olhos brilhando nas órbitas profundas. — Quer saber as duas coisas que mais me lembro sobre ela, na manhã, após seu encontro com Cathcart em *Tinnock*?

— Claro.

— O quão descansada ela parecia. E como ela comia quando sentamos para almoçar.

— Isto é um fato. — concordou Dave. — Há um velho ditado sobre como um homem condenado come uma calorosa refeição, mas eu tenho uma idéia de que ninguém come tão calorosamente quanto o homem—ou a mulher—que finalmente foi perdoado. E de certa maneira, ela fora. Ela pode nunca ter sabido o porquê dele ter vindo para nossa parte do mundo, ou o que aconteceu com ele quando ele chegou aqui, e acho que ela percebeu que não poderia imaginar—

— Ela percebeu. — Vince concordou. — Ela disse isso quando eu a levei de volta para o aeroporto.

— Mas ela sabia da única coisa importante: ele estava morto. Seu coração poderia estar lhe dizendo isso o tempo todo, mas sua cabeça precisava de provas para admitir.

— Sem mencionar para poder convencer aquela companhia de seguros safada. — disse Dave.

— Ela conseguiu o dinheiro? — Stephanie perguntou.

Dave sorriu.

— Sim, senhora. Eles bateram o pé por algum tempo—estes caras têm uma tendência a acelerar quando estão na "marcha de vender", e depois desaceleram quando estão do outro lado da história—mas, finalmente, pagaram-na. Temos uma carta dela sobre isso, nos agradecendo por todo nosso trabalho duro. Ela disse que sem nós, ela ainda estaria sem pistas, e a companhia de seguros ainda estaria alegando que James Cogan ainda poderia estar vivo em Brooklyn ou Tangiers.

— Que tipo de perguntas ela fez?

— As que você espera. — afirmou Vince. — A primeira coisa que ela queria saber era para aonde ele havia ido após sair da balsa. Nós não tínhamos como dizer a ela. Nós fizemos perguntas, não foi, Dave?

Dave Bowie assentiu.

— Mas ninguém se lembrou de tê-lo visto. — Vince continuou. — É claro que até lá já estaria quase totalmente escuro, então não há nenhuma razão pela qual alguém o teria visto. Quanto aos outros poucos passageiros—e nessa época do ano não há muitos, especialmente na última balsa do dia—eles teriam ido direito para seus carros no estacionamento da *Bay Street,* e teriam subido as jaquetas por causa do frio que vinha da praia.

— E ela perguntou sobre sua carteira. — disse Dave. — Tudo o que eu pude lhe dizer era que ninguém jamais a encontrara… ou pelo menos ninguém que nunca a entregara a polícia. Acho que é possível que alguém pudesse ter pegado de seu bolso na balsa, tirado o dinheiro, e então jogado-a no mar.

— É possível que o Paraíso seja um rodeio, também, mas não provável. —Vince disse secamente. — Se ele tivesse dinheiro na sua carteira, por que ele tinha mais—dezessete dólares em papel-moeda—no bolso da calça?

— Seguro morreu de velho. — disse Stephanie.

— Talvez. — disse Vince. — Mas não parece certo para mim. E, francamente, eu acho a idéia de um batedor de carteiras, "trabalhando" na balsa das seis horas entre *Tinnock* e *Moosie,* um toque mais inacreditável do que um artista comercial de uma agência de publicidade em Denver alugando um jato para a Nova Inglaterra.

— De qualquer forma, não poderíamos dizer a ela o que se fez da carteira. — Dave disse. — Ou onde foram parar seu paletó e seu casaco, ou por que ele foi encontrado sentado lá fora, no meio da praia com nada, exceto suas calças e uma blusa.

— E os cigarros? — Stephanie perguntou. — Aposto que ela estava curiosa sobre eles.

Vince deu uma risada que mais soou como um latido.

— Curiosa não é a palavra certa. Esse maço de cigarros a levou quase a loucura. Ela não conseguia entender por que ele teria cigarros. E nós não precisamos dela para saber que ele não era o tipo de pessoa que parava por um tempo e então decidia retomar o hábito. Cathcart deu uma boa olhada em seus pulmões durante a autópsia, por razões que eu tenho certeza que você vai entender.

— Ele queria ter certeza de que ele não havia se afogado depois de tudo? —Stephanie perguntou.

— Correto. — afirmou Vince. — Se o Dr. Cathcart houvesse encontrado água nos pulmões debaixo daquele pedaço de carne, ele teria sugerido que alguém tentara encobrir a forma como o Sr. Cogan realmente morrera. E, apesar disso não provar um assassinato, isso o teria sugerido. Cathcart não encontrou água nos pulmões de Cogan, e ele não encontrou qualquer evidência de que ele fumasse tampouco. "Bonito e rosa lá embaixo", disse ele. No entanto, em algum lugar entre o escritório de Cogan e o aeroporto em Stapleton, e apesar da pressa em que ele deveria estar, ele deve ter parado o seu motorista para que ele pudesse comprar um maço. Ou isso, ou o maço já estava com ele, o que é o que eu tendo a acreditar. Talvez junto com a sua moeda russa.

— Você disse isso a ela? — Stephanie perguntou.

— Não. — disse Vince, e então o telefone tocou. — Com licença. — disse ele, e foi atender. Ele falou brevemente, disse "pois é" uma ou três vezes, depois voltou, esticando as costas um pouco mais como havia feito. — Era Ellen Dunwoodie. — disse ele. — Ela está pronta para falar sobre o grande trauma pela qual passou, depois de decapitar o hidrante e "fazer um espetáculo". Estou fazendo a citação exata, embora eu não ache que isso vá ficar marcado nos anais. Em todo caso, eu acho melhor dar uma passada lá, começar a escrever a história enquanto sua lembrança ainda está fresca e antes que ela decida fazer o jantar. Tenho sorte dela e sua irmã comerem tarde. Caso contrário eu estaria sem sorte.

— E eu tenho que checar as faturas. — disse Dave. — Parece que deve haver mais de uma dúzia do que quando partimos para a *Gull*. Eu juro por Deus que quando você as deixa em cima da mesa, elas se multiplicam.

Stephanie olhou para eles alarmada.

— Vocês não podem parar agora. Vocês não podem simplesmente me deixar em suspenso.

— Não há outra alternativa. — disse Vince suavemente. - Nós estivemos em suspenso, Steffi, por vinte e cinco anos. Não há qualquer secretária de igreja abandonada nesta história.

— Não houve Luzes de Ellsworth refletidas sobre as nuvens sudestinas, tampouco. — disse Dave. — Nem mesmo um Teodore Riponeaux na foto, o pobre marinheiro assassinado, por causa de um hipotético tesouro de piratas e, em seguida, deixado para morrer na proa em seu próprio sangue, após todos os seus companheiros terem sido jogados no mar— e por quê?

Como um aviso para outros possíveis caçadores de tesouros, caramba! Agora aí está um tema principal para você, querida!

Dave sorriu… mas depois o sorriso desapareceu.

— Nada disso no caso do Homem do Colorado; nada de cordões para segurar as pérolas, entende, e nada de Sherlock Holmes ou Ellery Queen para segurá-los, de qualquer forma. Apenas um par de caras trabalhando em um jornal, com cerca de uma centena de histórias por semana para cobrir. E nenhuma delas alcançando os padrões do *Boston Globe*, mas os que as pessoas da ilha gostam de ler. Falando nisso, você não vai falar com Sam Gernerd? Saber todos os detalhes sobre o seu famoso piquenique?

— Eu ia… Eu vou… e eu quero! Vocês entendem isso? Que eu realmente quero falar com ele sobre essa coisa idiota?

Vince Teague deu uma gargalhada, e Dave se juntou a ele.

— Pois é. — disse Vince, quando ele pôde falar outra vez. — Não sei o que o chefe do seu departamento de jornalismo faria com isso, Steffi, ele provavelmente cairia de joelhos e choraria, mas eu sei que você quer. — ele olhou para Dave.

— Nós sabemos que você quer.

— E eu sei que vocês têm os seus próprios peixes para fritar, mas você deve ter alguma idéia… alguma teoria… depois de tantos anos… — ela olhou para eles melancolicamente. — Quero dizer… vocês têm, não é?

Eles se entreolharam e novamente ela sentiu o fluxo de telepatia entre eles, mas desta vez ela não teve noção do pensamento que flutuou. Então Dave olhou para ela.

— O que é que você realmente deseja saber, Stephanie? Diga-nos.

18

— Vocês acham que ele foi assassinado? — era o que ela realmente queria saber. Eles pediram que ela colocasse a idéia de lado, e ela o fez, mas agora a discussão sobre o Homem do Colorado estava quase terminada, e ela achou que eles a deixariam trazer o assunto de volta à mesa.

— Por que você acha que foi outra coisa senão morte acidental, com tudo o que nós já lhe contamos? — Dave perguntou. Ele soou genuinamente curioso.

— Por causa dos cigarros. Os cigarros quase parecem ter sido uma coisa deliberada da parte dele. Ele só nunca pensou que iria demorar um ano e meio para que alguém descobrisse o selo do Colorado. Cogan acreditou que um homem encontrado morto em uma praia, sem identificação, receberia mais investigações do que teve.

— Sim. — disse Vince. Ele falou em voz baixa, mas na verdade cerrou um punho e sacudiu-o, como um fã que acaba de assistir um jogador fazer um belo gol no fim do campeonato. — Boa menina. Bom trabalho.

Apesar de apenas vinte e dois anos, havia pessoas com quem Stephanie se incomodaria por chamá-la de menina. Este homem de noventa anos de idade, com o cabelo ralo e branco, rosto fino, e olhos azuis penetrantes não era um delas. Na verdade, ela corou de prazer.

— Ele não poderia saber que atrairia um par de idiotas como O'Shanny e Morrison, quando chegou a hora de investigar sua morte. — disse Dave. — Não era possível saber que teria de depender de um estudante de graduação que tinha passado os últimos meses segurando pastas e trazendo café, para não mencionar um par de velhos circulando um jornal semanal com tanta importância quanto um folheto de supermercado.

— Espera aí, mano. — afirmou Vince. — 'Cê 'tá me tirando? — Ele ergueu os punhos idosos, mas tinha um sorriso maroto na face.

— Eu acho que ele fez tudo certo. — diz Stephanie. — No final, eu acho que ele fez muito bem. — e então, pensando na mulher e no bebê Michael (que a esta altura estaria em meados de seus vinte anos): — Assim como ela, de fato. Sem vocês dois e Paul Devane, Arla Cogan nunca teria obtido seu seguro.

— Há alguma verdade nisso. — admitiu Vince. Ela se divertiu ao ver que algo nisso o fez ficar desconfortável. Não do fato que ele havia feito um bem, ela pensou, mas pelo fato de que alguém sabia que ele tinha feito um bem. Eles tinham a Internet aqui, você poderia ver uma pequena antena parabólica da Direct TV no teto de praticamente todas as casas, nenhum barco de pesca sairia mais para o mar sem ter um GPS ligado. Ainda assim as velhas idéias Calvinistas seguiram fundo. Que a mão esquerda não saiba o que faz a direita.

— O que exatamente você acha que aconteceu? — Perguntou ela.

— Não, Steffi. — disse Vince. Ele falou gentilmente, mas com firmeza. — Você ainda está esperando que Rex Stout saia do armário, ou que Ellery Queen apareça de braços dados com a Srta. Jane Marple. Se soubéssemos o que havia acontecido, se tivéssemos alguma idéia, teríamos a perseguido até cair por terra. E que se dane o *Boston Globe,* teríamos colocado qualquer história que encontrássemos na primeira página do *The Islander.* Podemos ter sido jornalistas pequenos por volta em 1981, e nós podemos ser velhos e pequenos jornalistas agora, mas não somos velhos e pequenos jornalistas mortos. Eu ainda gosto da idéia de uma grande história.

— Eu também. — disse Dave. Ele havia se levantado, provavelmente com as faturas em sua mente, mas agora tinha se apoiado no canto de sua mesa, balançando uma de suas pernas grandes. — Eu sempre sonhei que nós tivéssemos uma história que corresse nacionalmente, e esse sonho provavelmente vai morrer comigo. Vá em frente, Vince, diga-lhe tanto quanto você pensa. Ela vai manter a coisa discreta. Ela é uma de nós agora.

Stephanie quase tremia de prazer, mas Vince Teague pareceu não notar. Ele se inclinou frente, que fixando seus olhos azuis escuros—da cor do oceano num dia ensolarado, nos olhos azuis claros dela.

— Tudo bem. — disse ele. — Comecei a pensar que havia algo de engraçado sobre como ele morreu, bem como sobre quando ele chegou aqui, muito antes da coisa toda sobre o selo. Comecei a me questionar, quando eu percebi que ele tinha um maço de cigarros com apenas um deles usado, embora ele estivesse na ilha desde pelo menos seis e meia. Fui um xarope de verdade no *Bayside News.*

Vince sorriu à lembrança.

— Eu mostrei a todos por lá a imagem de Cogan, incluindo ao menino que varria o chão. Eu estava convencido de que ele devia ter comprado o pacote lá, a menos que ele o houvesse conseguido em uma máquina de vendas em algum lugar como o *Red Roof* ou o *Shuffle Inn* ou talvez no *Sonny's Sunoco.* Do jeito que eu imaginei, ele deve ter terminado seu cigarro enquanto vagava por *Moosie,* depois de sair da balsa, então comprou um novo pacote deles. E percebi também que, se ele o conseguiu no *News,* ele deve tê-lo conseguido pouco antes das onze, que é quando o *News* fecha. Isso explicaria por que ele só fumou um, e só utilizou um de seus novos fósforos, antes de morrer.

— Mas então você descobriu que ele não era um fumante, de fato. — disse Stephanie.

— Correto. A mulher dele disse isso e Cathcart confirmou. E, mais tarde, tive certeza de que o pacote de cigarros era uma mensagem: eu vim do Colorado, procurem por mim lá.

— Nós nunca saberemos ao certo, mas nós dois achamos que foi assim. — disse Dave.

— Je-SUS! — ela quase sussurrou. — Então aonde isso os leva? — mais uma vez eles

se entreolharam e deram de ombros com aqueles idênticos movimentos.

— A uma terra de luares e sombras. — afirmou Vince. — Lugares que escritor nenhum do *Boston Globe* irá, em outras palavras. Mas existem algumas coisas de que tenho certeza no meu coração. Gostaria de ouvi-las?

— Sim!

Vince falou lenta, mas deliberadamente, como um homem tateando seu caminho por um corredor muito escuro, onde ele já esteve muitas vezes antes.

— Ele sabia que estava indo na direção de uma situação desesperada, e ele sabia que poderia não ser identificado se morresse. Ele não queria que isso acontecesse, muito provavelmente porque estava preocupado em deixar sua esposa falida.

— Então ele comprou os cigarros, na esperança de que seriam vistos. — disse Stephanie.

Vince fez uma pausa, depois continuou sem responder a sua pergunta.

— Ele desceu pelo elevador e passou pelo lobby de seu edifício. Havia um carro esperando para levá-lo ao aeroporto *Stapleton*, quer ali ou mesmo ao virar da esquina. Talvez fosse apenas ele e o motorista no carro, talvez houvesse mais alguém. Nós nunca saberemos. Você me perguntou antes se Cogan estava vestindo o casaco quando ele saiu de manhã, e eu disse que George, o Artista não se lembrava, mas Arla disse que nunca mais viu o casaco, talvez por isso ele o tenha levado. Se assim for, acho que ele o tirou dentro do carro, ou no avião. Acho que ele também tirou o paletó. Acho que alguém lhe deu o casaco verde para usar no lugar dele, ou o casaco estava esperando por ele.

— No carro, ou no avião.

— Pois é. — disse Dave.

— E os cigarros?

— Não sei ao certo, mas se eu tivesse que apostar, eu apostaria que eles já estavam no bolso. — disse Dave. — Ele sabia que alguma coisa estava para acontecer… o que quer que fosse. Ele teria colocado os cigarros no bolso da calça, eu acho.

— Então, mais tarde, na praia… — ela viu Cogan, sua versão do Homem do Colorado, acendendo o primeiro cigarro de sua vida—primeiro e último—em seguida, passeando na beira-mar com ele, lá em *Hammock Beach*, sozinho ao luar. O luar da meia-noite. Ele dá uma sugada na fumaça estranha. Talvez duas. Então, ele joga o cigarro no mar. Então… o quê?

— O quê?

— O avião o deixou em Bangor. — ouviu-se dizendo em uma voz que soou dura e desconhecida para ela.

— Pois é. — Dave concordou.

— E a sua viagem de Bangor o deixou em *Tinnock*.

— Sim. — disse Vince.

— Ele comeu uma cesta de peixe e batatas fritas.

— De fato. — Vince concordou. — A autópsia comprova isso. Assim como o meu nariz. Senti o cheiro de vinagre.

— A essa altura sua carteira já teria desaparecido?

— Nós não sabemos. — disse Dave. — Nós nunca saberemos. Mas eu acho que sim. Eu acho que ele a deixou para trás com seu outro casaco, seu paletó, e sua vida normal. Eu acho que o que ele recebeu em troca foi uma jaqueta verde, da qual ele também se livrou mais tarde.

— Ou fora retirado do seu cadáver. — afirmou Vince.

Stephanie estremeceu. Ela não pôde evitar.

— Ele atravessa a ilha *Moose-Lookit* na balsa das seis horas, trazendo para Gard Edwick um copo de café no caminho— o que poderia ser interpretado como o chá para o piloto, ou o barqueiro.

— Sim. — disse Dave. Ele parecia muito solene.

— Até então, ele não tem carteira, nem identificação, apenas dezessete dólares e alguns trocados que talvez inclua uma moeda de dez rublos. Você acha que a moeda poderia ter sido… oh, eu não sei… algum tipo de identificação, como em um romance de espionagem? Quer dizer, a guerra fria entre a Rússia e os Estados Unidos ainda estaria em curso, certo?

— A pleno vapor. — afirmou Vince. — Mas Steffi, se você estava indo negociar com um agente secreto russo, você usaria um rublo pra se apresentar?

— Não. — ela admitiu. — Mas por qual outro motivo ele o tem? Para mostrar a alguém, isso é tudo no que eu posso pensar.

— Eu sempre tive a intuição de que alguém deu a ele. — disse Dave. — Talvez, juntamente com um pedaço frio de bife de vaca, embrulhado em um pedaço de papel alumínio.

— Por quê? — perguntou ela. — Por que fariam isso?

Dave balançou a cabeça.

— Eu não sei.

— Havia alumínio encontrado na cena? Talvez tenha sido jogado no lado mais distante da praia?

— O'Shanny e Morrison com certeza não procuraram — disse Dave. — Eu e Vince fizemos uma caçada ao redor da *Hammock Beach* depois que aquela fita amarela foi tirada— não especificamente por alumínio, você compreende, mas por qualquer coisa que pudesse pertencer ao morto, qualquer coisa. Nós não encontramos nada—exceto os usuais papéis de bala e sorvete.

— Se a carne estava em numa folha de alumínio ou num saquinho, o Homem poderia muito bem tê-lo jogado na água, junto com o cigarro. — afirmou Vince.

— Sobre aquele pedaço de carne na garganta…

Vince estava sorrindo um pouco.

— Eu tive várias conversas longas sobre aquele pedaço de bife com o Dr. Robinson e o Dr. Cathcart. Dave esteve em algumas delas. Lembro-me de Cathcart dizendo uma vez, tinha de ser não mais de um mês antes do ataque cardíaco que lhe tirou a vida, seis ou sete anos atrás, "Você vai voltar para esse velho negócio da mesma maneira como uma criança que perdeu um dente cutuca o buraco com a ponta da língua". E eu pensei comigo mesmo, sim, que ele estava exatamente certo, seria exatamente assim. É como um buraco que eu não posso parar de cutucar e lamber, tentando encontrar o fundo.

— A primeira coisa que eu queria saber era se aquele pedaço de carne poderia ter sido enfiado na garganta de Cogan, ou com os dedos, ou com algum tipo de instrumento, depois que ele estava morto. E a idéia já passou pela sua cabeça, não é?

Stephanie assentiu.

— Ele disse que era possível, mas improvável, porque aquele pedaço de bife não só tinha sido mastigada, mas mastigado o suficiente para ser ingerido. A coisa não era realmente mais carne, mas o que ele chamou de "polpa de massa orgânica". Alguém poderia tê-la mastigado muito, mas teria sido improvável que o enfiassem lá após fazê-lo, com medo de que teria parecido insuficiente para causar a morte. Você está me acompanhando? — ela assentiu com a cabeça novamente.

— Ele também disse que a carne mastigada seria difícil de manipular com um instrumento. É que tendem a se desmanchar quando empurradas do fundo da boca para dentro da garganta. Dedos poderiam fazê-lo, mas Cathcart disse que acreditava que ele teria visto sinais disso, muito provavelmente nos ligamentos da mandíbula. — ele fez uma pausa, pensando, então balançou a cabeça. — Há um termo técnico para esse tipo de estiramento do

queixo, mas eu não lembro.

— Diga a ela o que Robinson lhe contou. — disse Dave. Seus olhos estavam brilhando. — Não é algo que definiu o rumo das coisas no fim das contas, mas eu sempre pensei que era realmente interessante.

— Ele disse que havia certos relaxantes musculares, alguns deles exóticos, e o lanche da meia-noite de Cogan poderia ter sido misturado com um desses. — afirmou Vince. — Ele conseguiria dar as primeiras mordidas e engoli-las normalmente, de acordo com o que foi encontrado em seu estômago, e então, se tentasse engolir outra vez, não conseguiria, ficando engasgado.

— Isso, deve ter sido isso! — Stephanie gritou. — Quem quer que tenha dado a carne ficou lá, apenas assistindo ele engasgar! Então, quando Cogan estava morto, o assassino o colocou contra a cesta de lixo e tomou o resto do bife para que ele nunca pudesse ser testado! Não foi uma gaivota, afinal de contas! Foi… — ela parou, olhando para eles. — Por que vocês estão balançando suas cabeças?

— A autópsia, querida. — disse Vince. — Nada disso apareceu nos testes do cromatográfico sobre gases e sangue.

— Mas se fosse algo exótico o suficiente…

— Como em um livro de Agatha Christie? — Vince perguntou, com uma piscadela e um sorriso. — Bem, talvez… mas havia também um pedaço de carne em sua garganta, lembra?

— Ah. Certo. Dr. Cathcart o tinha para testar, não é? — ela ficou um pouco desapontada.

— Pois é. — Vince concordou — E foi o que ele fez. Nós até podemos ser uns ratos caipiras, mas ocasionalmente temos pensamentos obscuros. E a coisa mais próxima de veneno encontrada no pedaço de carne mastigado foi um pouco de sal.

Ela ficou em silêncio por um momento. Então ela disse (numa voz muito baixa): “Talvez fosse o tipo de coisa que desaparece”.

— Sim. — disse Dave, e sua língua lambeu o interior de uma bochecha. -Como as luzes costeiras, após uma ou duas horas.

— Ou o resto da tripulação do Lisa Cabot. — adicionou Vince.

— E uma vez que ele tenha saído da balsa, não dá pra saber para onde ele foi.

— Não, senhora. — disse Vince. — Investigamos isso há mais de vinte e cinco anos e nunca encontramos viva alma que afirma tê-lo visto antes de Johnny e Nancy a quinze minutos depois das seis da manhã de vinte e quatro de abril. E só para constar nos autos—não que

alguém tenha algum—eu não acredito que alguém tenha tirado as sobras da carne de sua mãe depois que ele se engasgou. Eu acredito que uma gaivota tenha roubado-a da mão do morto, do jeito que sempre supomos. E, caramba, eu realmente tenho que começar a me mexer.

— E eu tenho que começar com essas faturas. — disse Dave. — Mas primeiro, eu acho que outra pequena parada é viável. — dito isso, ele correu para o banheiro.

— Acho que é melhor eu começar a coluna. — disse Stephanie. Então ela explodiu, meio rindo e meio séria. — Mas eu quase não queria que vocês tivessem me contado, se vocês estavam para me deixar em suspenso! Serão necessárias semanas antes que eu consiga tirar isso da minha mente!

— Passaram-se vinte e cinco anos e ainda não está fora da nossa. — afirmou Vince. — E pelo menos agora você sabe o porquê de não termos contados àquele cara do *The Globe.*

— Sim. Eu sei.

Ele sorriu e acenou com a cabeça.

— Você vai fazer tudo certo, Stephanie. Você vai fazer tudo muito bem. — deu ao ombro dela um aperto amigável, e depois saiu para a porta, pegando o caderno de repórter de sua mesa lotada no meio do caminho, e o colocando em seu bolso traseiro. Ele estava com noventa, mas ainda caminhava rápido, apenas suas costas se curvavam ligeiramente à idade. Ele usava uma camisa branca de cavalheiro, suas costas cruzadas por suspensórios. Do outro lado do quarto, ele parou e se virou para ela novamente. Um feixe de luz solar vespertina bateu em seu cabelo grisalho e o transformou numa espécie de aureola.

— Tem sido um prazer tê-la conosco. — disse ele. — Eu quero que você saiba

disso.

— Obrigada. — ela esperava não soar tão emocionada como se sentiu de repente. — Tem sido maravilhoso. Fiquei um pouco duvidosa no início, mas… mas agora eu acho que me enganei. É um prazer estar aqui.

— Você já pensou em ficar? Acho que já.

— Sim. Pode apostar que já.

Ele assentiu com a cabeça gravemente.

— Dave e eu temos falado sobre isso. Seria bom ter um pouco de sangue novo na equipe. Um pouco de sangue jovem.

— Vocês rapazes vão durar por anos. — disse ela.

— Oh, sim. — disse ele, cansado, como se isso fosse um fardo, e quando ele faleceu, seis meses depois, Stephanie estaria sentada em uma igreja fria, tomando notas sobre o serviço em seu próprio caderno de repórter, e pensando: Ele sabia o que estava por vir.

— Eu vou estar por aqui por anos ainda. Ainda assim, se você quiser ficar, nós gostaríamos de tê-la. Você não tem de responder agora, mas considere isso uma oferta.

— Tudo bem, eu considerarei. E eu acho que ambos sabemos qual será a resposta.

— Isso é bom, então. — ele começou a virar, em seguida, voltou-se pela última vez. — A aula está quase acabando por hoje, mas eu poderia te dizer mais uma coisa sobre o nosso negócio. Posso?

— Claro.

— Existem milhares de jornais e dezenas de milhares de pessoas a escrever histórias para eles, mas há apenas dois tipos de histórias. Há notícias, que normalmente não são histórias de todo, mas apenas prévias do que está por vir. Coisas como essa não têm que ser histórias. Pessoas pegam um jornal para ler sobre o sangue e as lágrimas, e a maneira como as pessoas diminuem a velocidade para olhar um acidente na estrada, para, em seguida, seguirem em frente. Mas o que eles encontram no interior do jornal?

— Grandes histórias. — diz Stephanie, pensando em Hanratty e seus mistérios inexplicáveis.

— Sim. E elas são histórias. Cada uma delas tem um começo, um meio e um fim. Isso as faz felizes, Steffi, sempre são notícias felizes. Mesmo que a história seja sobre uma secretária da igreja que provavelmente matou metade da congregação no piquenique da igreja porque o seu amante a abandonou, essa é uma notícia feliz, e por quê?

— Eu não sei.

— É melhor saber. — disse Dave, saindo do banheiro e ainda enxugando as mãos em um papel toalha. — É melhor você saber se você quiser entrar neste negócio, e entender o que é que você está fazendo. — ele jogou o papel toalha na lixeira pelo caminho.

Ela pensou a respeito.

— Grandes histórias são histórias felizes, porque elas têm um final.

— Certo! — Vince gritou, sorrindo. Ele jogou as mãos no ar como um pregador de aleluias. — Elas têm resolução! Elas têm um desfecho! Mas as coisas têm um começo, um meio e um fim na vida real, Stephanie? O que sua experiência lhe diz?

— Quando se trata de trabalho no jornal, eu não tenho muita. — disse ela. -Só de jornais da faculdade e, você sabe, e da *Arts 'N Things.*

Vince deu uma leve tapa no ar como que contrariado.

— Sua mente e seu coração, o que eles dizem?

— Que a vida normalmente não funciona desse jeito. — Ela estava pensando em um jovem rapaz com quem ela teria de lidar se decidisse ficar aqui além de quatro meses… e isso poderia ser confuso. Provavelmente seria. Rick não aceitaria bem a notícia, porque na mente de Rick, não era assim que a história deveria seguir.

— Eu nunca li uma reportagem que não fosse mentira. — Vince disse suavemente. — Mas normalmente você pode fazer uma mentira caber na página. Esta em especial nunca iria se encaixar. A menos que… — ele deu de ombros.

Por um momento ela não soube o que significou aquele dar de ombros. Então se lembrou de algo que Dave tinha dito não muito tempo após saírem para sentarem-se, no deque iluminado pelo sol de Agosto. “A história é nossa!”, ele disse quase zangado. “Um cara do *The Globe,* um cara de fora—ele estragaria tudo”.

— Se vocês a tivessem dado para Hanratty, ele a teria publicado, não teria? — ela perguntou.

— Não era nossa para dar, porque não somos os proprietários dela. — afirmou Vince. — Ela pertence a quem quer que a investigue.

Sorrindo um pouco, Stephanie balançou a cabeça.

— Eu acho isso uma dissimulação. Eu acho que você e Dave são as duas últimas pessoas vivas que sabem da coisa toda.

— Nós éramos. — disse Dave. — Agora tem você, Steffi.

Ela assentiu para ele, reconhecendo o elogio implícito, então voltou sua atenção para Vince Teague, com as sobrancelhas levantadas. Depois de um segundo ou dois, ele riu.

— Nós não contamos a ele sobre o Homem do Colorado, porque ele o teria tomado como um inexplicável e verdadeiro mistério, e o transformado em apenas mais uma história de destaque passageiro. — afirmou Vince. — Não por mudar qualquer um dos fatos, mas por enfatizar uma coisa, (o conceito do relaxante muscular que tornaria difícil ou impossível de engolir, vamos dizer) deixando algo de fora.

— Que não havia nenhum sinal do relaxante neste caso, por exemplo. — disse Stephanie.

— Pois é, talvez isso, talvez algo mais. E talvez ele tivesse escrito dessa forma por conta própria, simplesmente porque fazer uma reportagem sobre coisas que não são bem uma história por conta própria, tende a se tornar um hábito, depois de certo número de anos no

negócio, ou talvez seu editor a devolvesse para que ele a reescrevesse.

— Ou o editor poderia tê-lo feito ele próprio, se o tempo estivesse apertado. —Dave disse.

— Sim, os editores são conhecidos por fazerem isso também. — Vince concordou. — De qualquer forma, o Homem do Colorado teria muito provavelmente acabado como o volume número sete ou oito da série de "Mistérios Inexplicáveis" de Hanratty no *New England,* algo para as pessoas se maravilhassem por quinze minutos, mais ou menos, no domingo, e para servir de banheiro para seus gatinhos na segunda-feira.

— E não seria mais seu. — disse Stephanie.

Dave assentiu, mas Vince acenou com a mão como se quisesse dizer "Oh, besteira."

— Eu poderia agüentar, mas isso teria pendurado uma mentira ao redor do pescoço de um homem que já não está mais vivo para refutá-la, e isso eu não agüentaria. Porque eu não preciso. — ele olhou para o relógio. — Em todo caso, eu estou indo. Quem quer que seja o último a sair, certifique-se de trancar tudo, certo?

Vince saiu. Eles viram-no ir, então Dave se virou para ela.

— Mais alguma pergunta?

Ela riu.

— Uma centena, mas nenhuma que você ou Vince possam responder, eu

acho.

— Contanto que você não se canse de perguntar, isso é ótimo. — ele andou até sua mesa, sentou-se, e puxou uma pilha de papéis com um suspiro. Stephanie começou a se voltar na direção de sua própria mesa; em seguida, algo chamou sua atenção no quadro de avisos na parede, no canto da sala, diante da mesa lotada de Vince. Ela se aproximou para olhar de perto. A metade esquerda do quadro de avisos estava coberta com antigas páginas principais do *The Islander*, a maioria já amarelada e amassada. Lá em cima, no canto, pregada, estava a primeira página da semana de 09 de Julho de 1952. A manchete dizia "**LUZES MISTERIOSAS SOBRE HANCOCK FASCINAM MILHARES**".

Abaixo, a foto era creditada a um Vincent Teague—que teria apenas trinta e sete anos então, se ela fez a matemática certa. A foto em preto-e-branco mostrava um campo da Pequena Liga com um outdoor bem no meio que dizia **HANCOCK LUMBER SEMPRE SABE O PLACAR!** Para Stephanie a foto parecia ter sido tirada durante o crepúsculo. Os poucos adultos no conjunto único de arquibancadas estavam de pé e olhando para o céu. Assim também estava o Receptor, que ficou de pé no "home plate" com sua máscara na mão direita. Um conjunto de jogadores—a equipe visitante, ela imaginou—se amontoou em torno da

terceira base. As outras crianças, vestindo jeans e camisetas com as palavras **HANCOCK LUMBER** impressas na parte de trás, estavam em fila, sobre o campo interno, todos olhando para cima. E sobre o monte do arremessador, um garotinho, que fora o próprio arremessador, acenava com sua luva para um dos brilhantes círculos que pairavam no céu, logo abaixo das nuvens, como se quisesse tocar aquele mistério, e trazê-lo para perto, abrir seu coração, e conhecer sua história.

POSFÁCIO

Dependendo se você gostou ou odiou “O Homem do Colorado” (acho que para muitos não haverá meio termo neste assunto, e tudo bem por mim), você tem meu amigo Scott para agradecer ou culpar. Ele me trouxe o recorte de jornal que inspirou a história.

Cada escritor de ficção teve alguém que lhe trouxesse um recorte de vez em quando, certo de que o sujeito fizesse uma história maravilhosa. “Você só tem que mudar um pouco,” o Portador de recorte diz com um sorriso otimista. Eu não sei como isso funciona com outros escritores, mas nunca funcionou comigo, e quando Scott me entregou um envelope com um recorte de um jornal do Maine dentro, eu esperei mais do mesmo. Mas minha mãe não criou ingratos, então eu agradeci, levei para casa, e atirei-o na minha mesa. Um ou dois dias depois, rasguei o envelope, li a história, e fiquei imediatamente galvanizado.

Eu perdi o recorte desde então, e pela primeira vez o Google, o salvador de idiotas do século 21, não me ajudou em nada, então tudo o que posso fazer é resumir a partir da minha memória, uma fonte de referência notoriamente não confiável. No entanto, neste caso, pouco importa, desde que a história foi apenas a faísca que acendeu o pequeno fogo que queimou por estas páginas, e não o próprio fogo.

O que chamou minha atenção imediatamente após ver aquela matéria foi o desenho de uma vermelha e brilhante bolsa. A história era da jovem que era sua dona. Ela foi vista um dia, andando pela principal rua de uma comunidade em uma pequena ilha da costa do Maine, com a bolsa vermelha no braço. No dia seguinte ela foi encontrada morta em uma das praias da ilha, sem a bolsa ou identificação de qualquer tipo. Até a causa de sua morte era um mistério, e embora tenha sido, eventualmente, oficializado como afogamento, com o álcool talvez contribuindo para isso, o diagnóstico permanece experimental até hoje. A jovem acabou por ser identificada, mas não até que seus restos houvessem passado um longo e solitário tempo em uma cripta continental. E eu fui deixado novamente com um sabor de mistério que as ilhas do Maine como Cranberry e Monhegan sempre deixam em mim—suas contrastantes, porém estranhamente, corteses atmosferas da comunidade e da solidão. Existem poucos lugares na América, onde a linha entre o pequeno mundo interior e todo o grande mundo exterior é tão firme e profundamente estabelecida. Cidadãos de ilhas estão cheios de calor para aqueles com quem se identificam, mas mantêm os seus segredos guardados para os que não. E como Agatha Christie mostra tão memoravelmente em “O Caso dos Dez Negrinhos”, não há sala trancada tão grande como uma ilha, mesmo em uma onde o continente parece a apenas um passo de distância em uma clara tarde de verão, não há lugar tão perfeitamente feito para um mistério.

Mistério é o meu assunto aqui, e estou ciente de que muitos leitores se sentiram enganados, mesmo irritados, por minha incapacidade de oferecer uma solução ao tal colocado. Será que é porque eu não tive nenhuma solução para dar? A resposta é não. Se eu tivesse

posto o meu juízo para trabalhar (como Richard Adams coloca em seu posfácio de “Shardik”), eu poderia provavelmente dar meia dúzia, três bons, dois ótimos, e um excelente como uma pintura. Eu suspeito que muitos de vocês que leram o caso sabem quais são alguns ou todos eles. Mas, neste caso eu estou mais interessado no mistério do que na solução. Porque foi o mistério que me trouxe de volta a história, dia após dia.

Preocupei-me com aqueles dois velhotes, roendo incessantemente o caso durante seu tempo livre mesmo que os anos fossem passando e eles fossem ficando cada vez mais senis? Sim, eu me preocupei. Preocupei-me com Stephanie, que está passando por um tipo de teste, e sendo julgada por juízes gentis, mas duros na queda? Sim—eu queria que ela para passasse. Eu estava feliz com cada pequena descoberta, cada pequeno raio de luz lançado? Claro que sim. Mas na maior parte, o que me atraiu foi o pensamento do Homem do Colorado, sustentado contra uma lata de lixo e olhando para o oceano, uma anomalia que se estendia à mais flexível credulidade até o ponto de aderência absoluta. Talvez até um pouco além. No final, eu não me importei com como ele chegou lá, como um rouxinol vislumbrado no deserto, simplesmente me tirou o fôlego o fato de que ele estava lá.

E, claro, eu queria ver como meus personagens lidariam com o fato. Descobriu-se que se saíram-se muito bem. Eu estava orgulhoso deles. Agora vou aguardar meu correio, tanto o normal quanto o eletrônico, e do caracol de variedades, e ver como vocês lidaram com ele.

Eu não quero deturpar os pontos, mas antes de me despedir, quero que você considere o fato de que vivemos numa teia de mistérios, e simplesmente nos acostumamos tanto a riscar uma palavra e a substituí-la por uma que achemos melhor, essa sendo “realidade”. De onde viemos? Onde estávamos antes de chegarmos aqui? Não sabemos. Para onde vamos? Não sabemos. Um monte de igrejas tem aquilo que nos garantem serem as respostas, mas a maioria de nós tem uma pequena suspeita de que tudo isso possa ser embromação para preencher os vazios. Enquanto isso, nos encontramos numa espécie de jogo compulsório de queimada enquanto estamos em queda livre do “sabe se lá onde” para o “não tenho idéia do que vem a seguir”. Algumas vezes as bombas explodem, algumas vezes os aviões aterrissam seguros e algumas vezes os testes sangüíneos dão “limpo” e algumas vezes as biópsias dão “positivas”. Na maioria das vezes a ligação telefônica terrível não acontece no meio da noite, mas às vezes sim, e de qualquer forma, ficamos sabendo que vamos dirigir a toda velocidade rumo a algum eventual mistério.

É loucura ser capaz de viver com isso e manter a sanidade, mas também é bonito. Eu escrevo para saber o que eu penso e o que eu descobri escrevendo “O Homem do Colorado” foi que, talvez—só talvez—seja a beleza do mistério que nos permite viver sãos enquanto pilotamos nossos corpos frágeis através deste mundo de demolição em massa. Queremos sempre alcançar as luzes no céu, e nós sempre queremos saber de onde o Homem do Colorado (o mundo está cheio de Homens do Colorado) veio. Querer pode ser melhor do que saber. Eu não digo isso com certeza, eu apenas sugiro. Mas se você me disser que eu falhei no trabalho e não contei a todos a história que tinha que contar, eu digo que você está totalmente errado.

Disso eu tenho certeza.

Stephen King,

31 de Janeiro de 2005.

[1] Seriado que teve doze temporadas entre 1984 e 1996, criado por Peter S. Fincher, onde a protagonista, Angela Lansbury, é uma escritora de romances de mistérios que investiga assassinatos que ocorrem ao seu redor.

[2] Mudança química no corpo de um cadáver que o faz ficar rígido.

[3] Fotógrafo do Planeta Diário, onde trabalha Clark Kent, o Super-Homem.

[4] Revista de mistérios, publicada por dois primos com este nome, em forma de pseudônimo, cujo protagonista também tinha este mesmo nome.

[5] Exímia atiradora americana que viveu no Velho Oeste vivendo de apresentações com seu talento.

[6] Método pré-hospitalar para desobstruir as vias aéreas superiores. Consiste em induzir uma tosse artificial, usando as mãos para pressionar o diafragma da vítima, comprimindo seu pulmão, resultando na expulsão do corpo estranho.

[7] Autor americano do século 19 que escrevia livros para o público juvenil.

[8] O nome original do livro é “The Moon is a Harsh Mistress” (A Lua é uma Senhora Severa), mas no Brasil foi publicado com o nome de Revolta na Lua.